O MUNDO DO LIVRO
11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 369951
LISBOA

RB186,001

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

TRIUNFO
DO
ROSARIO

REPARTIDO EM SINCO AUTOS
do meſmo muito devotos, e divertidos.

TRIUNFO
DEL
ROSARIO

TRIUNFO
DO
ROSARIO
REPARTIDO EM SINCO AUTOS
do meſmo muito devotos, e divertidos, pelas ſingulares idéas, com que os compoz
A MUITO REVERENDA MADRE
MARIA DO CEO,
Religioſa, e duas vezes Abbadeſſa do Religioſiſſimo Moſteiro da Eſperança de Lisboa da Provincia de Portugal,
Dado a eſtampa pelo coſtumado zelo, com que jà mandou imprimir os outros tomos o
P. FRANCISCO DA COSTA,
do habito de S. Pedro; e à ſua cuſta.

LISBOA OCCIDENTAL.
Na Offic. de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impreſſor do Sãnto Officio.

ANNO MDCCXL.
Com todas as licenças neceſſarias.
Vende-ſe na loge de Felix Rodrigues de Carvalho na Rua nova.

TRIUNFO
DO
ROSARIO

PROLOGO.

MUITO me tenho dilatado em publicar mais algumas Obras da M. R. M. Soror Maria do Ceo, Religioſa, e duas vezes Abbadeſſa do religioſiſſimo Moſteiro da Eſperança de Lisboa da Provincia de Portugal; porèm a cauſa deſta dilaçaõ, alèm de algumas moleſtias, e negocios, que me embaraçáraõ baſtante tempo, o impedimento mayor foy tirar da prizaõ ſinco Autos do Roſario, que neſte ſetimo Tomo te offereço; porque ſua Authora ſentida, e eſcarmentada dos furtos, que lhe fizeraõ das mais Obras, que contra ſua vontade ſe imprimíraõ, apertou mais a prizaõ das que lhe ficáraõ, que naõ foy poſſivel poder-lhe achar algumas, de que lançaſſe maõ, porque nunca ſe deſcuidou de as guardar, aonde ſe naõ pudeſſem deſcubrir. Foy paſſando o tempo, e continuando tambem o zelo de muitas Religioſas empenhadas, e deſejoſas de que naõ ficaſſem ſepultadas taõ ſingulares Obras, e de que ſe fizeſſem publicas, para recrearem

arem com taõ proveitoſa liçaõ aos curioſos, e eſpirituaes, que ha muito tempo, que as eſperaõ, atè que finalmente as deſcobríraõ, onde menos cuidavaõ, que foy como theſouro eſcondido no campo; alegráraõ-ſe muito com o invento, e no meſmo inſtante me foy remettido, para que eu as puzeſſe em eſtado de ſe imprimirem, no que naõ houve muita dilaçaõ, e jà ſe ficaõ traſladando outras Obras, para ſe formar oitavo tomo, que naõ ſerá menos divertido, e proveitoſo pelos ſeus aſſumptos, e documentos; e entre tanto ſe naõ deſcuidaõ as Religioſas exploradoras de revolverem todo o theſouro, para tirarem delle o novo, e o velho.

Vale.

IN-

INDEX

Dos titulos dos finco Autos do Rosario.

La Flor de las Finezas, pag. 1.
Rosal de Maria, pag. 59.
Perla, y Rosa, pag. 123.
Las Rosas con las espigas, pag. 182.
Trez Redenciones del Hombre, pag. 231.

Só quem ler com attençaõ estes Autos, conhecerá o fruto espiritual, que delles se tira.

LI-

LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.

O Padre M. Fr. Antonio Felgueiras, Qualificador do Santo Officio, veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 30. de Novembro de 1739.

Fr. R. de Alançastro. Teixeira. Sylva, Soares. Abreu.

EMINENTISSIMO SENHOR.

Satisfazendo ao que V. Eminencia me ordena, vi com attençaõ o livro intitulado *Triunfo do Rosario*, repartido em sinco Autos tambem rezoados pela muito R. Madre Soror Maria do Ceo, Religiosa, e duas vezes Abbadessa do reformadissimo Convento da Esperança de Lisboa, que os julgo concluſos para a decisaõ a final de poderem sahir à luz por meyo do prélo; porque tudo o que destes Autos consta se conforma com a pureza de nossa Santa Fé, e bons costumes. He esta obra taõ divertida, como util para todos, pois attrahidos, e recrea-

creados com o ſuave cheiro de taõ excellentes flores, e perſuadidos com a ſólida verdade de taõ ajuſtados diſcurſos, poderáõ alcançar o glorioſo triunfo, de que trata eſte tomo, que ſendo o ſetimo das obras deſta eſclarecida Religioſa, parece em tudo primeiro na delgadeza de ſeus conceitos, e efficacia de ſeus documentos, com que a todos perſuade o ſeguimento mais fervoroſo da devoçaõ do Roſario da Mãy de Deos, ſendo pois eſta obra taõ util, como agradavel, ſe faz digna da licença, que ſe pede. Aſſim o julgo, V. Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, no Hoſpicio do Duque, em 20. de Novembro de 1739.

Fr. Antonio de Felgueiras,
Religioſo de Saõ Franciſco da Provincia da Soledade.

O Padre M. Fr. Jozé da Aſſumpçaõ, Qualificador do Santo Officio, veja o livro, de que ſe trata, e informe com ſeu parecer. Lisboa Occidental 20. de Novembro de 1739.

Fr. R. de Alancaſtro. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

EMI-

ESta he a ſetima corda, (ſeteſaõ os tomos, que deſta Religioſa com eſte ſe daõ a eſtampa) que compõe à imitaçaõ das antigas (1) a ſuave cithara, com que a muito Religioſa Madre Soror Maria do Ceo no da ſua eſperança, em que aſſiſte, arrebata a todos para o verdadeiro; porque ao peito humano ſoube apriſionar com a ajuſtada conſonancia deſtas melifluas cordas de ſorte, que jà cada hum pelos toques de cada huma transformado (2) na meſma cithara ſe acha quaſi celeſte, para que ſe naõ duvide, moſtra neſte bem acertado complemento do ſeu encanto o como tem ſinco Eſtrellas (3) ſingularmente lu-

1 Antiquitùs autem cithara ſeptem chordis erat. Forma citharæ initio ſimilis fuiſſe traditur pectori humano. *S. Iſidor. Heſpan.*

2 Nam pectus Dorica lingua cithara vocatur. *Origen. lib.* 3. *cap.* 11.

3 Ex innumerabili ſtellarum multitudine quinque tantùm ſunt eæ prædictæ prærogativæ, ut mundi cauſam gererent, humanis rebus omnibus conſulerent, nihilque apud mortales fieri, quod ab earum arbitrio non penderet. *Pierio lib.* 37. *de Quin.*

luzidas, e peregrinamente brilhantes, com que a todos domina, e por meyo de seus resplandores com linda estrella nos pertende encaminhar para a gloria. Eu assim o julgo, porque os presentes sinco Autos, que intenta fazer publicos o R. P. Francisco da Costa assim o razoaõ; e como a fé os abraça, e sejaõ de bons, santos, e louvaveis costumes, naõ póde offerecerse duvida, que impeça, mediante o prélo, virem ao conhecimento do que por elles se deve alcançar lidos com a attençaõ, que se lhe pede. He o que me parece. Lisboa Occidental, Convento da Senhora da Boa Hora de Religiosos Eremitas Agostinhos Descalços, 30. de Novembro de 1739.

O Mestre Fr. Jozé da Assumpçaõ.

VIstas as informações, póde-se imprimir o livro intitulado *Triunfo do Rosario*; e depois de impresso tornará, para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 5. de Dezembro de 1739.

Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Soares. Abreu.

DO

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe imprimir o livro, de que ſe trata; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 12. de Dezembro de 1739.

Gouvea.

DO PAÇO.

O Padre Meſtre Fr. Franciſco de Santa Tereza, de S. Franciſco da Provincia de Portugal, veja o livro, de que ſe faz menção; e interpondo o ſeu parecer, o remetta a eſta Meſa. Lisboa Occidental 14. de Dezembro de 1739.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho. Coſta.

SENHOR.

SEndo eſte livro, que V. Mageſtade me manda ver, producçaõ do ſublime, e naõ vulgar engenho da M. R. M. Soror Maria do Ceo, Religioſa do Real Moſteiro da Eſperança deſta Cidade

dade de Lisboa, e nelle duas vezes Abbadeſſa, naõ neceſſita de outra approvaçaõ, depois daquella, que jà lhe tem adquirido à muito tempo a fama dos ſeus eſcritos. Eſta Religioſa tem illuſtrado tantas vezes o prélo com as ſuas diſcretas compoſições, que jà ſe podiaõ eſtampar os ſeus livros ſem mais exame, que o ſaberſe que ſaõ ſeus. O ſeu nome he taõ reſpeitado na Republica das letras, que baſta vello no principio das ſuas Obras, para lhes dar a mais profunda veneraçaõ. Adornou Deos o eſpirito deſta inſigne Autora de taõ eminentes qualidades, que parece quiz honrar nella o ſeu ſexo infamado de inutil para o exercicio das artes, e ſciencias. Continuamente a vemos applicada por genio, e por eſtudo a toda a ſorte de Poeſia; e executa taõ perfeitamente os preceitos deſta Arte Divina, que atè o que eſcreve em proza tem ar, e ſuavidade de rima. As ſuas idéas ſaõ altas, o eſtylo armonioſo, os conceitos profundos, as metaforas proprias, as allegorias ſolidas, as expreſsões graves, a fraze mageſtoſa, em fim tudo quanto tenho viſto deſta Religioſa Authora acre-

dita

dita a Naçaõ, de que V. Mageſtade he Pay, e a Santa Provincia, de que ella he Filha; e niſto digo tudo a V. Mageſtade, e lhe faço a ella todo o ſeu elogio. Neſte livro naõ ha couſa contra o eſpirito das prudentes Reaes leys de V. Mageſtade, antes o julgo naõ ſó digno da luz da eſtampa, ſenaõ tambem merecedor de ter o melhor lugar nas douradas eſtantes da Real Biblioteca de V. Mageſtade, e de andar ſempre nas ſuas Reaes mãos, aſſim como andavaõ as Obras de Homero nas mãos de Alexandre o grande. Eſte he em poucas palavras o meu ſentimento, V. Mageſtade ordenará o que for ſervido. S. Franciſco da Cidade de Lisboa Occidental, em 15. de Dezembro de 1739.

Fr. Franciſco Xavier de S. Tereza.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornará, para ſe conferir, dar licença, e taixar, que ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental, 16. de Dezembro de 1739.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

ACchey neſta obra algumas regras de accreſcimo, mas nellas naõ ſe contém couſa alguma contra noſſa Santa Fé, e bons coſtumes; e em tudo o mais eſtá conforme com o ſeu original. Lisboa Occidental no Hoſpicio do Duque em 5. de Julho de 1740.

Fr. Antonio de Felgueiras.

PO'de correr. Lisboa Occidental 5. de Julho de 1740.

Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

VIſta a informaçaõ, e ſe achar conforme ao ſeu original, póde correr. Lisboa Occidental 5. de Julho de 1740.

Salter.

TAxaõ eſte livro em trezentos reis. Lisboa Occidental 6. de Julho de 1740.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho. Coſta.

LA FLOR DE LAS FINEZAS.

Auto alegorico DEL ROSARIO.

Perſonas, que hablan en el.

El Rey.	*El Hombre.*
Clemencia Infanta.	*El Principe.*
Severa Infanta.	*El Plebeo.*
Angelo.	*El Paſtor.*
Luzbelo.	*La Sombra.*

Muſica.

Avrá en el tablado otro más llevantado, por donde ſale El Rey.

Rey. HA del Palacio de las luzes, Divas,
Coronado de palmas, y de olivas,
Pues, por mayores glorias,

Sus piedades abrazan ſus vitorias,
Del emiſferio de las gracias bellas,
Que, no toca, mas piza las eſtrellas,
Hija, ſi, de mi amor, q̃ no lo eſconde.
Reſponde, que te llamo.

Sale Clemencia con ramo de oliva.

Clem. Ya reſponde,
A tus plantas proſtrada
Tu hija amante,
Tu Clemencia amada.

Rey. Llega a mis braços, hija.

Clem. Ya los toco.

Rey. Mi pecho es tu lugar.
Aguarda un poco.
Ha del eſtable trono de diamantes,
Coronado de rayos fulminantes,
Nò del tonante Numen fabuloſo,
Las armas, ſi, del todo poderoſo,
La Severa deidad, que en el habita,
Llegue a mi imperio, pues la ſolicita.

Sale Severa con las inſignias de la Juſticia.

Sever. A tus preceptos, Gran Señor, ſe ajuſta,
Tu hija recta, tu Severa auguſta.

Rey. Hijas, la una, y otra tan querida,
Que, eſtando igual, parece preferida,

Y aun que en genios opueſtos declaradas,
A las dos amo, como vinculadas,
Os llamé, q̃ oy importa à mi cuidado
Vueſtra perſona, y parecer.
Sev. Tu lado
Me mira ſiempre armada
De la Juſticia con la ardiente eſpada,
Para vengar tu honor del atrevido.
Clem. Y yo, que tus piedades he bebido,
A tu lado tambien; ò Rey, me miras;
Mas ha de ſer para templar tus iras,
Que en eſto te doy guſto,
Por màs que en tus enojos ſeas juſto,
Y anſi te ſoy
Rey. Clemencia tan ſuave,
Que nò oza a aparecer mi rigor grave
Delante tu preſencia,
Porque teme el rigor a la Clemencia;
Y tanta es tu privança,
Que quitas de mi mano eſpada, y lãça.
Y tu Severa hermoſa,
En la contraria accion tan poderoſa,
Que de tu braço fio
A la ſatisfacion del honor mio,
Siendo en ſu guarda por mal fuerte
Palas Divina, ſi Belona fuerte.

Sev. Aun que en la condicion tanto diſtamos,
El oſculo de paz, Señor, nos damos,
Y abraçadas, y unidas *abraçan-ſe.*
Una alma conſervamos en dos vidas.
Clem. Y en contrarios compueſtos
Sola una voluntad en dos opueſtos.
Sev. Quando de eſta concordia
Ya vueſtro Real Profeta hizo memoria.
Rey. Tambien ſabeis que en ſi, por propria eſſencia,
Inclue la Juſticia a la Clemencia,
Pues el caſtigo grave
Sirve de medicina, aun que inſuave;
Y tu, aun que màs propicia,
En la Clemencia inclues la Juſticia;
Pues la Piedad faltarme no podia,
Quando por ſer Deidad ſe la devia.
Vamos aora, Infantas, al deſvelo,
Con que os llamo.
Las dos. A que es?
Rey. A que Luzbelo,
Que ſalió de mi Corte deſterrado,
Quando de ella le echè por rebelado,
Para una acuſacion audiencia pide.
Clem. Ya mi temor à ſua malicia mide.

Rey.

Rey. Que dezis?
Sev. Aun que es tanta su malicia,
Es justicia, Señor, le hagas justicia.
Clem. Nò puede ver tu fás.
Rey. Nò ha de mirarla,
Que reprobo no puede ya gozarla,
Mas dirá sus enojos;
Sin que se atrevan à mi fás sus ojos,
Clem. Entre pues.

Sale Luzbelo.

Luzb. Ya me llego
Al golfo de tu luz, aun que ciego.
Rey. Narra la acusacion,
Y sale al punto.
Luzb. Si, Gran Señor, y vamos al assunto.
En su presencia estoy, sin su presencia.
Rey. Aqui está la Justicia,
Clem. Y la Clemencia.
Luzb. Que hareis, Señora, vuestro officio, fio.
Clem. Yo tãbien tengo de assistir al mio.
Luzb. Esta muger me mata a todo transe.
Rey. Dezid, que ya os escucho.
Clem. Fuerte lance!
Luzb. Aun que desatado rayo
De tu esfera soberana
Cahi, llevando conmigo

Las

Las estrellas arrancadas,
Luzero al nascer, y rayo
Al baxar, pues las entrañas
De la tierra, qual coriſco,
Rompi para profundarlas,
Fiado en que tu Justicia
Tan recta, Señor, se halla,
Que ni al justo, ni al injusto,
Ni al fiel, ni al gentil falta,
Ni aun a mi, que es lo mas raro;
Y aun que quizieras negarla
A alguno, no lo pudieras,
Con ser tu potencia tanta;
Pues siendo en tu essencia Justo,
Sancto, y Recto, cosa clara
Es, faltavas a tu essencia,
Si a la Justicia faltavas.
El Hombre, aquesso villano

Clem. Tened.

Luzb. Porque a la palabra
Primera

Clem. Porque atrebido

Luzb: Me atajais?

Clem. Con vuestra rabia
Ozais a llamar villano,
A quien mi Padre hijo llama?

Luzb. Muy baxa es la ingratitud.

Clem.

Clem. Aun la traicion es mas baxa.
Rey. Baſta, Infanta. Proſeguid.
Luzb. Eſta Clemencia me abraza.
Digo que el Hombre,
Clim. Adelante.
Luzb. Que de tu mano, y tu gracia
Ha ſido hechura dichoſa,
A nò ſer hechura ingrata,
Tan llegado a tu Perſona
Deſde ſu primera infancia,
Que bebió tu aliento a ſoplos,
Tu reſpiracion a auras;
Y ſiendo ſu ſer el barro,
Tanto le ſubes, y exaltas,
Que en ſu compueſto tus manos,
Si nò ſe enlodan, ſe afanan.
Deſpues de haver quebrantado
Tu precepto, a cuya cauſa
Tus puertas ſe le cerraron,
Las quales le abrió la Infanta
Tu hija, e para vencerlo
Obró, como ſabes, tantas
Finezas, tales extremos,
Que altera, quando no paſma,
A las eſferas con zelos,
A los abyſmos con rabia.
Se fue juſto, ò ſe fue injuſto,

De definirse no trata,
Que la razon nò se busca,
Donde la fineza se halla.
Despues que a tu caza buelto,
Y a tu Meza, por mas gracia,
Le puziste, y en conbites
Con tal excesso le tratas,
Que en tus Vinos, y tu Pan
Le dás toda tu substancia,
Siendo con el uno mismo,
A tu mismo Ser le alças,
A tus secretos le fias,
En tus archivos le entrañas.
Dos vezes ingrato buelve
Con su condicion villana
A hazer del favor desprecio,
Para hazer del lustre infamia.
Mal aya, a nò seres tu,
Dixera yo; mas la rabia
No ha de cegar el respeto;
Mas dixera yo: Mal aya
El, que se fia dos vezes,
Si de una se desengaña.
El Hombre, Señor, el Hombre
Tan insolente se halla,
Que a sus delitos el orbe
O' se estremece, ò se acaba.

Sus pensamientos son luxos,
Los escandalos su galà,
Su valor los homicidios,
Las rapinas sus hazañas,
Los vicios sus possessiones,
Màs vicios sus esperanças.
A tus santas Leyes piza,
Tus Mandamientos ultraja,
Haziendo de tus preceptos
De sus teatros la farça,
Tan prevaricado tiene
A su ser, que solo guarda
En lo racional la fórma,
Porque en lo demàs se trata
Hombre de ageno distinto,
O bruto de agena cara,
Monstro de siete cabeças,
Ya contra ti se llevanta,
Que siete son pavorozas
De sus delitos las bazas.
Todo es desorden su imperio.
A que esperas pues, Monarca,
Que no acabas con su vida,
Victima de tu vengança?
Ya tu nimio disimulo,
Contra tu Deidad se arma,
Que no pueden desmentirla,

Mas llegan a repararla.
Buelve por tu honor, ò Rey;
Buelve por tu ser, arranca,
De la tierra esta semilla,
Que dá viboras por plantas.
Reo es de culpas el Hombre,
Acaba con el, acaba,
A mi le entrega, que soy
El braço de tu vengança.
Al punto, que delinquió,
Es mio, justicia guarda;
O' quando me la dilates,
Un aliento, que es todo llamas;
En una respiracion,
En un soplo, en una llama,
Exalando el fuego vivo
De mis vorazes entrañas,
Luz, que fuy, rayo, que soy,
Los Cielos, la tierra.

Clem. Basta,
Que en presencia del Supremo
Nò se dan vozes tan altas.

Luzb. Es tribunal de Justicia,
Y la sentencia

Clem. A mi hermana
Le toca; y vos no hableis màs.

Rey. De enojo nò tengo habla.

Luzb.

Luzb. Justicia, Señor.
Rey. La haré, y vete.
Clem. Salid de este Alcacer;
O' sinò.
Luzb. De tu presencia
Ya mi despecho me aparta;
Por nò verte compassiva,
Y nò por verte enojada. *va-se.*
Rey. Possible es que a tal exceso
Atrebido el Hombre passa?
Tengo de acabar con el.
O' là
Clem. Señor.
Rey. Hija, aparta.
Clem. Oye, hermana.
Sev. Su cabeça
Tiene de cegar mi espada.
Clem. Ya tu sabias sus culpas?
Rey. Ya, porque a mi soberana
Mente nada se oculta;
Mas es diferente causa,
Porque una cosa es saberlas,
Y otra cosa es escucharlas.
Clem. Como?
Rey. Bien claro se está:
Lo que a mi Persona ultraja,
Que el oyrlas es oprobrio,

Si

Si es dolor el alcançarlas.
Sev. Fulmina ya su castigo.
Clem. Un poco, Señor, aguarda.
Sev. Nò aguardes mas, muera el Hòbre;
Clem. Es tu hechura.
Rey. Y tan ingrata,
Que despues de haverle hecho,
Ya dixe que me pezava.
Muera.
Clem. Mira que juraste,
Siendo papel esta clara
Esfera, tu firma el Iris,
Y has de cumplir tu palabra.
Rey. Basta-me para cumplirla,
Nò ser su cuchillo el agua.
Clem. Si tiempo, Señor, le dieres,
Se emendará.
Rey. Calla, Infanta,
Que a ser capaz de morirme,
Presumo, que el me matára.
Clem. Medio de composicion
Te pido.
Sev. Nò hede estorvarla,
Que el ruego de la Clemencia,
Hasta a la Justicia ablanda.
Rey. Un medio entre su delito,
Y su perdon, solo halla.

Mi justo enojo.
Las dos. Qual es?
Rey. Dime que fruto las raras
Finezas, que por su amor
Obrastes, quando sembradas
Por todo su imperio fueron,
Te han dado?
Clem. Dieron la magna
Redencion del mismo Hombre,
Que en tus batallas ha hecho,
Ya en las ocultas Tebaidas,
Ya en los Teatros de Roma,
Africa, America, y Azia,
Onde su sangre vertió,
Por traer a las màs barbaras
Naciones a tu dominio,
Sin perdonar su constancia
Desde el Tropico, que yela,
Hasta la Zona, que abraza.
Rey. Pues en todo lo que has dicho,
Aun otro fruto te falta,
Que en tus archivos secretos
Mi mente Divina guarda.
Y como a este tiempo tiene
Tus finezas olvidadas,
Puesto que otro le debieron
Las hazañas, que relatas,

Ha de esta Planta Divina,
Que en mi mente está guardada;
Ser memoria, que las buelva
A acordar.

Clem. Es fruto, ò planta, Señor?

Rey. Es Planta de flores,
Que ha de dar frutos de gracia,
Si el Hombre me la offereciere,
Perdonaré culpa tanta
Por ella; pero si nò
La espada de mi vengança
Cairá

Sev. Sobre su cuello,
Sin que tu favor le valga. *va-se.*

Clem. Y como la Planta hermosa,
Que ha de mediar en tal causa,
Descobrirá?

Rey. Como fuere, sea;
Mas trate de hallarla.

Clem. Si solo en tu mente?

Rey. Nò,
Por su imperio ha de buscarla,
O' tu, para que el la offerezca.
Y desengaña-te, Infanta,
De las dos ha de ser una,
O' me la offerece, ò acaba;
Pues olvidó tus finezas,

Tiene

Tiene de resuscitarlas. *vá-se.*
Clem. Ha Hombre, quanto me cuestas!
Donde buscaré la exalta
Planta? Ay de mi! Descer quiero
A essa verde esfera varia
Del Hombre, y convocaré
Los Principes, y Monarcas,
Que, como tan poderosos,
La descubran en su mapa. *desce a lo*
Mi voz, Sirena Divina, *(baxo.*
Atraya sus arrogancias.
Cant. Ha de los solios inclitos,
Soberbias fabricas,
Coronas, Purpuras,
Grandezas maximas,
Al Edon, al Edon,
Que os convoca, que os llama.
Sale el Principe.
Princ. Cautivo el oido llega
A tus vozes, quando se halla
Tambien la vista cautiva,
Dudando se me arrebatas
El alma por el oido,
O' por los ojos el alma.
Clem. Seas, Joven, bien venido.
Princ. En nombre de los Monarcas,
Y Principes te obedezco,

Por-

Porque tu voz màs que humana
A las Coronas cautiva,
Y a las Purpuras arraſtra.
Di quien eres, y que ordenas.
Clem. Y tal el mundo ſe halla,
Que la Piedad no conoce *à parte.*
La Clemencia ſoberana!
Soy Hija mayor delRey,
Puesto que iguales entre ambas,
Mas en ſu cariño creſco,
Lo que en mi edad nò paſſava.
Nò eſtás, Principe, ignorante
De las finezas eſtrañas,
Que por el Hombre he obrado,
Las quales dexé ſembradas
Por el orbe; y pues en el
Habitas, vives, y mandas,
Dime, adonde eſconde en ſi
Una Flor, ò nueva Planta,
Que de las miſmas finezas
Es Fruto, pero guardada
Harto oy ſe eſtá de las mas
O' recuerdo, ò ſemejança.
Princ. Que Clemencia, ò que finezas,
Que Fruto, dime, ò que Planta
Me introduces al oido,
Quando mi memoria ſe halla

Inutil

Inutil al comprehenderlas,
Mejor digo al conservarlas;
Pues solo me acuerdo oy
De dilatar a los mapas
De me imperio, de hazer propria
A toda la agena patria;
De celebrar en salones
Musicas, fiestas, y dancas,
Combites, juegos, festines,
Que esta es la ocupacion alta
De un Grande; y en otros empleos
Se desluze, si se afana.

Clem. La mayor obligacion
De tu nascimiento...

Princ. Calla,
Que a saber que me querias,
De saberlo me dexára. *va-se.*

Clem. Quales los Grandes estan
Del mundo de su arrogancia!
Al Plebeo passaré,
Qué siendo su turba tanta,
En alguno hallar podré,
Lo que en los otros me falta.

Cant. Ha de la esfera infima,
Plebea maquina,
Confuso numero,
Turba mecanica,

Al Edon, al Edon,
Que os convoca, que os llama.
Sale el Plebeo.

Pleb. Porque el Yman de tus vozes,
O' Sirena, me arrebata,
En nombre de todo el Pueblo
Vengo a saber que me mandas,
Y quien eres.

Clem. Soy Clemencia,
Hija del Grande Monarca,
Que quiero me dês noticia
De la generosa Planta
De flores, Fruto dichoso
De mis finezas, sembradas
En tus territorios.

Pleb. Bueno.
Que graciosa es tu demanda,
Si fuera planta de frutos,
Hiziera por encontrarla;
Mas de flores! Soy abeja?

Clem. O' que grossero te hallas!
Aun que oy Planta de flores,
Será de frutos mañana.

Pleb. Quiero planta de comidas,
Y nò planta de esperanças,
Ni de tus finezas tengo
Memoria, ni de tus Rosas,

Flo-

Flores, si seran de Almendro,
Iran por el ayre vanas.
Clem. Indigno es tu humor, y vida
De tu ser.
Pleb. Ya que me hablas
De mi vida, oye qual es,
Que a ti todo se declara.
Clem. Y aun por esso todo siento.
Pleb. De la noche a la mañana,
De la mañana à la noche
Por todo este grande mapa
Ando en un continuo gyro,
Ya de la calle a la plaça,
Ya de la plaça a la calle,
Del bodegon al alcacer,
Del alcacer al bodegon,
Ya de la feria a la estrada,
Ya de la estrada a la feria,
De una estada en otra estada,
Como bestia de atahona,
Que siempre anda, y nunca para.
Clem. Y tan ciego como ella.
Mas dime, que es lo que sacas
De esse afan, y qual el fin
Es de tal fadiga?
Pleb. Nada;
Ni yo de mi fin me acuerdo,

Y menos de tus hazañas,
De tu Planta, y tus finezas,
A que me has llamado.
Clem. Calla,
Villano, que indigno eres
De mi Deidad soberana.
Vete.
Pleb. Ya me voy, Señora,
Tan dulce, como enojado,
Que no estoy capaz de oyrla,
Aun que sé, que verdad trata. *va-se.*
Clem. Y como, que nò lo estás,
Pues en tu locura vaga,
A' cuenta de mi dolor,
Mis piedades despreciadas
Tienes, sin que de mi Padre
La Sacra Deidad le valga,
Y pues que en Grande, y plebeo
Nò llego a encontrar la amada
Noticia, salga mi voz
Por essa verde campaña,
A llamar a los Pastores
De ganado, que en su ampla
Florida estacion está.
Nò lo dudo, la flor rara
De mis finezas recuerdo,
Nò las teran olvidadas;

Que

Que mejor guarda la fé
Aquel, que el ganado guarda.
Cant. Ha de los campos rusticos,
Montañas asperas,
Pastores simplices,
Verdades candidas,
Al Edon, al Edon,
Que os convoca, que os llama.
Sale el Pastor.
Past. A tu voz, dulce Princeza,
Llego a buscar en sus clausulas
El fin para obedecerla.
Clem. Conoces-me?
Past. Cosa clara,
Que la Clemencia no ignora,
El que sus preceptos guarda.
Clem. Tu eres?
Past. Pastor, que guardo
Ovejas negras, y blancas,
Intactas en la pureza,
Aun que en la color manchadas.
Clem. Bien te conosco, Domingo,
Y a tus ovejas, que andan
Past. Negras, como mi fermeza,
Como mi esperança claras.
Clem. Voy al punto. Yà sabrás,
Lo que con el Hombre

Past.

Past. Basta.
Ya sé que puedes dezir,
Mirando su accion ingrata,
Ay verdades, que en amor,
Siempre fuisteis desdichadas!
Clem. Esto entendido. Pergunto,
Si en tu mansion de esmeralda
Tienes la Planta de flores,
Que mis finezas sembradas
Dieron por fruto?
Past. Un Rosal
Brotò la semilla amada
De ciento y cincoenta hojas;
Y es tal el olor, que exala,
Que todo el Cielo parece
Es pastilla de sus brazas;
En mis ocultos le tengo.
Clem. Dadme los braços.
Past. Tus plantas,
Quando las tocan mis labios,
Con honores los esmaltan.
Clem. Vete luego por las Rosas;
Porque es mi gusto, que valgas
Con ellas al Hombre, quando
Se arriesga, en lo que dilatas.
Vete.
Past. Solo por servirte,

De

De contemplarte dexára. *va-se.*
Clem. Ay, Hombre, lo que me cuestas!
Ay, amor, lo que me arrastras! *va-se.*
Descubre-se una barca, y en ella el Hombre, como en el mar.
Homb. En el mar embravecido
De mis culpas anegado
A' poco leño fiado,
A' mucho riesgo ofrecido
Me veo, y en la alegoria
Son las rocas mi dureza,
Son las agoas mi tibieza,
La inconstancia mi mania:
Son en repetidas ancias,
Los vientos mis vanidades,
El uracan mis crueldades,
Las olas mis arrogancias,
Quando en tan fieros delitos
Por mayores estrañezas
Son los monstros mis torpezas,
Los pezes mis apetitos.
Con las Sirenas me encanto,
Las Ninfas mi desatino,
Los baxos mi destino,
La tempestad mi quebranto.
Bien mi devaneo ha sido
En este mar retratado,

Que

Que es un peccador errado
Un Hombre en el mar perdido.
Quien vengará del Cielo los desaires?
Muſ. Ayres.
Homb. Quien matará lo ardiente de mis
Muſ. Agoas. (fragoas?
Homb. Y que abraço, oh rigor, ſe me
Muſ. Peñas. (deſpeñas?
Homb. Que eſpero en el cáos, con que
Muſ. Sombras. (me aſſombras?
Homb. Ecco, en las rocas me enſeñas,
Que en eſte mar me apuran,
Yà contra mi ſe conjuran
Ayres, Agoas, Sombras, Peñas.
Que me eſpera en la tierra yà me nom-
Muſ. Hombres. (bres?
Homb. Y en los montes alli yà me per-
Muſ. Fieras. (fieras?
Homb. Y en los ayres tambien dan penas
Muſ. Aves. (graves?
Homb. Y en todo el mapa pues aſſi conſ-
Muſ. Iras. (piras?
Homb. Dizen tus vozes ſeveras,
Ecco, que libre del mar,
Tengo contra mi de hallar
Hombres, Iras, Aves, Fieras.

Sale

Sale Clemencia en lo alto.

Clem. Desta hermosa galaria,
Que es ventana del Zafir,
Vengo la vista a esparcir,
Por se al Hombre ver podria;
Pero yà llego a notar,
Que si bien alli se mira,
Siendo una tabla la pira,
Es sacrificio del mar.
Un mar de culpas alli
Le ahoga por infiel:
Que disgracia para el!
Que compassion para mi!

Llora, y cantan dentro.

Mus. Plegue a Dios que te anegues;
Naye inimiga;
Pero nò, que llevas
Dentro la vida.
Ay misera barquilla,
Que entre Scila, y Caribdes vas perdida.

Clem. Mas cesse mi llanto en parte,
Que su ingratitud lo escusa,
Y hasta la roca me acusa,
Quando la roca se parte.
Y pues nò paga mi amor,
Barquilla, en tanto desvio

Cho-

Choca en el primer baxio,
Abre en el primer rigor,
El mar, siendo tu homicida,
Haga de tu valor pruevas.

Ella, y Muſ. Pero nó, que me llevas
Dentro la vida.

Homb. Deſte mar en la fiereza,
Donde habita mi diſgracia,
Nò veo perla de gracia,
Solo ay concha de dureza.
Oh quanto el Cielo me humilla;
Pues que veo perecer
Al teſoro de mi ſer
En eſta fragil barquilla.
Ay miſera barquilla,
Que entre Scila, y Caribdes vas perdida.

Clem. Con quanto dolor ſe quexa!
Quiero llamarle, que amor
Nò permite tal rigor,
Aun que ſu crueldad lo aquexa.
Ah Hombre.

Homb. Quien, ſino yerra,
Por eſtes mares me clama,
Quanto vá de Cielo a tierra?

Clem. Conoces-me?

Homb. Tal favor

Haze

Haze, nò dude tu eſſencia,
Porque ſiempre la Clemencia
Dá vozes al peccador.
De tu piedad advertido,
Clem. Mi amor de tu fé dexado.
Homb. Te eſcucho, como gañado,
Clem. Te buſco como perdido.
Homb. Mas ay, que es tal mi locura,
Clem. Mas ay, que es tal tu crueldad,
Homb. Que ni con tanta piedad,
Clem. Que ni con tanta blandura.
Dime, Hombre ingrato, y cruel,
Quien de mi Deidad te aparta?
Homb. Eſta barquilla ſe parta,
Sino buelvo a ſerte fiel.
Clem. De mis finezas que has hecho,
Villano, que anſi las tratas?
Homb. Buelva, pues que las retratas,
A ſer lamina mi pecho.
Clem. Sal de eſſe mar,
Homb. En el quedo;
Porque para del librarme,
Es preciſo el ayudarme,
Quando ayudarme no puedo.
Clem. Mientes. Tu verdad ſe acuerde,
Cauteloſa es tu diſculpa,
Que ninguno ſin ſu culpa

Si

Si pierde, quando se pierde.

Homb. Vuestras piedades famosas
Me den, que nò es maravilla,
A que afirme, y a la orilla
Saldré.

Sale el Pastor.

Past. Aqui estan las Rosas.

Clem. A que bueno tiempo, ay amadas
Flores, has llegado.

Past. Ciertas
A tus luzeros abiertas,
En tu sangre coloradas,
Aqui las flores divinas
Te traigo, por seren tales
En tu favor naturales,
En tu beldad peregrinas.

Clem. Domingo, de tu valor
Aqueste hallazgo fié,
La recompensa, y sé,
Que será grande.

Past. Mi honor
En solo lo que es tu gusto
Se conserva, gran Señora.

Clem. Por esso mar mira aora.

Past. El Hombre me causa susto.

Clem. Pues llegate a la marina,
Y el hilo de flores bellas

Le arroja, que hazido dellas
Por mi Clemencia Divina
Saldrá deſte mar cruel,
Ten tu firme la contraria
Parte, y tira a tierra.
Paſt. Varia.
Es tu piedad, ſiendo fiel.
Clem. Yo me retiro a otra parte,
Porque quiero, anſi lo arguyo,
Que parezca el triunfo tuyo,
Mas quien ama no ſe parte.
Paſt. Ah Hombre?
Homb. Clemencia bella,
Me dexas en tal deſmayo?
Tu te auſentas como rayo,
Yo te buſco como eſtrella.
Paſt. Ah Hombre, callas de aſtuto,
O' olvidas tu renombre?
Homb. Como ha de acudir por Hombre
El, que vive como bruto?
Paſt. Sal deſte mar.
Homb. Maravilla
Será, ſi ageno favor
Nò me vale en ſu rigor.
Paſt. Llega la barca a la orilla.
Homb. Yà te obedezco.
Paſt. Y hallar

Po-

Podrás en el padecer,
Que el querer obedecer
Es el quererte salvar.
Homb. Tu razon me alumbra,
Past. Aora
Hazido deste hilo hermoso
Sal a tierra.
Homb. Poderoso
Está, salgo sin demora.
Past. Note-se por mayor nombre
Como sale sin contrario
Por la virtud del Rosario
Del mar de culpas el Hombre!
Homb. Gracias a Dios, tierra amada,
Que libre de suerte estrecha,
A buscar senda derecha,
Te piza mi planta errada.
Que hilo, que Rosas bellas
Son estas tan superiores,
Que las toco como flores,
Y me obligan como estrellas?
Dime, Pastor soberano
Este enigma, y adivino,
Que he de encontrarle Divino,
Aun que lo merezca humano.
Musf. Las flores, cuyo primor
Te han sacado del mar vario,

Son las Roſas del Roſario;
Y maravillas del amor.
Paſt. Eſtas, que ves tranſmutadas
En fórma de flor, ò eſtrella,
Son de tu Clemencia bella
Las finezas olvidadas;
Mas ſe aora, quando halladas,
Las ofreces al Señor,
Mitigará ſu rigor:
Tanto te ſon de importancia
Las Roſas, cuya fragrancia,
Muſ. Las flores cuyo primor.
Paſt. Quinze decadas reparten
Sus inmortales memorias,
Y gozos, penas, y glorias
En tres ſuſpenſiones parten;
De ellas tus ſentidos traten,
Sea ſu valor tu erario,
Nò te aſſuſtando el contrario,
Pues contra agenos quereres,
Por firmes en ſus poderes
Muſ. Te han ſacado del mar vario.
Paſt. Aqui en bellos orizontes
Hallarás, ſi nò deſdeñas,
Lagrimas, que parten peñas,
Extremos, que paſſan montes;
Y aun que la idea tranſmontes,

De

De tu flor depoſitario,
Pueſtas en breve ſummario,
Mirarás con advertencia,
Que finezas de Clemencia
Muſ. Son las Roſas del Roſario.
Paſt. De ſu extremo enardecido,
Por mas que ingratos la ultrajen,
Cada flor es una imagen,
Cada Roſa es un Cupido.
Todo eſte primor florido,
Es de ſu exceſſo favor;
Que eſtas Roſas en rigor
Sabe, que por màs grandezas,
Son la flor de las finezas,
Muſ. Y maravillas del amor.
Homb. De tus vozes inſtruido,
De tu noticia iluſtrado
Iré deſte hilo ſagrado,
Siendo el Teſeo advertido,
Sombra ſeré de tus paſſos,
Para que mejor me inſtruias.
Paſt. Yà de las deſdichas tuyas
Vas venciendo los fracaſos. *van-ſe.*

Sale ElRey, y Severa.

Sev. Aun que ſé, Señor, que el Hombre
Reducido ſolicíta
Tu perdon, porque mi hermana

A tu piedad le convida,
Tambien de su enmienda sé,
Que es en sus acciones mismas
Flor, que nasce a la mañana,
Y a la tarde se marchita.

Rey. Es assi; mas su dolor
A mi blando pecho obliga
Tanto, que nò sé que hazerme;
Y tambien, porque es justicia,
Que por la noche futura,
Nò pierda el presente dia.
Assi, que se prevenido
De su diligencia activa
De la Planta de finezas
A mi presencia dá vista,
Quando en su memoria estavan
O' bien muertas, ò mal vivas,
He de bolverle a mi caza,
Que al fin le crié, y es cifra
De mi poder, su persona
Conservada, nò extinguida.

Sev. Si, Señor, pero si falta
A tu partido, mis iras
Han de ser en su cabeça
La segur, que la divida,
Que tanto es del poderoso
Credito, si bien se mira,

Conſervar la hechura, como
Caſtigar la alevozia;
Y ſi la ſatisfacion
Nò ofrece, ſerá ſu vida
El trofeo de mi eſpada,
Aun que en ſu defenſa diga

Dentro Muſica.

Muſ. Ave Clemencia,
Ave Maria,
Que Maria, y Clemencia,
Son una miſma.

Rey. Pero que ſuave metro!

Sev. Pero que dulce armonia!

Rey. Es yman de mis halagos,

Sev. Es remora de mis iras.

Rey. Que dizes, voz ſoberana?

Sev. Que has dixo, cancion divina?

Muſ. Llena de gracia,
Siempre te aſſiſta
El Señor, y entre todas
Eres bendita,
Ave Clemencia,
Ave Maria.

Sev. Arrebatada me lleva
La ſuave melodia
Nò a pielago de Sirenas,
A golfo de hierarquias

Tan

Tan dulce, que nò me acuerdo
En mi miſma de mi miſma,
Muſ. El Fruto bello
De tu amor cifra
Sea tambien bendito
Por noche, y dia.
Ave Clemencia,
Ave Maria.
Rey. A la harmonia ſuave
Se ſuſpendió la juſticia,
Que el Ave Maria aplaca,
Quanto el peccador irrita.
Y bien dixò, que Clemencia,
Y Maria ſon la miſma,
Que aun que atributo, y perſona
Se diſtinguen, quando en cifra
Por una paſſan las dòs
Sin nota, pues que Maria
Tanta piedad ateſora,
Que en aqueſta alegoria
Puede mi Clemencia ſer,
Aun que es piedad infinita;
Y màs quando ſu clemencia
De la mia ſe deriva,
Como fuente, que del mar
La corriente participa.
Muſ. Madre de amor,

Ruega propicia
Por el Hombre en la muerte,
Y en la vida.
Ave Clemencia,
Ave Maria.

Rey. Que nò alcançará ſu ruego
En clauſulas tan Divinas,
Que el Serafin las requiebra,
Quando el Angel las embidia.
O' là

Sale Angelo.

Ang. Gran Señor, que mandas?

Rey. Quiero, Angelo, que me digas
Deſta muſica.

Ang. Es feſtiń,
Que haze a Clemencia tu hija
Un Cavallero.

Rey. Eſtá bien,
Suprema es ſu melodia,
Aun a mi, que oygo al Querube,
A ſuſpenſion me combida.
Todo ſé, y todo pergunto,
Porque quiero las noticias
Nò por la duda en ſaberlas,
Mas por el guſto en oyrlas.
Y quien es el Cavallero?

Ang. Pienſo, Señor, ſe apellida

Cavallero de las Roſas.
Rey. Bien conozco eſſa diviſa,
Por ella tengo de honrarle,
Que es ſu origen muy antiga.
Sev. Arrebatada al ſuave
Metro, quedé ſuſpendida,
Tan dulce, que atras ſe lleva
La razon à la delicia.
Tocan dentro.
Màs que deſtemplada caxa,
Que triſte, y ronca ſordina
En eſſe mapa inferior
Es horror, y nò armonia.
Ang. Un cavallero en ſu plaça
Entra de tan fiera viſta,
Que es Luzbel el rebelado.
Rey. La ſombra en ſu compañia
Trae, como aquel, que ſiempre
Horroroſo cáos habita.
Sev. Ocultas deſta ventana
Azechemos ſu malicia.
Rey. Aun què nada ſe me oculta,
Eſtaré como a inquirirla.
Sale Luzbelo armado, y la Sombra.
Luzb. Tu Sombra has de apadrinarme,
Haziendo turbar la viſta;
Que al fin es culpa, y puedes

Ayu-

Ayudar la bateria.
Somb. Para ſervirte ſali
Del cáos, que ardiente me abriga.
Luzb. Sea mi voz pavoroſa
El primer ſoplo a mis iras.
Yo Luzbel Principe eterno
De las tinieblas la Hydra,
Dragon de ſiete cabeças,
Que contra el Cielo conſpiran,
Luz ſuprema en el Empyreo,
Miniſtro de la Juſticia
Del Altiſſimo en el cáos,
General en la milicia
De las furias, reto, y llamo
A dezafio a la infima
Naturaleza del Hombre
Miſera, groſſera, indigna,
Tan baxa, que vive lodo,
Para rematar ceniza,
Cuyos inutiles polvos
De ſus inſuaves mirras,
Porque el ayre los deſdeña,
Los cubre la campa fria.
A dezafio pues reto
Al Hombre por infinitas
Cauſas, y es la principal
Retratar ſu alevozia,

La ſujecion, que a mi imperio
Le deve por las perfidias,
Que obradas contra ſu Rey,
Yà le deſnaturalizan
De ſu Patria, ſin Clemencia
A la mia por juſticia;
Pues reo de Mageſtad leza
Nò puede eſcuſar la altiva
Cerviz al golpe tremendo,
Que ſu caſtigo fulmina.
Nò obſtante, intenta, fiado
En las compaſſiones nimias
De ſu dueño, que le buelva
A ſu gracia; y pues la tibia
Suſpenſion de la ſentencia
Dilatada de dia en dia,
Que affectivo he procurado
De ſu fallo, y mi juſticia,
Yo fiado en ella vengo,
Aun que nò ſin las primicias
Del Señor, a ſer puñal
De mi vengança, ò cuchilla
De la ſuya, porque aſſi
Cuerpo a cuerpo, ò mejor diga,
Diziendo eſpiritu a eſpiritu,
En eſta eſpantoſa riña
Nò quepa mas que la muerte

Entre mi azero, y ſu vida.
Ha Hombre.

Tocan, y ſale el Hombre.

Homb. Aqui viene el Hombre
La miſma naturaleza,
Aun que nò la miſma gracia,
Que en las Empyreas eſferas
Del Supremo quebrantò
Con ſu planta tu cabeça.
Aqui eſtá el Hombre, otra vez
Repito, imagen perfecta
Criada a la ſemejança
De Dios. Aqui ſus potencias,
Que de aquel Divino Trino
O' ſon retrato, ò emblema.
El Hombre hechura de Dios
Por principio, à màs nobleza
Llevantado, hijo de Dios
Por adopcion, y en la miſma,
O' mayor eſtimacion,
Tambien por naturaleza
Hermano del miſmo Dios,
En quanto a ſer Hombre, y queda
Amigo de Dios por gracia;
Y finalmente una miſma
Coſa, con el por union,
Que nò pudo por eſſencia.

Eſte

Este es el Hombre, este el polvo
Inutil, que aqui desdeña
Tu loca ambicion, llevado
De los vapores, que humea
El fuego, en que te consumes,
Trocando tu altivez nescia
Las llamas de tu castigo
En humos de tu soberbia.
Mira aora si hallaré
Prompto para mi defensa
Aquel Señor, de quien soy
Por tan raras excelencias
Hijo, hermano, amigo, hechura,
Y màs

Luzb. Suspende la lengua,
Porque nó pueda abrazarme,
Antes que abrazarte pueda,
Y la palestra dirá,
Lo que falta a la palestra.
Empiece la horrible lid.

Sale Clemencia en lo alto.

Clem. Nò podrá ser muy sangrienta.
Si vuestro favor le assiste. *para el Rey.*

Rey. Quanto màs al Hombre hiera,
Mejor el laurel despues
Coronará su cabeça.

Clem. El padrino de Luzbel

Es

Es la Sombra.
Rey. Lo creyera,
Que siempre al traidor la sombra
Apadrina.
Ang. Con licencia tuya, Gran Señor,
Yo baxo para ser padrino
En esta lid del Hombre.
Baxa Angelo.
Rey. Bien has hecho;
Y nò será cosa nueva,
Que eres su custodia tu.
Ang. Para apadrinarte llega
Angelo.
Homb. De tus favores
Estan mis vitorias llenas.
Mas quien seran los Juezes,
Quando se pida la prueva?
Ang. Son los ojos, que nos miran
De essas azules vidrieras.
Somb. Parta-se el Sol.
Luzb. Aqui está
De màs essa diligencia,
Para mi nò ay luz partida,
Porque solo ay sombra entera.
Antes que rompan las lanças,
Hagan la salva las flechas.
Dadme el arco.

Somb. Aqui las tienes,
Y su rigor acrecienta
La cicuta de la culpa,
En que avenenadas llegan.
Luzb. Nò fueron nò tan ardientes
Las que de Hercules se cuentan,
Que en la sangre de la Hydra
Rayos vibran, fuego engendran.
Ang. Toma tu el arco,
Homb. Y en el pongo por flechas ligeras
Las Rosas, que son las armas,
Con que entro en la lid.
Ang. Ten cierta
La victoria en tal poder.
Tira Luzbelo con flechas, y el Hombre con Rosas.
Luzb. Muere, infeliz, ala fiera
Execucion de mis iras.
Mas ay de mi! Ten, espera,
Que me abrazas, y me consumes
Con essas armas sangrientas,
Al parecer blandas flores,
Al herir duras saetas.
Que Rosas son estas, Cielos,
Que ocultan en su belleza,
El Aspid contra mi vida,
Por la tuya la defensa?

Homb.

Homb. Rinde-te.
Luzb. Aun que màs rabiando
Rendido eſtaré por fuerça,
Porque el olor deſſas flores
Quaxa la ſangre en mis venas,
Tiemblo al mirarlas que eſparſen
Por mi compueſto ſu eſſencia,
Fuego, y yelo aun miſmo tiempo.
Homb. A tu gigante ſoberbia
Pudieron rendir dos Roſas.
Luzb. Desharélas.
Homb. Nò podrás,
Que ſon las flores ſuperiores,
Que en la tierra han produzido
Las finezas de Clemencia.
Clem. O' que bien ſuena en mi oydo!
Rey. O' que bien en mi oydo ſuena!
Clem. El triunfo de mis piedades.
Rey. Las glorias de ſus emprezas.
Sev. A celebrar la vitoria
Entremos, muzica ſea
Melodia de Querubes.
Clem. Alegre-ſe Cielo, y tierra.
Ang. El triunfo
De aqueſtas armas
Por todo el Cielo ſe ſepa.

Recogen-se los trez.

Luzb. Ha de las furias, que habitan
En las obscuras cavernas
Del cáos, vomiten sus fuegos
Por las gargantas estrechas
De los yà rotos balcones,
Sin dissimulos del Etna.
Ha de las furias.

Somb. Nò pueden
Acudir a tu defensa,
Que los hilos destas Rosas
Le son ardientes cadenas,
Que aprisionadas las tienen,
En la lobreguez eterna.

Luzb. Ha de la culpa, Dragon
De tan nociva experiencia,
Que con su aliento inficiona
La redondez de la tierra.
Ha de la culpa.

Sale el Pastor.

Past. Nò llames,
Que yà la tierra està llena
Toda de Rosas de gracia,
Con que la culpa destierra;
Pues una Planta Divina
En sus esmeraldas bellas,
Armas de coral produze,

Que

Que los vicios amedrenta.
Luzb. Ha de los profundos mares.
Ha de las humedas ſendas,
Por donde el marino monſtro
Tremendos golfos paſſea;
Pues Juan en ſacras rimas
Deſte mar me llama beſtia,
A mi devocion los mire,
Y arrojen en mi defenſa,
Rompiendo el freno de arena.
Ha del mar.

Sale el Principe.

Princ. Nò te reſponde,
Que yà ſus bramidos quiebra,
Y en virtud de aquellas flores,
Son de Roſas ſus mareas,
Las quales ſeran vitoria
En las navales refriegas
A las Chriſtianas banderas.
Luzb. Ha de los ayres, y en ellos
Aquellas furias aerias,
Que para ſu ſeno obſcuro,
Haſta el abyſmo deſdeña,
Baxen aladas ſerpientes,
Mas de tan ſutil materia,
Que el Hombre con ſus alientos
O' las reſpire, ò las beba.

Ha

Ha del ayre.

Sale el Plebeo.

Pleb. De los ayres
Yà tus eſpiritos buelan,
Y allà contigo los tienes,
Que quieras, ò que nò quieras;
Porque el olor deſtas Roſas,
Que todos los ayres llena,
Es paſtilla, que a tus humos
Deſvanece la ſoberbia.

Luzb. Ha del Cielo, ha del Zafir,
Ha deſſa brillante eſfera,
Donde los rayos ſe forjan,
Donde el fuego ſe alimenta.
Ha del Cielo.

Ang. Nò lo llames,
Que reverente a la tierra,
Viendo que de tales Roſas
Se corona ſu grandeza,
Los que ayer vibran rayos,
Los influye para eſtrellas.

Homb. Con que nò pueden valerte
Ayre, Cielo, mar, y tierra,
Ni los abyſmos?

Luzb. Porque?

Somb. Porque eſtan las furias prezas.

Princ. Porque eſtan los mares gracia.

Paſt.

Past. Porque está Rosas la tierra.
Pleb. Porque el ayre está fragrancias.
Ang. Porque el Cielo está clemencias.
Musica dentro.
Mus. Y en Cielo, y ayre,
En mar, y tierra;
En el Cielo el amado Querube,
En el ayre las aves ligeras,
En la tierra los hombres sonoros,
En los mares la dulce Sirena
Dizen, cantan, y sonan:
Ave Maria,
Ave Clemencia.
Van-se todos, menos el Hombre, y Luzbelo.
Luzb. Pues yà que todo me falta,
Nò ha de faltarme la recta
Justicia del Rey, y assi
A la ultima sentencia
Suya he de apelar, adonde
Tus delitos se condenan. *va-se.*
Homb. Valdran-me contra su horror
Aquellas Rosas supremas
Infinitas al valor,
Al contar ciento y cincuenta.
Sale Clemencia.
Clem. Ha Hombre,
Homb.

Homb. Clemencia bella,
Que mandas?
Clem. El Rey te llama
Para darte la ſentencia
De tu perdon, ò tu muerte.
Homb. Nò es poſſible que la tema,
Quando tus labios la anuncian,
Que ſuave mirra alientan,
Y menos, quando yà tengo
Recordadas tus finezas.
Clem. Algun dia las dexavas
Por amar la culpa fea.
Homb. Diera todo lo que ſoy,
Por nò haver ſido el que era.
Clem. Baſta-me que arrepentido
Mas a mirarla nò buelvas.
Homb. Como ha de mirar la ſombra
El, que vê la luz de cerca?
Clem. En la batalla aſſiſti,
Y te doy la enora buena
De la vitoria.
Homb. Eſſe triunfo
Fue de tus flores proeza.
Clem. Que valiente es mi Adalid!
Homb. Que Divina es mi Princeza,
Toda es gracia ſu hermoſura,
Clem. Toda es glorias ſus emprezas.

Homb. Parece que el mundo vive
Pendiente de ſu belleza.
Clem. Parece que el Cielo eſtá
En ſus acciones àlerta.
Homb. Aun que el abyſmo me cerque,
Nò he dexar de quererla.
Clem. Nò me arrepiento de amarle,
Aun que màs ingrato ſea
A mis ojos Cavallero.
Homb. De tus plantas, ò Princeza,
Nò havrá poder, que me aparte.
Clem. Nò havrá rigor, que te offenda.
Eya, a paſſar el eſtrecho,
Para que en la Corte puedas
Entrar, adonde te aguardo.
Homb. Si te llevo en mi defenſa,
Apenas de mis rezelos
Podré diviſar las penas. *van-ſe.*

Sale el Rey, y Severa.

Rey. Yà el Hombre en breve trecho
Vá paſſando veloz aquel eſtrecho
Que llaman de agonia,
Para llegar a la preſencia mia.
Sev. Aun que es paſſo terrible,
Tan apriſa venció ſu ſombra horrible,
Que a tus umbrales, Gran Señor, le tienes.

Rey.

Rey. Tu juzgarás ſus males, y ſus bienes.
Sale Clemencia, y el Hombre acompañado de Angelo, y Luzbelo de la Sombra.
Ang. Entra Hõbre, y nò temas la ſentẽcia
Pueſto q̃ en tu favor tienes Clemencia.
Homb. En prueva tan temida,
A ſus piedades devré la vida.
Ang. El Rey te mira yà.
Homb. Fieros enojos!
O' como aſſuſtan del Juez los ojos!
De ſu ſeveridad eſtoy temblando.
Clem. De mi piedad le anime un mirar blando.
Ang. Señal dá de empeçar.
Homb. Terrible lance!
O' como es apertado aqueſte tranſe!
Luzb. Aqui el proceſſo, Señor,
Que contra el Hombre ſe prueva.
A quexa de ſus delitos
Eſtá.
Rey. La ſombra le lea,
Que es la luz, a que ſe miran
Las hijas de las tenieblas.
Dá el papel a la Sombra.
Somb. Dize aſſi.
Por quanto el Hombre
Deſpues de aquella primera

Culpa, adonde de su Rey
Quebrantó la ley severa,
Aspid, que entre flores puras
Atosigó su obediencia,
Quedando desta ocasion
Su herida naturaleza
Dispuesta a tantos delitos,
Que passando era tras era,
Fueron tales sus excessos,
Que la Magestad suprema
Manda para castigarlos,
Yrritada su clemencia,
Que abran las cataratas,
Porque los rayos se cierran,
Dexando solo a su vida
Unas reliquias pequeñas,
De que, qual Fenix, revive,
Pero con la diferencia,
Que aquel renasca del fuego,
Y este de las aguas buelva.
Y despues, llegando el tiempo
De satisfazer sus deudas,
De que era acredor el Rey,
Los favores de Clemencia
Su Hija por el pagando
Tan excessivas expensas,
Dandole la libertad

De tanto diſpendio à cueſta,
Como dizen para el Hombre
De Nazareth las finezas,
Yà de Belen las eſcarchas,
Yà del Calvario las penas.
Por quanto el Hombre dezimos,
Monſtro de ingratitud fiera,
Deſpues que tantos favores
A mayor lealtad le empeñan,
Bolvió a ſer traydor al Rey,
Soltando ingrato la rienda
A quantos delitos ay;
Pues que ſus cargos ſe llenan
De trayciones, muertes, luxos,
Injuſticias, inſolencias,
Perjuros, y latrocinios,
Rapinas, iras, violencias;
Y ſobre todo la rara
Ingratitud, la groſſera
Villania de olvidar
Las finezas de Clemencia
Hija del Rey, que es ſu honor.
A' viſta pues de tan fea
Acuſacion ſuplicamos
A la Juſticia ſevera
La haga del, porque divida
De ſus hombros la cabeça.

Sev. Yà del proceſſo informada,
Venga el deſcargo, que alega
Para ſu defenſa el reo.
Ang. De mi la eſcuche tu Alteza,
Que yo ſu abogado ſoy.
Sev. Leedlo pues.
Homb. Alma, alienta.
Luzb. Que puede dezir?
Sev. Calla.

Angelo a leer empieça.

Ang. El Hombre, aun que como fragil
Pudo olvidar las finezas
De Clemencia ſoberana,
Bolvió deſpues de perderlas
Tan vivo a reſuſcitarlas
Por via de aquella nueva
Planta, que de ſu ſembrado
Dió tanta Roſa a la tierra,
Que parece que haſta entonces,
Segun ha buelto por ellas
Las tuvo como guardadas,
Pero nò como deshechas,
Siendo de Roſal Divino,
Que las finezas renueva
Cada decada un myſterio,
Y cada flor un emblema;
Las quales el Hombre activo,

Di-

Dilatando su grandeza,
Esparció por todo el orbe,
Viendo en esta diligencia
La Clemencia sus extremos
Con aclamaciones nuevas
Resuscitados, yà quando
Sepultados se lamentan;
Y en virtud deste Rosal,
O' Rosario, puso enmienda
Desuerte, a quantos delitos
Le acusan, que aquel, que era,
Dexó de ser, pues de reo
Se ha passado a ser defensa
De su Rey, que a su inimigo
Cuerpo a cuerpo en la palestra
Ha vencido, y este servicio
Con la recordacion nueva
De las finezas amantes
De su Hija, es lo que alega
En el recto Tribunal.

Luzb. Voy a produzir hydras,
Que en mi veneno se engendran. *va-se.*

Homb. Permite, Señor, que humilde
Adore las dulces huellas
Indigno de tal favor.

Rey. A mis braços, Hombre, llega,
Que al fin te crié, y estuvo

Mi

Mi Paſſion como violenta
En tu auſencia.
Clem. Yo por el
A tus plantas agradezco
Los honores, que le dás.
Rey. Llevanta, Hija, y Madre bella;
Madre, en quanto a ſer Maria,
Hija, en quanto a ſer Clemencia,
Pues oy por tu interceſſion
El Cielo, y tierra ſe alegran.
Ang. Yo tambien, Señor, proſtrado
Os doy las gracias.
Homb. O bella
Clemencia, en la Corte quedo,
Donde eternamente ſea
De tus luzes gyraſol,
De tus incendios hoguera.
Clem. Tanto me deves.
Rey. Pregona,
Hija, por toda la eſfera
De eſte mapa de eſmeralda,
Yà de Roſas Primabera,
A la ſentencia del Hombre,
Porque todo el orbe ſepa,
Lo que conmigo han podido
Las flores de tus finezas.
Sev. Publique-ſe por el mundo,

Ang.

Ang. Por todo el mapa se sepa,
Clem. Por todo el ambito suene,
Homb. Griten por toda la tierra,
Sev. En la Europa poderosa,
Ang. En el Africa desierta,
Clem. En la America escondida,
Homb. En el Asia manifesta,

los quatro.

Los poderes del Rosario
Contra la humana miseria.

Recogen-se, y baxa Clemencia, y canta.

Clem. Escuchad, moradores del orbe,
La recta Justicia,
La pia sentencia,
Que oy a favor del Hombre pronuncía
El Monarca Supremo en la esfera.

Recitado.

Por las Rosas de Maria,
Finezas de la Clemencia
Absuelvo al Hombre de culpa,
Tambien le absuelvo de pena,
Viendo que infinitamente
En este pleito màs peza
Lo que en su descargo traen,
Que lo que en su culpa alegan.
Yo el Rey Soberano
De Cielo, y tierra.

Sa-

Salen el Principe, el Plebeo, y el Pastor.
Princ. A los acentos suaves,
Pleb. A las venturosas nuevas,
Past. A las dichosas noticias,
todos.
Principe, y Plebeo llegan,
Que en ella se alegra toda
La humana naturaleza.
Princ. Y en la Divina milicia
De las Rosas todos entran,
Siendo Cavalleros suyos.
Pleb. Y tambien ay Cavalleras,
Que los hilos del Rosario
Son las armas de las bellas.
Clem. Diga el Angel en su acento,
Past. El Pastor en sus ovejas,
Princ. El Principe en sus Palacios,
Pleb. El Plebeo en sus tareas,
Todos a una voz,
Clem. Y todos
Uniformes en la misma
Accion,
Past. Suaves, y acordes,
Princ. Oyendolos Cielo, y tierra:
Musica, y todos.
Ave Maria,
Ave Clemencia.

ROSAL DE MARIA.

AUTO DEL ROSARIO

Por la fabula de Adonis, y Venus,

Repartido en tres estaciones,

Primera estacion - - - - Rosas blancas.
Segunda estacion - - - Rosas coloradas.
Tercera estacion - - - - Rosas doradas.

Personas, que hablan en el.

Gracia Pastora. *Marte.*
Almana Pastora. *Fido Pastor.*
Marina Pastora. *Diaman Pastor.*
Amira Pastora. *Sylvano Pastor.*
Adonis. *Domingo Pastor.*

Musica.

ROSAS BLANCAS.

Será en el tablado un campo sembrado de Rosas blancas.

Salen por el cantando Diaman, Fido, y Sylvano.

Diam. COronados de candidas Rosas
Amanecen los vales, y selvas.

Quien

Quien daria a las ſelvas, y vales
Tanta pureza?
Fid. El vale, que ayer deſnudo
Llorava del Abril la auſencia,
Quando anocheció Deziembre,
Amanece Primavera.
Sylv. Si ayer deſnudo tambien
Oy en camiza ſe mueſtra
Porque ſon las flores blancas
Las olandas de ſus ſelvas.
Diam. Que ſerá, que ſerá, montes?
Fid. Que ſerá, que ſerá, peñas?
Diam. Eſte enigma?
Fid. Eſte prodigio?
Diam. Eſte myſterio?
Fid. Eſte emblema?

Dentro Muſica.

Gloria a Dios en las alturas,
Y paz al Hombre en la tierra.
Diam. Pero que melode voz?
Fid. Pero que oculta Sirena?
Diam. De metro màs elevado,
Fid. De màs remontada esfera,
Los dos. Nos dize en divino acento,
Dando-nos del Cielo mueſtras?
Muſ. Las Roſas blancas, que miras,
Son deſta paz las vanderas.

Sylv.

Sylv. Aqueſte es otro cantar.
Diam. Tanto, que nò ay en la tierra
Tono igual, quando proſigue,
Hablando en las Roſas terſas.
Muſ. Y es el calor, que las brota,
El ayre, que las menea.
Diam. Quien nos dirá?
Fid. Quien nos dize?
Que mueſtra, ò que repreſenta?
Diam. Una flor, que a eſtrella tira,
Una voz, que a Cielo ſuena.
Sale Gracia.
Gracia. Yo os lo diré zagalejos.
Diam. Gracia hermoſa,
Fid. Gracia bella,
Sylv. Gracia de todas las gracias,
Gloria de todas las penas.
Diam. Dezid, Paſtora Divina,
Que nos mueſtra, ò nos enſeña
Ver que el Deziembre en Abril
Tranſmute ſu eſcarcha yerta?
Fid. Y al mirar las puras flores,
Diziendo vozes Angelicas.
El, y Muſica.
Las Roſas blancas, que miras,
Son deſta paz las vanderas,
Y es el calor, que las brota,

El

El ayre, que las menea.
Sylv. Y es el calor, que las brota,
El ayre, que las menea?
Y la armonia, con que
Es rana la filomena.
El, y Musica.
Gloria a Dios en las alturas,
Y paz al Hombre en la tierra.
Grac. Dadme atencion, ò Paſtores,
Y alcançareis las excelſas
Hazañas de amor, que miran
Uniformes las eſferas,
Y el orbe; pero nò caben
En todo el Cielo, y la tierra.
Yà ſabeis que ſoy, ſi acaſo
En vueſtras toſcas ideas
Cabe lo que ſoy, que obſcuras
Al inveſtigar mi eſencia,
Son las ſombras, que la ocultan,
Los humos, que las contemplan.
Soy aquella muger fuerte,
Aquella Paſtora Regia,
Que en el Olympo Divino
Quebró al dragon la cabeça.
En eſte ſobervio monte,
En eſta Patria primera,
Fuy del Luzero la embidia,

Y del Sol la complacencia;
Tan grande, tan ſoberana,
Tan ſingular, tan izenta,
Que antes de ſer en perſona,
Yà pude ſer en ideas.
Maria mi primer nombre
Tantas gracias en ſi cuenta,
Que de gracias viene a ſer
Raro enigma, claro emblema.
Con tantas grandezas pues,
Con tan ſingulares mueſtras
Nò puedo negar, ni quiero,
Que de vueſtra humilde xerga,
Viſto que ſe hizo mi ſer
De vueſtra naturaleza.
Pero liberal conmigo
La mano, que me preſerva,
Hizo tomaſſe de vós
La ſangre, nò las miſerias.
Tambien ſabeis que eſte vale
Le domina la Suprema
Perſona de un mayoral,
De cuyo poder ſe obſerva,
Ser ſu mano omnipotente;
Pues ſon tantas ſus grandezas,
Que ſu potencia nò cabe
En terminos de potencia.

Eſte

Eſte dominante invicto
Depoſitó la belleza
De Almana en aqueſte vale,
Aun que al verla tan perfeta,
Todos la llaman Venus;
Mas la antonomaſia ciega
Es liſonja a ſu hermoſura,
Y nó duda ſu pureza.
Para Eſpoſa de ſu Hijo
La ha deſtinado, fineza,
Que admiró todo el Olympo,
Al mirar las diferencias;
Pero advertindo rendidas,
El Numen, que lo decreta,
Mueve al aſſombro el ſuceſſo,
Y el reſpeto ata la lengua;
Solo uno, y de los primeros
A reſolucion tan nueva
Se opuſo, ſiendo ſus iras
En la zafirina eſfera
Rayo, que pudo alterarla,
Mas nò pudo eſtremecerla.
Alegó, que ſe debia
A la ſuperior nobleza
De ſu familia tal gloria,
Nò a la humilde, a la groſſera
Naturaleza del vale,

Cuya

Cuya desigual esencia,
Una es nascida entre flores,
Otra creada entre estrellas.
Assi depuso, y altivo,
Loco, temerario alienta
Sus armas contra su dueño,
Y alli su colera ciega
Rayos vibra, fuego escupe,
Y bazaliscos rebienta.
El Gran Mayoral, que mira
Su atrevimiento, su fiera
Rebelion, le arrojó
Despeñado en su sobervia
Desde la cumbre màs alta,
De la mayor eminencia,
Donde nò tocan las nubes,
Porque ni las nubes llegan,
Hasta el màs profundo cáos,
La màs lobrega caverna,
Que la tierra en sus profundos
La ha escondido de si misma;
Y hechado, nò arrepentido,
Toda su vengança intenta
Con Almana, conociendo
Quanto su dueño la quiera,
Porque solo en su amor,
El que se venga, se venga.

Contra Almana pues, a quien
El Gran Mayoral entrega
Todo el dominio del vale,
Mas con precepto, que ſepa
Guardarſe de ſu inimigo,
Que la entrada le defienda
En el; y al grave precepto
Puſo para mayor fuerça
Pena de muerte, y de ſu
Diſgracia, que es la mayor pena.
Mas el traidor rebelado,
Que todo ſu intento era
La Venus, digo, la Almana,
Ganarla para perderla,
Tuvo aſtucia como entrar
Al vale, dandole puerta
Un jardin, que deſte vale
Era la eſtacion primera.
La mayor fatalidad
Fue, ſer la incauta belleza
Cumplice, porque engañada
De ſus ſubtiles cautelas
Fue lo que tuvo la culpa,
Quedando en ſu ligereza
Comprehendido todo el vale,
Menos yo, que por iſenta
En mi pellico fue luſtre,

Lo que mancha en vueſtra xerga.
El Mayoral, que enojado
Es terrible, pues la tierra
En ſu ſeno ſe eſtremece,
Y aun el Cielo en las eſferas,
En ſus exes mal ſeguro,
Duda en las iras ſeveras,
Si ſe caye, ò nò ſe caye,
Si ſe quiebra, ò nò ſe quiebra.
Viendo el delito de Almana,
Y para mayor tragedia,
A ſu inimigo tan dueño
Del vale, que a ſu obediencia
Lo vá ſogetando todo;
Y aun intenta ſu cautela
Rendir de Almana el affecto;
Y llevarla a ſus cavernas.
Cerró la puerta al Olympo,
Que fue lo miſmo en tal fuerça;
Que dar con ellas en roſtro
A la culpada belleza.
Luego ofendido promete
Nò abrirlas, ſin que a la ofenſa
Se le dê ſatisfacion;
Y a la diamantina fuerça
El candado fue ſu enojo,
La llave fue ſu intereza.

Su Hijo, que enamorado,
De la que Esposa desea
Vive, si quien ama vive,
Amante a pagar por ella
Se ofrece. Admitele el Padre
La satisfacion, Clemencia
Hija de su noble pecho,
Donde para el vale queda
La compassion como propria,
La vengança como agena,
La paga pues del delito,
La satisfacion, ò pena
En rubies, que traygan
Inestimable fineza;
Tanto, que ni todo el vale,
Todo el mar, toda la tierra
De sus concavos salados,
De sus entrañas secretas
Brotando a montes el oro,
Corriendo a rios las perlas,
A bosques tanto coral,
Y tanto diamante a peñas,
Pueden ofrecer, ò dar
Lo que valen, lo que pezan
Estes rubies; pero
El Hijo, que a su fineza
Halla poco lo que vale,

Aun que màs que el Cielo ſea.
A tanta paga ſe ofrece
Corrida ſu gentileza,
De que pueda ſer ſu precio
Aquello, que precio tenga.
Al reſcate pues del vale
Le manda ſu Padre buelva
Deſde el Olympo al terreno,
Disfarçando ſu grandeza
Con el traje de Paſtor;
Y al primer paſſo Iſabela
Le conoce en la montaña,
Y alli con Juan le feſteja,
Dando ſaltos de alegria;
Y oy le vió nueſtra ribera,
Donde al eſtampar ſus plantas,
Produció las Roſas terſas,
Que haveis viſto, porque fué
Su coturno Primavera.

Canta dentro una voz.

Voz. En ſu ſangre tiñi
Las Roſas bellas,
Mañana ſeran laſtimas,
Si oy ſon purezas.
Ay que terneza!

Grac. Que dolor!

Fid. Que ancia!

Sylv. Que ſuſto!
Grac. Una eſpada es, que atravieſſa
Mi pecho, y de Simion
Es la voz, que en la ribera,
Para cantar lo que llora,
Entona lo que lamenta.
Diam. Nò embaracen pues las glorias
Preſentes paſſadas penas.
Proſigue.
Grac. El vale, que mira
La perfecion, la belleza
De ſu dueño, aun que ignorado
De muchos, aun que le eſperan,
De Adonis la antonomaſia
Le dá, aqui ſu nombre ſea
Eſte, aun que Emanuel
Se dize, y viendole idea
De todo lo prodigioſo,
Cantan por montes, y ſelvas.
Dentro Muſica.
Muſ. Bendito ſea el vientre,
Que en ſi te encierra,
La leche, que mamaſte,
Divino nectar, bendito ſea.
Grac. Es de Marcela la voz,
Y a nueſtro intento ſu letra
Haze. Proſigo, diziendo

Que

Que dudoso el vale espera
A quien fia el Mayoral
Tanto huesped en la grandeza
De su Hijo; pues sabed
Que esse honor para mi queda,
Que como isenta de culpa,
Nò quedé de gloria isenta,
A mi esfera dá su luz,
En mi cabaña se alverga,
De mis tosquillos se viste,
De mi leche se alimienta,
De mi butiro, y mi miel,
Como lo dixo el Profeta.
Yà ha venido el deseado;
Corra el Zafir la vidriera,
Rompa la cadena el vale,
Abra el Olympo las puertas;
Y yo por todo el Paiz,
Voy a dar la alegre nueva,
En señal de su seguro,
Llevando las Rosas bellas,
Que algun dia de mis cienes,
Pienso que han de ser diademas.

Diam. A darle la bien venida
Vamos todos.

Fid. Nadie quiera
Escusarse.

Sylv. Solo el diablo,
Que le peze, aun que le peza.
Diam. Albricias, hombres, y brutos,
Fid. Albricias, mares, y tierra,
Sylv. Albricias, aves, y flores,
Diam. Albricias, fuentes, y peñas,
Todos. Que oy os amanece el Sol
A desterrar las tenieblas. *van-se.*
Sale Marte de negro con vengala, y plumas negras a lo Soldado.
Mart. Que novedades este vale mira?
Para todos favor, para mi ira?
Joven, cuyo coturno en sus primores
Abriles calça, produziendo flores
Rosas, que este pie siembre
Zelos de Mayo, dichas de Deziembre,
Cuyo olor me desmaya de tal suerte,
Que a nò ser immortal, me diera la muerte,
Tanto, que en Aspid, y flor oy mis rencores,
Los Aspides quiziera, nò las flores.
Melodia, que en gracia tan notoria,
Me sona a pena, porque sona a gloria.
Los Pastores festivos,
Los ayes muertos, los alienta vivos.
Y todo a la cabaña se conduce
De

De essa muger, que entre las luzes,
Y de tan alta esfera,
Que aun antes de su ser, yà su ser era;
Pues antes de nascida,
El Olympo de Sol la vió vestida,
Y en tan alta fortuna
Tócava estrellas, y pizava Luna.
A la cabaña pues de gracia digo,
Que todo se conduce, y mi tosigo,
Es todo lo que toca a su grandeza;
Porque nò sé que tiene su belleza,
Que temo de mirarla, solo al verla,
Sin saber la razon, por que temerla.
Mas un villano viene por el llano,
Del informarme pienso. Ha villano,

Sale Sylvano.

Has reparado en flores tan hermosas?

Sylv. Usted me huele a açufre el vale.

Mart. Que novedades este dia junta?

Sylv. Presto se las diré, pues las pergunta.
Es que oy del alto Olympo, sin màs dizes,
Y pienso que aquebrarte las narizes,
Un Joven baxa de belleza, y talle,
Que es flor del campo, si lilio del vale,
De gracia en la cabaña se ha hospedado,

Y

Y la gracia ſe paga de contado,
Soſpechaſe que viene al vale umbroſo,
A reſcatarle oy, y a ſer ſu eſpoſo
De Venus, ò de Almana verdadera,
Perla del vale, flor de la ribera.
Mart. Calla, calla,
Y ſolo en un aliento
Te eſparſiré en pavezas por el viento.
Sylv. Huyendo tus fierezas,
En alas bolaré, nò en pavezas. *va-ſe.*
Mart. Villano, aguarda.
Mas nò puedo atroz
Oyr màs a ſu miedo, que a ſu voz,
De zelos rabio, de congoxa muero,
Y muero ſin morir, dolor màs fiero.
Venus eſpoſa? Peze a mis rencores,
Empeñado el Olympo en ſus honores?
Soſpechas de reſcate, al villanaje?
Aqui de mi poder, de mi coraje,
Todo eſte vale Marte nò me llama,
Por la braveza de mi eſfera, y fama?
Buelvan pues otra vez mis eſquadrones
A poner al Olympo en confuſiones;
Y ſi hiziere a mi intento,
Arrancaré la Eſtrella al firmamiento;
Pero, ſi nò me olvido,
En mi las arranqué, que eſtrella he ſido.

Sepa

Sepa otra vez el Mayoral Supremo,
Que aun que ſu hechura ſuy, ſu ira nò
temo.
A prevenir mis armas voy ozado,
La tierra ſe eſtremezca, Marte ayrado.
va-ſe.

Salen Almana, Marina, y Amira.

Alm. Que tan bello el Joven! Di.
Marin. Es tan hermoſo, que el Sol
Comparado a ſu arrebol,
Queda triſte en ſu zenit.
Alm. Amira, que dizes?
Amir. Sé
Al Verbo, por que me nombres,
Que entre los hijos de hombres
El màs eſpecioſo fué.
Alm. Di, Marina, ſi ſe oyó
Deſte, que abſortas nos tiene,
Quien es, y de donde viene?
Sale Adonis de Paſtor.
Adon. Eſſo he de dezirlo yo.
Marin. Que beldad tan peregrina!
Adon. Que gracia tan ſoberana!
Alm. Algo tiene màs que humana,
Porque toca a ſer Divina.
Adon. Hermoſiſſima Almana,
Que Venus te nombró

El

El villanaje rude,
Que ignora tu valor,
Como si tu pudiesses
En tan claro blazon,
Siendo mayor por ti,
Ser por otra mayor.
Del Mayoral supremo
El Hijo amado soy,
Y vengo a ser tu amante,
Podiendo ser tu Dios.
Cant. Nò, nò,
Nò dés la ingratitud
Por el favor.
Repres. Del seno de mi Padre
Por ti baxé veloz,
Que desdeño el Zafir,
Por pizar el torron.
Lo que ay del alto al llano,
Sin abrigo a la nieve,
Sin reparo al ardor,
Tal vez mi planta, y lado
A tanto se arrojó.
Al espino dió rosas,
Pagando herida en flor.
Cant. Nò, nò,
Nò desprecies rubi
De tal valor.

Repref. Para mi ſolo quiero
Todo tu affecto oy,
Que es amor de ninguno,
El que es amor de dós.
Huye del Marte fiero,
La inimiga priſion,
Porque nò vale un hombre,
Y mereces un Dios.
Para ſu obſcuro reino
Pertende tu candor,
Porque quiere en la ſombra
Dar ſepultura al Sol.
Cant. Nò, nò,
Nò me dexes por el,
Quando ſoy yo.
Repref. Buelvete a mi, Paſtora,
Que te llama mi voz,
Y de dós coraçones
Harás un coraçon.
A ſanar tu delito
Vengo, y ſerá baldon,
Que al curarſe la herida,
Me dexes el dolor.
Entre las dós cadenas,
Quiere mi affecto oy,
Rompa la de la culpa,
Y una la de tu amor.

Cant.

Cant. Nò, nò,
Nò dize eſclavitud
Eſta priſion.
Repreſ. Hallarás en mis mezas,
En que prodigo ſoy,
Nó el nectar fabuloſo,
El Maná ſuperior.
El Corderito tierno,
Guizado a tu ſabor,
Donde en cada bocado,
Has de guſtar un Dios.
Llevarete a mi adega,
Y alli al dulce licor
Se alienará el ſentido,
Pero nò la razon.
Cant. Nò, nò,
Nò deſprecies la fé,
Que te brindó.
Repreſ. Sin rigores la fieſta
Paſſaremos los dós,
Que el ſetin de Aſſucenas
Hará cortina al Sol.
Traerete a mi huerto,
Adonde ſeran oy
Mis finezas el fruto,
Tus deſeos la flor.
Si rendir me quizieres,

Pueſto que yà lo eſtoy,
De un cabello harás arma,
Y de otro harás priſion.
Cant. Nò, nò,
Nò defiendo la vida,
Que te doy.
Repreſ. En mi talamo puro,
Màs limpio que el farol,
Produzirás finezas,
Que eſta es ſu producion.
Y en union apertada,
Alta transformacion,
Para ſaber quien eres,
Perguntaran quien ſoy.
Deſpues ponderé magnifico,
Que en coronarte eſtoy,
En tus cienes de nieve
Grinaldas de eſplendor.
Cant. Nò, nò,
Nò me dés por la purpura
El baldon.
Alm. Iluſtriſſimo Joven,
Que Nube ſuperior,
Traendo el rendimiento,
Lleva la adoracion.
De tu voz al echizo,
De tu faz al candor,

Yà queda con tus gracias
De màs mi obligacion.
Si a quebrar la cadena
Vienes, ſegura eſtoy
Que atas la libertad,
Rompiendo la priſion.
Si a tu purpura Regia
Mi xerga ſe tiñió,
Que màs honor al vale?
Que màs luſtre a la flor?
Tuya ſoy, nò lo dudes,
Y lo jura mi voz
Sobre la peña firme,
Si, de mi çoraçon
Mi mano.

Dentro Marte, caxas, y vozes.

Dent. Guerra, guerra.
Alm. Que es eſto?
Cantan dentro los Paſtores.
Cant. Amor, amor.
Adon. Nò te aſſuſtes, que Marte,
Mi inimigo feroz,
Pertende con ſus armas
Dividir nueſtra union.
Mas nò podrán ſus hueſtes,
Alienarte a mi amor,
Por màs que el parche gima,

Y ſuene el atambor.
Si nò es que tu alvedrio
A todo ſuperior,
Porque tu voluntad
Es tu defenſa oy.
Y ſi ótra vez aleve.

Alm. Nò te enojes, que yo
Para ſer tuya, baſta
Saber que tuya ſoy.
Quando el Marte atrebido
Se arroja à tu honor,
Ha de hallar.

Dentro Marte, caxas, y vozes.

Dent. Guerra, guerra.

Alm. Tu ſolo.

Muſica dentro.

Muſ. Amor, amor.

Alm. O' que bien, dueño mio,
Buelven por aficion,
Paſtora, y Filomena,
Angel, y Labrador!

Adon. Pues buelve por ella
Con firmeza, y ſinó
Con zelos ſeré hombre,
Si con amor ſoy Dios.
Y eſte fuego, que abraza
Mi amante coraçon,

Te ſerá.
Dent. Guerra, guerra.
Adon. Si oy es.
Muſ. Amor, amor.

Sale Gracia, y Sylvano.

Grac. Adonis, que te has hecho?
Como ſe me auſentó
Tu luz, ando en tu buſca,
Tu Padre te fió
A mi cuidado, y aſſi
En tanta obligacion,
Aun lo que nó es rieſgo,
En mi queda temor.
Adon. Mis verdades a Almana
Predicandolas eſtoy,
Con que en el templo me hallas
Yà de ſu coraçon.
Sylv. Como al Niño perdido
Su Madre le buſcó,
Gracia anduvo por ti
Por peña, planta, y flor.
Grac. Del premio a tu fineza
Parabienes te doy,
Como Almana dichoſa.
Adon. Pues ſepa Luna, y Sol,
Alm. Sepan mares, y tierra,
Adon. Eſtrellas, y candor,

Alm.

Alm. Aves, fuentes, y flores,
Adon. Noche, dia, y albor,
Si dizen.
Dent. Guerra, guerra.
Adon. y Alm. Que digo?
Ellos, y Muſ. Amor, amor.

SEGUNDA ESTACION.

Sale Adonis.

Adon. Hablando con mi cuidado
Entro en eſte huerto hermoſo,
Quando del valle quexoſo,
De Almana enamorado,
Bella Almana, que la vida
Su gloria me ha de coſtar,
El valle, que me ha de dar,
Por el reſcate la herida.
Mi Padre, que todo mira
En ſu mente ſoberana
Sentido de la villana
Accion provocado à ira
Todo carga en mi dolor;
Pero mi fé nò retiro,
Y màs, quando en mi amor miro
La obligacion de mi amor.
Y pues mi voz al inſtante

Penetra, si bien se mira,
A las puertas de Zafira,
A los muros de Diamante,
Clame al Olympo Divino,
Donde viven mis verdades
Para provocar piedades,
Quando offensas examino.

Canta.

Ó' tu Padre felice, que habitas
El monte Celeste, nò el verde Pensil,
Mis clamores escucha, pues sabes,
Que se a mi me atiendes, atiendes a ti.
Tus piedades convoco, pues veo,
Pizando el torron, mirando el Zafir,
A tu ser, y piedad tan unidos,
Que siendo en si dós, quedan uno en si.
Deste valle infelice te pido
Nò mires la culpa, la miseria si,
Aun que sé te merece le tiñas
La fuente en coral, la flor en carmin,
Y el rigor, que en tus iras me busca,
La afrenta, el dolor, el golpe, la lid,
De mi passe, si fuere possible,
Si possible fuere, que passe de mi.

Canta el Amor en lo alto.

Amor. Nó passe Emmanuel,
Que es fineza vil,

Fi-

Fineza, que vive,
Dexando vivir.
Atiende de amor al decreto
Severo, y feliz,
Yo soy el Amor,
Y decreto aqui,
Que aun que fin nò tienes,
Llegues a tu fin.
Es ley de tu fé,
Que al alto Zafir
Sacrifique sangre,
Pidiendo Rubi,
La purpura fina
Derrama en la lid,
Que se amas, yà sabes,
Que amar es morir.
Atiende de Amor al decreto
Severo, y feliz.

Se escoude.

Adon. Pues yà que en punto de Amor
Pone Amor, que me desangre,
Yo quiero pagar en sangre,
Quanto se deve en valor.
Nò perdone mi firmeza
La vida, que aun que querida,
Fineza, que dexa vida,
Es vida, mas nò fineza.

Arroje

Arroje mi valor fuerte
El rezelo yà derecho,
Que tengo pecho, que pecho
Pueda hazer haſta a la muerte.

Sale Sylvano.

Sylv. Señor. Ay ſociego tal?
Y el valle, qual Berzebu,
Sin duda alguna que tu
Pienſas que eres immortal.

Adon. Que dizes, Sylvano?

Sylv. Digo,
Que del valle lo villano
Anda en tu buſca nò en vano,
Para rematar contigo;
Porque eſſe Marte, que en nieblas
Vive, por eſte paiz hallas,
Nò el, que es Dios de las batallas,
Porque es Dios de las tinieblas,
Con ſu rabia, ò ſus rezelos
A la villanaje obliga,
Que haſta la muerte perſiga
Tu vida, tales ſon zelos!
Los villanos influidos
En ſu furor, por hallarte,
Te buſcan para matarte,
Obligados, nò offendidos.

Adon. Y tan obligados, que

Por

Por ſu reſcate aqui eſtoy.
Sylv. Pues trata del tuyo, que oy
Que han de aprizionarte ſé.
Huye.
Adon. Eſſo dizes, villano?
Por vida de Almana bella,
Como he de morir por ella.
Sylv. Pues vaya cuento profano,
Que aun que fabula, bien ozo
Moſtrarla a tu realidad,
Que a vozes de la verdad
Es ſombra lo fabuloſo.
Venus la Dioza de amores
De Adonis ſe enamoró,
Y a Marte por el dexó
Dios de belicos rumores.
Tanto el Joven ſe extremava
En gracias, y gentileza,
Que Venus en ſu belleza
De la propria ſe olvidava.
Marte con ſu paſſion loca,
Ardiendo en iras, y enojos,
Fuego verte por los ojos,
Y eſpumazos por la boca.
Viendo que Adonis ſalia
A equivocarſe entre flores
Aun javali los rigores,

De tanta vengança fia.
Luego la fiera cruel
Con el Joven embeſtió,
Muriera de miedo yo,
Y murió de heridas el.
Todo de Roſas hermoſas
El campo ſe coronava
Blancas, porque aun nò ſe uſava
Veſtir de grana las Roſas;
Mas luego en tragedia tal,
La ſangre, que ſe dilata,
A la flor, que fue de plata,
Hizo Roſa de coral.
Las Roſas pues ſe paſſaron
Deſde la nieve al carmin,
Por eſte tragico fin,
Y deſta ſuerte quedaron.
Marte en ſus iras vengadas,
Y Venus eſmorecida,
El bello Adonis ſin vida,
Y las Roſas coloradas.
El cuento te applico a ti,
Emmanuel, con rezelos,
Que de otro Marte los zelos
Han de ſer tu javali.
Y las Roſas, que tus plantas
Llegaron a produzir,

Pienso que se han de teñir
En tu sangre.
Adon. Seran tantas
Mis finezas, que nò fuera
Mayor la que has presumido,
Aun que yà llega a mi oydo.
Dentro vozes.
Prendamos a Adonis, muera.
Sylv. Huye, Señor.
Adon. Calla, loco;
Antes voy a que mi vida
Al odio sea ofrecida,
Que darla al Amor es poco.
Sylv. Pues ya contigo en pareja
Voy, y sin temer sus manos,
Al mas fuerte entre los villanos
He de cortar una oreja. *va-se.*
Sale Marte.
Mart. De mis zelos aqui, y en tanta lidia,
Dixe mis zelos, por dezir mi embidia,
Pues màs me dá de Almana la cadena,
Que zelos su beldad, su gloria pena;
Y a essa causa disponen mis rencores,
Que muera el que procura sus honores;
Y assi a este Adonis, que ha baxado al valle,
Porque ella, y el a los perdones halle

Del

Olympo Divino,
Matarle oy a las iras determino,
De los villanos fieros,
Mi rabia le influí por ſus azeros;
Pero ſi nò me engaña mi coraje,
Yà prezo ſe le traye el villanaje
Ingrato a los favores, que le ha hecho;
Porq̃ eſtes ſon mis ſoplos en ſu pecho,
Yà ſu colera ciega
En altas vozes dize:

Dentro vozes.

Muera, muera.

Mart. Muera, y mi colera atrevida,
Aun que ſu vida es tal, llegue a ſu vida;
Y eſtas Roſas, q̃ han ſido a ſus fabores,
Y a mis ojos ſon aſpides, nò flores,
Si ſu planta le dió lo deſmayado,
Su tragedia le dé lo colorado.
Yà la parca lo eſpera

Dentro vozes.

Hijo del Mayoral ſe ha hecho, muera.

Mart. Yà le llevan al mõte, y en la ſubida
Baldon nò le perdona el homicida,
Y el eſpino ſangriento
Por el cabello, q̃ ha dorado el viento,
Se riſſa, y tan eſtrecho, ſe le junta,
Que una herida le dexa en cada punta.

Yà

Yà el arbol en ſus ramas arboladas
Al caminar le cruza las eſpaldas,
Diziendo el montañes que nò ay quien calle

Dentro vozes.

Tiña ſu ſangre todo nueſtro valle.

Mart. Yà la turba atrebida
Acaba ſobre el monte con ſu vida,
Acabe ſi, y mi rigor cruento
En las violencias ſolo, nò violento
Vaya a ſembrar ſus iras a otra eſfera.

Dize Adonis dentro.

Padre, como permites que aſſi muera?

Deſcubre-ſe Adonis muerto como reo, reclinado a un arbol, y ſale Venus por otra parte.

Alm. Por la falda deſte monte,
Que yà libre llega a verſe
Con las primicias de flores
De las iras de Deziembre,
A Adonis vengo buſcando,
Que me apparece ſin verle.
O' que la luz ſe me apaga!
O' que el Sol nò me amanece!
Nò lo encuentro, ay infelice!
Dezidme, parleras fuentes,
Dezidme, muſicas aves,

Di-

Dezidme, Fáunos ſylveſtres,
Dezidme, bolantes eccos,
Donde de mis ancias fuertes
Se eſconde? (ſi es que el amor
Del amor puede eſconderſe)
A vós os eſconjuro, ò hijas
De Jeruſalen Celeſte,
Digais, ſi viſteis a mi amado
Hazer Cielo deſte verde;
Sus ſeñas ſon, eſcuchadme,
Vivir en ſu faz alegre
De la Aſſucena lo blanco,
Y de Roſa lo ardiente;
Sus ojos la luz componen,
Sus labios la mirrha vierten,
Su pelo a la Nazarena
Rayos ſolta, y almas prende.
Mas ay, que nò me reſponden
Del valle, que ſe enternece,
Las hijas, porque nò ſaben,
Las flores, porque nò pueden.
Adonis Emmanuel
Nò reſponde, y me difieren,
De la Tortola gemidos,
Nò del Ruiſeñor motetes,
Nò ſé que tiene la tierra,
Que en ſu firmeza yà debil,

Al irla a poner las plantas,
Parece que se estremece.
El Cielo Nocturno, y triste
Lutos viste; nubes texe,
Y el Sol en horas de vida
Padece ecclypses de muerte,
Estan si rizueñas antes,
Estan a su ser rebeldes,
Las fuentes, como que lloran,
Las peñas, como que sienten.
Las blancas Rosas, ay triste,
Hijas de planta innocente,
Estan tragedias de nacar,
Si eran arboles de nieve.
Quien duda, quien duda, Cielos,
En tan infaustos plazeres,
Que la purpura, que viste,
Es la sangre, que se vierte?
Y ser el mismo, ay dolor,
Para mayor accidente,
Que en su coturno las fórma
El, que en su sangre las trueque.
Siempre hasta aqui irá subiendo al monte,
hasta aora que dé con Adonis.
Temome, pero que miro!
Valedme, Cielos, valedme,
Que tanto dolor nò cabe,

Ni

Ni haſta onde el dolor puede.
Bañado en ſangre, ò rigor!
Adonis muerto, ah crueles!
En que offendió ſu vida?
En que os obligó mi muerte?
Quien, querido Emmanuel,
Que mano fatal alebe
Quebró la luz a tus ojos,
Adonde el amor la enciende?
Quien de tus mexillas bellas,
Quien de tus labios fieles,
Lo que ha ſido Abril florido
Hizo palido Deziembre?
Quien en tu morado adorno,
Divino lilio decente,
Hizo clavel la violeta,
Hizo purpura la veſte?
Si attendiendo a mi delicto,
Por ſatisfazerle mueres,
Como la vida culpada
Paga la ſangre innocente?
Eſta juſticia de amor
Contigo tan inclemente
A mares de fuego, y agoa
Paguen mis ojos dós vezes.
Ayres, mas yà ſois ſuſpiros,
Arboles, yà ſois ciprestes,

Fuentes, yà sois desengaños,
Luzes, yà sois accidentes;
Porque luzes, y ayres,
Arboles, fuentes,
Sin poder padecer,
Tambien padecen.

Sale Gracia.

Grac. Todo padece, ay de mi!
Mas quien en lance tan fuerte
Dexará de padecer,
Quando el mismo Dios padece?
Si lo mortal es possible,
Como quieres, como quieres
Que lo invencible nò sienta,
Adonde lo immortal muere?
Si hasta las piedras se quebran,
Si hasta el Sol se te obscurece,
Que esperas yà de la luz,
De la dureza que temes?
Ay Emmanuel Divino!
Decreto fue de tu mente,
Que se pague en la fineza
Lo que en la culpa se deve.
Ha glorias de mi cabaña,
Y como fuysteis tan breves?
Honores de mi campina,
Esplendores de mi alvergue,

Mil

Mil vezes mi pecho passa
Este rigor, que me hiere,
Y nò muero de una vez,
Siendo herida de mil vezes.
O' vósotros, que esta via
Passais, dezid, respondedme,
Si havrá dolor semejante
A mi dolor.

Sale Marina.

Marin. Nò lo esperes,
Si hasta las flores caducas,
Con ser de vida tan breve,
Por morir de tu dolor,
Nò aguardan à su accidente.
Ven. Pues tanto dolor nò cabe
En terminos del, que siente,
Porque es inutil la voz,
Quien de mis ancias crueles
Dirá?

Sale Amira.

Amir. Quien quieres que diga,
Si hasta las parleras fuentes
Yà vierten lagrimas mudas,
Si antes murmureos perennes.
Grac. Canticos de endexas tristes,
Sigan funebres motetes,
Tragicos metros entonen,

Que,

Que en las exequias fieles
Canten.

Sale Diaman.

Diam. Quien quieres, que cante?
Si hasta las aves alegres,
Como nò saben llorar,
Por nò cantar, enmudecen.
Ven. Dure en mi dolor fatal
Mi vida, porque assi llegue
En edades de sentir
A pagar lo que te deve.
Dure.

Sale Fido.

Fid. Quien quieres que dure,
Si hasta las peñas se hienden,
Porque el ecco, que las busca,
El gemido es, que las hiere?
Grac. Pues yà que todo lamenta.
Ven. Pues yà que todo padece,
Lloremos todos.
Tod. Lloremos.
Ven. Nò cesse el dolor.
Tod. Nò cesse.

Dentro musica.

Mus. Ay dolor fuerte,
Que son culpas de un hombre
De un Dios la muerte.

Ven. Delicto, que grave fuiſte!
Grac. Culpa, como eres aleve!
Amir. Valle, como eſtás obſcuro!
Mar. Hombres, como eſtais rebeldes!
Diam. Tierra, como eſtás ſangrienta!
Fid. Cielos, como eſtais auſentes!
Tod. Repita pues nueſtro llanto
En tan fatal accidente:
Tod. y Muſ. Ay dolor fuerte,
Que ſon culpas de un hombre
De un Dios la muerte.

TERCERA ESTACION.

Apparece el monte coronado de Roſas doradas, y ſale Venus. Dentro muſica.

Muſ. Fineza grande!
Lo que pide en Rubies,
Lo paga en ſangre!
Repite.
Fineza grande, &c.
Alm. Fineza grande, ay de mi!
Y como fineza grande,
Pues nò puede ſer pequeña,
Si toda una vida vale?
Ay Divino Emmanuel,

Bien tus finezas decanten,
Pues que Divino te nombro,
Y te lamento cadaver.
Mi llanto, pero que miro?
Vestido está todo el valle
De otra flor, Rosa dorada,
De compuesto tan brillante,
Que al Sol parece, que enciende
Sus luzes en sus realces,
Hijas del campo amarillas
Unas Rosas naturales
Hay, mas su color pajizo,
Quando en su beldad presale,
Es beldad, que lizonjea,
Y nò palidés, que espante.
Estas son, mas miro en ellas
Luz superior, que las haze,
Aun antes que salga el Sol,
Vestir al Sol, quando salen.
Valle, nò he mirado en ti
Las Rosas, ayer, y antes,
Unas niñezas de leche,
Otras tragedias de sangre?
Nò fueron ayer tus flores
Bañadas del Roxo esmalte,
Las lastimas destes montes,
Los suspiros destes ayres?

Pues como, di, valle ingrato,
Ayer en dolor tan grande
Fue cada flor una herida,
Y oy cada Rosa un diamante?
Como las aves sonoras,
Como los ayres bolantes,
Unos cantan alegrias,
Y otros corren suavidades?
Como la Aurora, que ayer,
Bañada en lagrimas sale,
Muda en perlas de tu adorno
De su llanto las señales?
Todo confusiones miro,
Pero confusiones tales,
Que nò las tienen las sombras,
Porque las luzes las hallan.

Dentro musica.

Muf. Albricias, albricias, los Cielos,
Albricias, la tierra, y los mares,
Que aquel Fenis, que amante muere,
De amante renasce.
Albricias, los Cielos, la tierra, los ma-
Ven. Albricias pide la voz, (res.
En sus clausulas suaves;
Solo percibo, pero
Desciendo del monte al valle
Viene un Pastor, aun que el rostro

Encubre; del informarme
Puedo, porque es muy possible
En una occasion tan grave,
Que me discifre el mysterio,
Aunque haze enigma el semblante.

Sale Adonis con un rebocillo de monte.

Ven. Hà Pastor.

Adon. Zagala hermosa,
Que mandais?

Ven. Sabeis denantes
Desta novedad la causa,
Que haze mutacion de valle?

Adon. La reveviva de un muerto
Festeja.

Alm. Hà fieros pezares!
Morir, y resuscitar
Solo en mi dicha nò cabe!

Adon. Porque lo dizes?

Ven. Porque
Lloro de mi caro amante
La muerte, y es Sol, que se pone,
Pero nò Sol, que renasce.
Assi que mi vida aneguen
Lagrimas.

Adon. Nò las derrames,
Que quien vive en tu memoria,
Nò està muerto en su cadaver.

Alm.

Alm. Muerto eſtá, que aſſi lo vi,
Y por mi amor.
Adon. Es probable,
Que aquel, que muere de amor,
Nò acaba, por màs que acabe.
Alm. Luego puedo eſperar?
Adon. Si.
Alm. Quien eſperança tan grande
Puede afiançarme?
Adon. Yo. *Deſcubre-ſe.*
Alm. Cielos, que veo?
Adon. Nò eſtrañes,
Que aquel, que ha muerto por ti,
Para ti reſuſcitaſſe.
Alm. Vivo Adonis? es poſſible
Gozo tan grande me mate.
Que eſto devo a mi fineza?
Adon. El Cielo tu vida guarde
Para gloria del Olympo.
Alm. Yà con luzeros brillantes,
Yà con muſicas ſirenas,
Yà con vivas ſaludables
Los Cielos, mares, y tierra
Canten la gala a mi amante.
Muſica, y ella.
Albricias la tierra, los Cielos, los mares.

Alm.

Alm. Como, dime, te ofreciſte
A tan rigoroſo tranze,
Y como ſaliſte del?
Adon. Diré, que al pedir mi Padre
Por tu reſcate rubies
De los màs finos quilates,
Yo, que a la ſatisfacion
Me ofreci, miré mi ſangre,
Que yà pulſava en las venas,
Como advertiendo conſtante,
Que quien tiene lo que vive,
Dá muy poco en lo que vale.
Aſſi, al mirar el rencor,
Que el fiero Luzbel, ò Marte
Contra mi vida influía
En los villanos del valle,
Pudiendo livrarme ſolo,
Solo con querer livrarme,
A ſus iras me ofreci,
Quando hazer ſeria facil,
Que en ſu coraje ſe vieſſe
Victimas de ſu coraje.
Mi ſangre dexé agotar,
Que es galà de mi amor grande,
Que a quien rubies le pide
Dê pelos rubies la ſangre.
Por ti à mi Padre le ofreſco

Eſta

Eſta purpura, que vale
Màs que la tierra, y el Cielo,
Y embuelto en llagas mortales,
A un Arbol me recliné
Tal en el infauſto lance,
Que puedo dezir, y digo,
Que mori, como al hallarme
Vivo, que reſuſcité,
Donde a tus ojos me trae
Mi deſeo, porque ſepas,
Como ſoy, y nò es dudable,
Mortal para dar la vida,
Immortal para buſcarte.
Yà las diamantinas puertas
Del Olympo a ti ſe te abren,
Mi Padre eſtá ſatisfecho,
Eſtá reſcatado el valle,
Y en el Olympo Divino
Con la corona brillante
Te aguardan, donde mi amor
Deſpues de finezas grandes
Nò declina, ni màs ſube,
Pues nò tiene a que màs paſſe.
Alm. A tus plantas.
Adon. Nò las toques,
Que te ſubo a màs realces,
Y ſe quexará mi pecho,

Quando otro lugar buſcaſſes.
Miras del valle las Roſas
Eſta mañana?
Alm. Brillantes
Topazios ſon, y en ſus ojos
Parece que el Sol renaſce.
Adon. Viſtelas ayer?
Alm. Sangrientas,
Y anegadas en tu ſangre,
Cada Roſa era un Adonis,
Siendo cada eſpino un Marte.
Adon. Las de antes de ayer?
Alm. Tan puras,
Que cada flor al miratſe
Era una perla de hojas,
Siendo de olor un diamante.
Adon. Que te parece valdrán
Tales Roſas?
Alm. Precio grande,
Y immenſo, pues de tu vida
Son dibuxos ſus eſmaltes.
Tu aliento eſcriven las blancas,
Las rubicundas tu ſangre,
Tu revivir las doradas,
Con que de tu amor conſtante,
Siendo cada Roſa un Dios,
Es cada flor una imagen.

Adon.

Adon. Yà que su valor conoces,
Para que màs admirables
Te sean, mostrarte quiero
En las futuras edades
Lo que estas Rosas valdrán
Al universo del valle;
Aun quando màs olvidado
Se vea de sus verdades;
Haziendo que el veloz tiempo
A su relox adelante
Hasta siglo de Domingo,
Que estrella, flor, hombre, Angel,
Sus olvidados Mysterios
Ha de recordar su Ave.

Canta.

El curso rapido
Pára, relox ligero,
Que te obligan mis clausulas,
Quando dulces te llaman con imperio.
O' tiempo, escuchame,
Porque a mandarte vengo
En consonancias metricas,
Que pares, y apresures màs el buelo.

Canta dentro el Tiempo.

Quien inaudito
A mi libre passeo,
Dexando el ayre timido,

Pudo

Pudo echar la cadena
De un assiento?
Sale el tiempo con alas en los pies.
Adon. Yo, Tiempo, soy quien procura
Tu valor.
Tiemp. A tu alvedrio
Nò ay què resistir
Adon. El mio
Es, que hasta la edad futura,
Passes de un buelo, mostrando
Del gran Domingo los dias,
Porque de las Rosas mias
Vayas Almana enseñando
Lo que en essa edad valdrán
Al valle, quando obstinado
En su error precipitado
Yà perdido le veran.
Tiemp. A obedecerte seguro
Parto, pues se determina,
Corra-se aqui la cortina
Al incognito futuro. *va-se.*
Adon. De un buelo midió las eras,
Que faltan para llegar
A Domingo.
Alm. Y sin parar
En estas verdes esferas
Nos muestra yà de sus dias

Las

Las notables aventuras.

Adon. Como eſtan las peñas duras?

Alm. Como eſtan las fuentes frias?

Adon. Que miſero el valle eſtá?

Alm. Lagrimas ſon ſus corrientes!

Adon. Quan otras miro a ſus gentes!

Alm. Por frutos piedras nos dá.

Cantan dentro.

Ay miſero de ti valle infeliz!
Ay miſero de ti!
Que ſe hizieron de tus flores?
Reſponde, valle infeliz,
Que yà ſon eſpinas las Roſas,
Siendo en pureza el jaſmin.
Ay miſero de ti, valle infeliz!
Ay miſero de ti!

Salen Diaman, y Fido con las eſpadas deſnudas riniendo, y aſſi atraveſſan el tablado.

Adon. Todo es venganças, y riñas.
Muera quien a mi deſeo
Quiere eſtorbar el empleo.

Alm. Todo es muertes, y rapinas.

Recogen-ſe, y dize dentro uno.

Uno. Sobre robarme me has muerto.

Otro. Viva ſolo mi ambicion.

Adon. Todo es ira, y confuſion.

Alm.

Alm. Todo es rabia, y desconcierto.

Dentro Musica.

O' como sin piedad veo!
O' como sin triunfo vì!
A las Palmas de Cadés,
A la Oliva de Sitin.
Ay misero de ti, valle infeliz!
Ay misero de ti!

Dentro caxas, y ruydo de guerra.

Vozes. Arma, arma, guerra, guerra,
Otras. A fuego, y sangre lleveis,
Ni a los niños perdoneis.
Adon. Toda es crueldades la tierra.
Salen los Pastores cantando, y bailando, assi atravieſſan el tablado, y se recogen.
Cant. Esta vida queremos,
De la otra nos olvidemos.
Alm. Todo es olvido, y letargo,
Adon. Todo es gusto, y passatiempo.
Alm. Hà que desdichado tiempo!
Adon. Valle, como estás amargo!
Salen unos con platos de comida, y assi atravieſſan el tablado.
Diam. Denme frutos por tributos,
Denme bebidas suaves,
Del ayre todas las aves,

Del

Del monte todos los brutos.

Sylv. Guizen los lobos, que encuentre,
Que ni essos le han de escapar.

Todos. Regale-se el paladar,
Sea nuestro Dios el vientre. *recogense.*

Alm. De qual el valle ha de estar,
Que dizes, en este dia?

Adon. Digo que llorar havia,
A ser capaz de llorar:
Assi Domingo ha de hallarle,
Quando mis Rosas sagradas
De todo esten olvidadas;
Mas yà se mira pizarle.

Dentro Domingo.

Mortales, mortales,
Vuestros bienes se van
A vuestros males.

Adon. Yà Domingo se mira estrella pura,
Que aparece en la noche màs obscura.

Sale Domingo.

Alm. Que agraciado zagal!

Adon. Sus gracias bellas
Son palmas de zafir,
Del campo estrellas.
Grandes son sus renombres.

Dom. Montañezes, sois brutos, ò sois
hombres?

Sa-

Salen los Pastores.

Fid. Domingo, que nos quieres,
Que en tus palabras nuestros pechos
hieres?

Dom. Dizeros que nò os temo,
Quando enojado el Mayoral Supremo
Tienen vuestras licencias,
Pues van de demazias a insolencias,
Y en su severa mente
Vuestro castigo forja de repente,
Pues siento yà por essos orizontes
Tronar los Cielos, y mover los montes.

Dentro terremoto, y rùydo.

Piedad, Señor, Gran Mayoral Divino,
Perdonad deste valle el desatino,
Pues a vuestra Clemencia
Llega yà su clamor.

Todos. Piedad, clemencia.

Alm. Que horror!

Adon. Nò temas, mas atiende aora.

Dom. La sombra enluta, quando la luz
dora,
Señor, cesse el rigor en tal violencia,
Perdonad, perdonad.

Todos. Piedad, clemencia.

Fid. Domingo, dinos, porq̃ bien lo miras,
Quien entre nuestras culpas, y sus iras

Con

Con el Gran Mayoral mediará digno?
Dom. Su furor grave, su rigor Divino
Solo puede aplacar, assi lo siento,
Gracia, porq en su solio tiene asiento.
Gracia, que dexa verse peregrina,
Quando a su trono corren la cortina,
La niña de sus ojos,
El Iris de la paz en sus enojos;
Que a su Hijo querido en este suelo
Dió el abrigo, el sustẽto, y el consuelo.
Fid. Y con que la obligaremos,
Para que màs propicia la tengamos,
Que offerta a Gracia bella le daremos?
Dom. Atendedme, Pastores.
Tod. Atendemos.
Dom. Dezid, si os acordais de aquellas Rosas,
Que en valle olorosas
Yà blancas, yà sangrientas, yà doradas,
De Emmanuel las finezas retratadas,
Laminas son, donde su amor se muestra.
Marin. Aun que tan tibia la memoria nuestra
En su valor estuvo,
Bien conoce la deuda, que le tuvo.
Dom. Pues sabe que essas Rosas
Nunca marchitas, porque siempre olorosas

Del

Del Mayoral Divino
Son el objecto màs ſuave, y digno,
Quando ſu viſta, que al allanarſe
De ſu Celeſte hazià eſte verde eſparſe,
Pues alli de ſu Hijo vinculadas,
Sangre, gloria, finezas vê cifradas.
Deſtas flores, ò eſtrellas
Coged, Paſtores, y en grinaldas bellas
Las ofreced a Gracia ſoberana,
Para que ſu piedad, que es màs que humana,
Del Mayoral con ellas los enojos
Pueda aplacar, en viendola ſus ojos,
Por màs que de juſticia eſten armados,
Han de bolver las iras en agrados.

Marin. Vamos pues a buſcar las lindas flores,
Del valle gracias, y del Cielo amores. *va-ſe.*

Dom. Tal fue tu rudeza, ò valle,
Que le obligas a las fieras,
Hagan rubies de llamas,
A los diamantes de eſtrellas.
Yà por el Roſal Divino
A coger las flores entran,
De tanto prodigio ſuma,
De tanto myſterio emblemas.

Dentro los Paſtores cantando.

Dent. Al Roſal, al Roſal zagalejas,
Que eſtas Roſas ſon pazes,
Si otras ſon guerra.

Sale Marte.

Mart. Que eſtas Roſas ſon pazes,
Si otras ſon guerra?
Que pazes, que Roſas ſon
Las que a mis oydos llegan?
Nò aſpid ſordo al eſcucharlas,
Si vibra al perceberlas?
Si a caſo (ay de mi) ſi a caſo
Las olvidadas finezas,
Que Emmanuel en eſte valle
En traje de flores bellas,
Plantó para ſu memoria,
Oy buelven, oy ſe recuerdan
Para ſer Iris de pazes,
Ha deſterrar la tormenta,
Que del Gran Paſtor las iras
Llevantan ſobre la tierra
Para caſtigo del valle,
Que a mi alvedrio ſogeta,
Tiene ſu cerviz torcida,
Pues de la recta obediencia
De ſu legitimo dueño
Retrocede, adonde ſepa

Mi colera la vengança
De las antigas offenſás.
Zelos de Almana, y amores
De Emmanuel, en que rebienta
Cada memoria un bolcan
Voraz, cada recuerdo un Etna!
Adon. Atiendes a ſu rabia?
Alm. Si,
Porque haſta los Cielos llega.
Adon. Percibes màs?
Alm. Yà las Roſas
El olfato lizonjean,
Y la muſica el oydo.
Dom. Que alegre la turba llega!
Van ſaliendo los Paſtores con grinaldas de Roſas en las manos.
Fid. Aqui las divinas Roſas
Te traemos, porque ſean,
El Iris de nueſtras pazes.
Mart. Primero que tal conſienta,
Nò ſolamente a las flores
Tragaré, pero a la tierra.
Dom. Nò harás, que yò la defendo.
Mart. Sean mis braços la prueva
De tu valor.
Dom. A mi esfuerço
Se ha de proſtrar tu ſobervia,

Deſiſte yà.
Mart. Nò deſiſto,
Porque ſierpe de cabeças
He de ſer, que una ſe corta
Al paſſo que otra rebienta.
Paſtores. Domingo, viva tu esfuerço.
Adon. Repara en la fortaleza
De eſſe Campion valiente,
Que tantas vitorias cuenta.
Dom. Al nombre del Gran Paſtor
Te rinde.
Mart. Al oyrlo tiembla
El Infierno, aun por eſſo
Yà desfalece mi fuerça.
Dom. Pues conſumete en tu rabia.
Caye Marte dentro.
Mart. Y con eſſa rabia miſma,
Aun que triunfo de tus plantas,
Eſcupiré las eſtrellas. *recoge-ſe.*
Paſtores. Victor, victor por Domingo.
Alm. Gran hombre en el me enſeñas.
Adon. En ſu cabeça por lauro
He de poner la diadema.
Dom. Solo reſta que las Roſas
Ofreſcais à Gracia bella,
Porque al Mayoral aplaque.
Fid. A tus vozes pues deſcend-

Dom.

Dom. Hà del alcaçar ſupremo,
Hà de la brillante eſfera,
Que en puertas de Margarita,
Rompe el candado a la puerta.

Dentro muſica.

Muſ. Quien llama, quien llama,
Que altivo penetra,
Muros de Diamante,
Preſidio de eſtrellas?

Dom. Domingo, que al monte cl
Por gracia a Maria bella,
Para que piedad Divina
En eſte valle apareſca.

Aparece Gracia en lo alto, veſtida de gloria, y manto de eſtrellas.

Grac. A tus vozes, ò Domingo,
Baxo, porque amor me fuerça
A favorecer tu empeño.

Dom. Proſtrado a tus plantas bellas
Las gracias te rindo; y pueſto
Que el valle.

Grac. Nò lo refieras,
Porque al eſcuchar ſus culpas
Nò ſe turbe mi clemencia.
Yà ſé que el perdon pertende
Del Gran Paſtor.

Dom. Interceda

Con el tu gran valimento.
Grac. Al monte divino llenan
Sus libertades, que ſuben
A hazer temblar las eſferas,
Y haſta mi piedad ſe irrita.
Dom. Llegad con la dulce ofrenda,
Para vencer ſus enojos.
Fid. Eſtas blancas Roſas terſas,
Marin. Eſtas coloradas flores,
Amir. Eſtas doradas eſtrellas,
Sylv. Que la niñez de Emmanuel,
Fid. Que de Emmanuel la tragedia,
Amir. Que ſu reveviva alegre
Myſterioſas repreſentan.
Fid. Te ofrecemos, porque aplaques
Al gran Mayoral con ellas,
Amir. Pues de ſu Hijo querido
Son leche, ſangre, y fineza.
Todos. Piedades, piedades,
Clemencia, clemencia.
Grac. Las Roſas bellas guſtoſa
Acepto; y tanto con ellas
Me precio, que la corona
Han de ſer de mi cabeça:
Recordad pues ſu memoria.
Tu, Domingo, porque crezca,
Haze plantar ſus Roſales

Deſde

Desde la Europa opulenta
Hasta la torrida Zona;
Que tengo de hazer por ellas
Tantas gracias, que en volumenes
O' quenten bien, ò mal quepan;
Y en nombre del Gran Pastor
El perdon, que me interpretas,
Doy al valle, que este olor
Divino a tanto me fuerça.
Y assi quede en paz, que yo
Voy a detener ligera
Las iras de quien los vivos
Hasta en los amagos tembla. *recoge-se.*

Dom. Vamos todos,

Pastor. Todos vamos,

Dom. A loar a Gracia bella
Por tan singular favor.

Pastor. Viva, triunfe, goze, reine. *recogen-se todos.*

Adon. Corra el tiempo à los futuros
Otra vez el velo, y buelva
A su curso.

Alm. En el admiro
Para las edades nuevas
El poder de Gracia.

Adon. Es tanto,
Que de mi Padre en la regia

Silla

Silla tiene aſſiento.
Alm. Mucho
Es lo que vale con ella
Domingo.
Adon. Eſpoſo le llama;
Es juſto que le favorezca,
Y el lo merece.
Alm. Tus Roſas
Del valle ſon las eſtrellas.
Salen los Paſtores.
Fid. Tu dichoſa rediviva,
Señor, a todos alegra,
Para bien, Fenis, renazcas.
Diam. La luz, que oy nos lizonjea,
Haſta en los cáos alumbre,
Haſta en las piedras incenda.
Adon. Amigos, libres eſtais
Yà de la eſclavitud fiera
De Marte, pues con mi ſangre
Lavaſteis la mancha negra,
Que delicto de Almana
Fue ſombra a vueſtra pureza.
Eſtos los rubies fueron,
Con que compuze la deuda
A mi Padre, que a ſer menos,
Fuera precio, y nò fineza.
Yà que del Divino monte

Te-

Teneis abiertas las puertas,
Adonde me llevo Almana
Para coronarla regia
Con retaguarda de perlas,
Esta es mi mano.
Alm. La accepto,
Esposo, y Señor, en prendas
Con rindimientos de esclava,
Y con honores de Reyna.
Sylv. Par Dios que los pies de cabra
Yà de oy màs nò la passean.
Fid. Quien en tu ausencia podrá
Soccorrernos?
Adon. Gracia bella,
Porque en el valle la dexo
Hasta que la suba excelsa
En carroça de diamante
Al mismo honor, que me espera;
Y tambien he de embiaros
Uno tan proprio a mi essencia,
Que mi Espirito se llama.
Sylv. Fuego de Dios si lo fuera.
Adon. Quedaos que al monte subo
De mi Padre, y las supremas
Rosas de mi produzidas
Nò olvideis, que aqui se dexan,
Para que a Gracia, ò Maria

Possais

Poſſais adornar con ellas
Algun dia, y dezir todos
En honor de ſus grandezas:
Vivan las Roſas Divinas.
Todos. Vivan las Roſas Divinas.
Diam. Vivan las flores ſupremas,
Todos. Vivan las flores ſupremas.
Diam. Que ſon de Maria hermoſa,
Todos. Que ſon de Maria hermoſa.
Diam. Roſario, Corona, y eſtrellas,
Todos. Roſario, Corona, y eſtrellas.

PERLA, Y ROSA.

AUTO

DEL ROSARIO

Por la Parabola del Buen Paſtor.

Perſonas, que hablan en el

El Buen Paſtor. — *La Precioſa.*
Univerſo. — *La Perdida.*
El Engaño. — *Dama primera.*
El Chiſte. — *Dama ſegunda.*

Muſica.

Sale Univerſo.

Univ. Caçadores. Hà del monte,
Eſcoltas. Hà de la ſelva,
Que de las planicies altas,
Qual deſgarriada oveja,
Una perdida ſerrana
En nueſtros paizes entra,
Y es ſin duda de las ciento,
Que el Gran Paſtor acautela,
Por margenes de eſmeralda,
En ſu honor, y nueſtra offenſa.
Los monteros la conduzan,

Las

Las muſicas la ſuſpendan,
Los Cavalleros la cerquen,
Siganla, porque nò buelva
A deſandar ponderada,
Lo que ha pizado ligera.
Corone-ſe Babylonia
Deſte triunfo, porque ſea
Laurel entre cortezanos
La que fue flor entre breñas.

Muſica. Siganla, cerquenla, prendanla,
Que la vida me trae, y el alma me lleva.

Sale Chiſte, y criados.

Chiſt. Prendanla, cerquenla, ſiganla.
Mejor una liebre fuera,
Que una muger.

Univ. Calla, loco.

Chiſt. Calla loco? Nò es quimera,
Que una la ſeña nos trae,
Y otra nos lleva la ſeña.

Univ. Cuidado nò ſe deſvie.

Chiſt. Yà el engaño a tu preſencia
La trae.

Univ. Quien, ſinò el
Traer la Alma pudiera
Del mundo a la Babylonia?

Sale el Engaño, y la Perdida.

Criad. Que hermoſa es la ſerraneja!

Eng.

Eng. A tus ojos, ò Monarca,
Tienes la ſerrana bella,
Pero como voluntaria,
Y nò como prizionera.
Univ. Mejor dirás, la deidad,
Que mirada en eſtas ſelvas,
Se ha hecho muger mentida,
De Diana verdadera.
Perd. Nó me alabes, porque el Sol
En eſta breve carrera
La faz me ha quemado.
Univ. Mientes,
Porque el Sol a tu faz nò llega.
Perd. Saber deſeo (porque
Es la ignorancia groſſera)
Delante de quien eſtoy?
Eng. Da quel Monarca, que encierra
Debaxo de ſu dominio
En dilatadas eſferas
De Europa las Mageſtades,
Del Africa la braveza,
Del Azia las abundancias,
De America las riquezas,
Pues a ſu imperio ſomete,
Quanto el Sol gira, ò rodea,
Deſde la Zona, que arde,
Haſta el Tropico, que yela.

Eſte

Eſte pues es Univerſo,
Gran Principe de la excelſa
Babylonia, cuyo nombre
Incluye en ſi la grandeza
De todo lo màs por Corte
De ſu Mageſtad ſerena.
Perd. A vueſtras plantas.
Univ. Llevanta,
Nò me acuſe la ſobervia,
A quien alçaré los ojos,
Si el Cielo a mis plantas llega.
De quien eres, y a que fin
Tu innocente planta tierna
A eſte Paiz te conduze?
Perd. Eſcucheme tu grandeza.
En las altas planicies de eſmeralda,
Que del monte ſupremo ſon la falda,
Tan glorioſas, que alli, nò ſe lo quiten,
Lo verde, y lo celeſte ſe compiten,
Pues en manſion hermoſa
Arder ſe mira un Sol en cada roſa,
Quando con orden bella
Paſſa cada jaſmin por una eſtrella.
Y la Luna tambien alli ſe humana,
Siendo cada aſſucena una Diana;
Los claveles amantes,
Los rayos de luz ſiempre flamantes:

Tales

Tales ſus flores ſon, y ſon ſus aguas
Eſpejos del amor en puras fraguas,
Donde el amor tan puro ſe vé luego,
Que en pureza cõpite al agua, y fuego.
Las aves ſon, diré que ſe preſuma
Orfeos de alas, Anfion de pluma;
Y quando màs ſubidas ſus canciones
Exceden las humanas ſuſpenſiones.
Sus arboles frondoſas ſiempre verdes
Son de aqueſte edificio las paredes;
Y tan poco ſe taſſan,
Que al Cielo con ſus puntas amenaçã,
Siendo ſus ramas bellas
Del firmamento azul verdes eſtrellas.
Deſta planicie, digo, delicioſa
Es dueño un Paſtor, cuya amoroſa
Condicion, trato afable, ſoberanas
Virtudes, en ſus obras màs q̃ humanas
De Paſtor Bueno le alcançaron nõbre;
Y es pequeño epiteto a tanto hombre.
Tan grande es ſu poder, que bien mirado,
A los Ceptros nò cede ſu cayado;
Antes, y bien te aplico,
A la purpura excede ſu pellico,
Que aun que huyo a ſu valor, en un repente,

Nò

Nò te puedo negar que es tan potente.
Véſe en ſu faz ſerena
Ramillete de Roſa, y Aſſucena;
Y en ſu mirar ſuave
Tierna la Mageſtad, y el amor grave,
Siendo al fin ſu compueſto peregrino
Un ſer, entre lo humano, y lo Divino,
Que aun que huyo a ſu aſpecto prodigioſo,
Nò ſe puede negar q̃ es tan hermoſo.
Guarda un ciento de ovejas ſoberanas,
Porque ſon ſus ovejas, ſus ſerranas,
Eſtas ciento ama, y vela de tal ſuerte,
Que llegará por ellas à la muerte;
Y aun que con vida eſtá, coſa es ſabida,
Que yà por todas ellas dió la vida;
Y ſi fuera ſolo una,
Lo miſmo hiziera, ſi, ſin duda alguna,
Que aun que a ſu affecto aqui ſoy inconſtante,
Nò te puedo negar que es tan amante.
Es todo ſu diſvelo,
Nò paſſen de ſu ſuello, haſta ſu ſuello;
Que nò toquen ſus plantas ſin deſculpa
Los roſales, que llaman de la culpa,
Que a tu Corte caminan,
A donde ſus rezelos ſe deſtinan;

Pues

Pues lo primero, que prohibe grave,
Es de tu Babylonia el trato amable,
Tanto, que hasta los vientos,
Porque llevar nò puedan los alientos,
Parece que encadena su constancia,
En las ultimas lineas de su estancia,
Que aun que offenderle oso,
Nò te puedo negar que es tan zeloso.
Y pues que de las ciento soy la una
Con tan alta fortuna,
Que amor la màs querida me relata,
Y quiçà que por esso màs ingrata,
Quanto tu Corte màs se me vedava,
En deseos de verla me incitava;
Porque para quererla
Bastava lo impossible de tenerla,
Formando en mi concepto su zonido,
Estruendo afable, si blando ruydo,
Viendo yà del Pastor las sentinelas,
Màs como esclavitudes, que cautelas,
Llorando en mi desdoro
Como cadena, lo que fue decoro,
Yendo, y veniendo yà sin màs assiento,
Hasta tu Babylonia el pensamiento,
De donde me trahia,
El ver con el, lo que sin el nò via,
Al fin determinéme,

Nò digo que a ganarme, ni a perderme,
Que és solo mi cuidado,
Ser hueſpeda algun tiẽpo de tu eſtado,
Ver de tu Babylonia las grandezas,
De tus obras heroycas las proezas,
De tus Palacios, ſi, lo ſumptuoſo
De tus jardines lo delicioſo,
De tus gentes el numero crecido,
De tus feſtines el blazon luzido,
Y bolverme deſpues à mi primera
Planicie, aun que me acuſen de ligera.
Eſte mi intento fue, y en el deſpierta,
Rompi de mi paiz la verde puerta,
Y mi coturno ozado,
Paſſó de lo ſeguro a lo vedado;
Tus roſas conculqué, mas tan ligera,
Que burló ſus peligros mi carrera,
Y el aſpid, que a la planta ſe llevanta,
El ayre pica, pero nó la planta;
Y al fin a tu paiz, donde he llegado,
Lo nuevo, nò lo libre, me ha llamado,
Pues para entrar en el oy mi belleza,
El pellico diſpió, nò la pureza.

Univ. Tanto, ò montarás prodigio,
Con tu venida ſe éleva
Mi perſona, que haſta oy,
Aun que màs Monarca ſea,

Nada

Nada he ſido, pues he ſido,
El que, ſin verte, nò era.
Mas lo que mi dicha aſſuſta,
Es eſſe nombre de hueſpeda,
Donde me cortas la vida,
Al paſſo, que me la entregas.
Como es poſſible que intentes,
Como es poſſible que quieras
Bolver a vivir de ſimple,
Podiendo matar de bella?
Que importa que ſeas oro,
Que importa que Perla ſeas,
Si toſca mina te occulta,
Y bruta concha te encierra?
Quedate en mi Corte libre,
Repartiremos en ella,
Para tuya la corona,
Para mia la cadena.
Preſiſte adonde te illuſtres
Con los adornos de regia,
Que es de la purpura ultraje
El ver que eſcoges la xerga;
Y quando mi offerta burles,
O' de ingrata, ò de groſſera,
Diré con reſueltas vozes
A los monteros por fiera,
A los ſoldados por libre,

A los ayres por iſenta :
el, y muſica.
Siganla, cerquenla, prendanla,
Que la vida me trae, el Alma me lleva.
Univ. Engaño.
Eng. Señor.
Univ. Eſcucha. *hablan los dos à parte.*
Chiſt. Mucho de admirar me ſea,
Que eſtandoſe Uſted enſeñada
A la ſencillez modeſta
De un Paſtor, venga a buſcar
Los enredos ſin defenſa
De un cortezano!
Perd. Su trato midirá con ſu nobleza?
Chiſt. Es el mayor embuſtero,
Que cubre el Cielo.
Perd. Sus veras
Nò han de faltar.
Chiſt. Sus mentiras
Nò faltarán, pues compueſtas
Se hallan en plaças, y calles,
Bodegones, y tabernas,
Feſtines, juegos, y dança,
Donde ſus mentiras lleva.
Perd. Y aquel, que le halla?
Chiſt. Es capaz
De meterte en la cabeça,

Que

Que eres el Preſte Juan.
Perd. Tanto enreda?
Chiſt. Tanto enreda,
Que en una red traye al mundo,
Y es de ſus embuſtes prueva,
El Paladion de Troya,
Traça de ſu ingenio.
Perd. Cuentas
Me dás, que parecen burlas!
Chiſt. Uſtéd llevará las veras.
Perd. Tu quien eres?
Chiſt. Soy el Chiſte
Allaja en las Cortes cierta,
Que a vezes viendo frialdades
Por el precio de agudezas.
Perd. Pues paſſe por Chiſte todo,
Quanto has dicho.
Univ. Camponeza
Bella, venid à mi Corte,
En cuyo luſtre os eſpera
El dominio de Señora,
Sin los preſtados de hueſpeda
Perd. Nò puedo dar la palabra,
Quede en duda la reſpueſta;
Porque aun que obre como mia
Me acuerdo que ſoy agena.
Univ. Eya, todos la cortejen.

Eng. Arraſten todos ſu huella.
Univ. Como a ſu dueño la adoren.
Eng. Sirvanla como a ſu Reyna.
Univ. Y ſi inconſtante vacila,
Eng. Si mudable titubea,
ellos, y muſica.
Siganla, cerquenla, prendanla,
Que la vida me trae, el Alma me lleva.
Dentro Paſtores.
Cuidado con las zagalas,
Nò pize ſu planta toſca
Los roſales de la culpa,
Caminos de Babylonia.
Dentro vozes.
A la vela, zagalejas,
otros.
Serranas, a la cuſtodia.
Sale el Paſtor.
Paſt. Deſſe viſta a mis ſerranas,
Toda la planicie corra,
Del màs elevado Cedro,
A la màs humilde choça,
Nò toque ſu planta adonde
Aguarda la ſierpe ignota
La innocencia del jaſmin
En diſſimulo de roſas.
Dent. A'lerta, àlerta, Paſtores,

Ser-

Serranas, a la custodia.

Sale Preciosa de Serrana.

Prec. Que tienes, Señor? que oyste,
Que en tu semblante se nota
Entre la beldad, y el susto,
Luchando el Sol con la sombra?
Que te inquieta, que te aflije,
Que sientes?

Past. No sé, Preciosa,
Que el coraçon palpitante,
Preludio de la congoja,
Cobarde, me dissimula,
Lo que adevino me informa.
Adonde estan mis serranas?
Y tu, que eres entre todas
La primera, como quien
Es en Jericó la Rosa,
En Cadés subida Palma,
En campo Oliva especiosa,
Platano en verde ribera,
En Libano Cedro altivo,
Entre espinos prodigiosa
Assucena, y finalmente
Toda pulcra, toda hermosa.
Deves a tu ser, por tantas
Circunstancias poderosas,
Velar siempre en su cuidado,

Para

Para que nunca entre gosto,
De menos puro rocio,
De tanta perla en la concha.
Adonde estan mis serranas
Buelvo a dezir?
Prec. Officiosas
En tareas de servirte,
Donde el afan es lizonja,
Unas cortando las flores,
Porque tu catre compongan
Con sabanas de assucenas,
Y pavillones de rosas.
Otras convidan las auras,
Porque en la siesta enojosa
Templen el calor a soplos
Maten el fuego a lizonjas.
Otras
Past. Di, nò te detengas.
Prec. Se componen a sus solas,
Porque a sus mezas nò lleguen
Sin vestiduras de boda.
Otras poetizan canciones,
En que tus obras heroycas
Publican, otras las cantan,
Adonde a su voz sonora,
Tal vez los rios se paran,
Tal vez se mueven las locas.

Otras de las màs llegadas
En tu adega generoſa
Guſtan el licor ſuave,
Que en ti miſmo las transforma.
Sola una
Paſt. Que titubeas?
Prec. Incauta
Paſt. Las vozes forma.
Prec. A deslizes de ſu planta
La vedada ſenda toca.
Paſt. Adonde fue? que ſe ha hecho?
Prec. Las roſas de Babylonia
Su infauſto coturno piza
Yà, Gran Paſtor, a eſtas horas.
Paſt. Qual fue de las ciento? Ay triſte!
Prec. Es la infeliz entre todas,
La que fue màs deſdichada;
Quiçà por ſer màs hermoſa,
Falta, Señor, de las ciento.
Paſt. Proſigue, nò me lo eſcondas.
Prec. La que Perla ſe llamava,
Y yà Perdida ſe nombra.
Paſt. Ay de mi! que es lo que has hecho?
Mis veſtiduras ſe rompan,
Mi cayado ſe deſtierre,
Las fuentes lagrimas corran,
Canten endechas las aves,

Tur-

Turbe-se toda mi gloria,
Y el Cielo de mi planicie
Cortinas de nubes corran.
Prec. Señor, si noventa y nueve
Te quedan?
Past. Nò me respondas,
Que nò hallo la que me falta,
Ni en todo lo que me sobra.
Ay querida Perla mia,
Como para tal çoçobra
Te has hecho Perla perdida,
Despues de Perla preciosa?
Quien duda, Cielos, quien duda,
Que yà sus estrellas notan,
De Babylonia los muros,
Que del Universo las pompas
Vanas, la arrastran a ser
Trofeo de sus lizonjas?
Que en sus flores se aventura?
Que en sus arroyos se engolfa?
Que en sus sirenas se encanta?
Que en sus laços se apriziona?
Quien duda que mis finezas
Estaran (fiera congoxa!)
En su cariño por tedios,
En su memoria por sombras?
Quien duda?

Prec. Señor ſoſſiega,
Que en tu pena.
Paſt. La desdoras.
Como ha de tener ſoſſiego
Aquel, que tiene memoria?
Prec. Mi cuidado
Paſt. Nò lo dudo.
Prec. En ſu vela.
Paſt. Bien me informas.
Prec. Mas para livre alvedrio
Nò avrá ſegura cuſtodia.
Paſt. Si en tu eſpejo ſe mirára,
Nunca ſe viera tan otra.
Mas ay que ſu eſpejo ha ſido
Aquella fuente engañoſa,
Donde la ſirena canta,
Lo que el dezengaño llora!
A buſcarla tengo de ir,
Aun qué a las occultas zonas
Se conduzca, y aun que atravieſſe
En ſu buſca.
Prec. Tu perſona
Nò aventures, Gran Paſtor,
O' al deſden, ò a la çoçobra.
Paſt. Que es lo que dizes? Nò ſabes
Que el buen Paſtor, qual me nombran,
Y lo ſoy, el Alma deve

Dar

Dar por ſus ovejas? Nota,
Que el que deve dar el Alma,
Nò es bien que la vida eſconda.
Nò ſabes que yà por ella
En otra ocaſion glorioſa
Mi fé de mi propria eſfera
Me ſacó, dexando Roſas
Por eſpinos, conculcando
Las ſendas màs eſcabroſas
De eſſe mapa, padeciendo
Afrentas, baldones, mofas
De los miſmos, que devian
A mi coturno ſu boca?
Nò ſabes que tanta ſangre
Me coſtó, que en la corona
De un monte fueron mis venas
Por corrientes myſterioſas
Las fuentes de aquel vergel,
Los mares de aquellas rocas?
Y de màs deſto, nò ſabes,
Quanto a mi deſignio importa
Tener completo eſte cuento
De ciento? que en el ſe nota
Numero perfeto, y como
De la perfecion blazona
Mi grey, nò admite las faltas,
Como nò admite las ſobras?

Y hablando en màs alto eſtylo,
Las nueve decadas ſombras
Son de nueve Jerarquias,
Que Angeles, ſi ſe nota,
Serafines, ſi ſe mira,
Las Almas puras, y hermoſas,
Que a ſu Paſtor, que es ſu Dios,
Aſſiſten con fé amoroſa,
Y a la Divina decada
Por ultima correſponda
La naturaleza humana,
A mi affecto tan precioſa,
Que las formas de ſu ſer
Son de mi pecho las joyas?
Pues ſi eſtrangera tu mente
Nò eſtá, nò, de tan forçoſas
Adiciones, como eſtrañas,
Que en ſeguimiento rompa
De los montes la dureza,
De las fierpes la ponçoña,
De los bolcanes el fuego,
De las vias las eſcoltas,
De los deſiertos las fieras,
De los mares, ſi, las olas,
De los poblados los muros,
De los ocultos las Zonas?
Prec. Antes, Señor, me vá tanto

En que empeñes tu Perſona
En recobrar la perdida
Perla, que de cauteloſa
Te eſtrañe fineza tanta,
Por buſcarme la lizonja
Al oydo, en las palabras,
Antes que al guſto las obras?
Eya, Paſtor, a buſcar
La oveja, que mi piedoſa
Interceſſion es muy ſuya.

Paſt. Aun que el abyſmo la eſconda,
Prec. Aun que la tierra la trague,
Paſt. Aun q̃ los mares la ſorban. *vanſe.*

Sale el Engaño, Muſicos criados, y la Perdida de Dama.

Eng. Entonen varios requiebros
Por eſtas verdes eſtancias
Las aves con conſonancias,
Y los Muſicos con quiebros
Concordes en dulce calma
Reſpondan en varia ſuma
A tanto Orfeo de pluma,
Tanto racional de Alma.
Porque feſtejen ſuaves
Beldad de tantos renombres
El ruiſeñor de los hombres,
Y el Orfeo de las aves.

Can-

Cantad.
Perd. Si, pero nò sea
De mi beldad.
Eng. Porque, Diosa?
Perd. Porque se oy soy hermosa,
Mañana podré ser fea.
Dam. 1. Esse lenguaje, señora,
Es en Babylonia estraño.
Dam. 2. Contra su policia es daño,
Tal fraze yà te desdoura.
1. Tan compuesta demazia.
2. Tan desnuda realidad.
1. Se tiene por necedad.
2. Se toma por boberia.
Eng. Vuestra beldad peregrina
Tiene de pervalecer,
Que nò puede fenecer,
Se ha llegado a ser divina.
Chist. Y si el tiempo a su beldad
Se atreviesse, su merced
Le diga: Tengase Usted,
Que dizen que soy deidad.
Eng. Vuestra vida, y hermosura
A tantos siglos veran,
Que por eterna tendran
Vida, y beldad de tal dura.
Perd. A esta Corte esclarecida,

Le

Le devo tales honores,
Que por lograr ſus favores
Quiſiera lograr màs vida.
Eng. Tambien hallada os dezis
En Babylonia?
Perd. Es tan bella,
Que la memoria por ella
Olvidé de mi paiz.
Eng. Eſta Corte yà ſe vió
Vueſtra Patria, y vueſtro ſer.
Chiſt. Aora le haze creer,
Que en ſus manos le naſció.
Eng. Reyna de aqueſte Palacio
Fuiſteis luego que naſcido.
Chiſt. Algo le huviera creydo,
Si mientiera màs de eſpacio.
Eng. Sus grandezas os diran
Son vueſtros, nò los peñaſcos.
Chiſt. Temo me meta en los caſcos,
Que ſoy el gran Tamorlan.
Eng. Aqui un Principe os adora.
1. Aqui Monarca os venera.
2. Aqui un amante os eſpera.
Eng. Aqui un rendido os decora.

Sale Univerſo.

Univ. Es verdad, nò os han mentido,
Aun con adiciones tantas,

Que

Que en mi tienen vueſtras plantas
Principe, amante, y rendido.
Perd. De vueſtra faz mal ſegura
Aun pudiera rezelar,
Pero nò quiero quitar
Eſte triunfo a mi hermoſura;
Pues a vueſtra Corte la alabo,
Yà le debo tal eſtima.
Eng. Por ella la vida anima,
Univ. Por ella la vida acabà.
Cantad pues de ſus loores
En eſta eſtàcion hermoſa,
Porque ſe aplauda la roſa,
Adonde viven las flores.
Perd. Los jardines paſſearé
Al ſon del ſuave canto.
Univ. Y en ellos, ſi alcanço tanto,
Yà vueſtra Clicie ſeré.
Paſſean todos, y canta la muſica.
Muſ. Paſſea la Perla linda
Jardines de Babylonia,
Que para tanta hermoſura
Una ſierra es poca concha.
Ay, Perla hermoſa,
Que de toſca te has hecho preciosa?
Univ. Que mirais?
Perd. Si vara veo,

Qué me sirva en este espacio
De arrimo, por al cansacio
Me he rendido en el passo.
Univ. Mi braço.
Perd. Esso nò.
Univ. Su escusa
Suprá esta bengala aqui.
A ir a darle la bengala, sale el Buen Pastor con reboço, y un cayado, que remata en Cruz.
Past. Primero tomad de mi
Este cayado.
Dam. 2. Nò se usa
Tal arrimo en esta Corte.
Past. Acetad, que me es debido.
Univ. Y quien sois vós que atrevido
Dais a mi fortuna córte?
Descubrios, que encubierto,
Mostrais màs temor, que erronia.
Past. Nò puede ver Babylonia
Mi semblante descubierto,
Y pues mi cansacio os obliga
A algun arrimo.
Perd. Que sustos!
Past. Que en Babylonia los gustos
Siempre paran en fatiga.
Este cayado tomad,

Univ.

Univ. Deſta bengala os ſervid,
Paſt. Que en el yà remida os vi.
Univ. Que en ella el aliento vá.
Perd. Cielos, nò es eſte que miro
Del Gran Paſtor el cayado?
Paſt. Apartad, que eſtais ozado,
Univ. Quitad, que eſtais atrebido
Con un Principe un Paſtor?
Paſt. Calla, que ſoy mayor luz.
Perd. El es, pues remata en Cruz.
Los dos. Hazedme, Perla, fabor.
Perd. O' ſea, ò nò ſea el emboçado,
Yà ſu reſpeto me obliga,
Aun que el lugar lo deſdiga,
A nò enviarle afrentado
Tomo el cayado.
Los otros. Que hazeis?
Paſt. Hazeis vueſtra obligacion,
Que eſte cayado es blazon.
Los otros. Mirad, Perla, que os perdeis.
Perd. Dudoſa buelvo a quedar.
Univ. Eſſe arrimo a toda lumbre
Os dará tal pezadumbre,
Que por tierra os ha de echar;
Con que el aliento, que os dió,
Os ſerá el deſmayo alli.
Las Dam. Arrimo de Cruz aqui.

Yà màs ninguno buſcó.
Perd. Quien, Cielos, me dará luz?
Chiſt. Yà te la doy, pues te hablo.
Ni Babylonia, ni el diablo
Quieren mirar a la Cruz.
Perd. La bengala,
Paſt. La deſtierra,
Porque en la bengala irá
Del mundo la vanidad,
Que a todos echó por tierra.
Eng. Es delirio, que ſu cifra
Es gala, vitoria, honor,
Y en el cayado el dolor,
Y la humildad ſe deſcifra.
Perd. Si es aſſi,
Todos. Nò lo dudeis.
Perd. Teme mi aliento adamado
Eſſe arrimo tan pezado,
Y la bengala me deis:
Perdonad a mi ſoſſiego,
Emboçado, eſte deſayre. *Toma la bengala.*
Paſt. Tu te quedas con el ayre,
Yo me parto con el fuego. *va-ſe.*
Univ. Eſte honor de mi bengala
Me empeña a màs viva flama.
Chiſt. Quando nò dexò la dama

A la Cruz, di, por la gala?
Perd. Al ayre de mi paſſeo
La bengala añade brio.
Univ. Pues ha ſido el triunfo mio,
Cantad.
Damas. Vaya de recreo.
Muſ. A ſus ojos, Univerſo,
Arde amante Maripoza,
Que adonde Perla es la Elena,
Todo el mundo ha de ſer Troya.
Ay, Margarita hermoſa,
Que de toſca te has hecho precioſa!
Perd. Ay de mi!
Univ. Tened.
Perd. Cahi;
Que la bengala quebró,
Malo animo me dexó
Vueſtra politica aqui.
Si la cana es vanidad,
Que mucho que me deſpeñe?
Antes que à màs mal me empeñe,
Quierò huyr deſta Ciudad.
Univ. Porque intenta tu diſvelo
Tal rigor? aun yo lo dudo,
Porque una vara nò pudo
Suſtentar a todo un Cielo.
Eng. Antes la vara ſe vió

Con

Con eſtylo ſoberano,
Al ver que deſde tu mano
A tus plantas ſe rendió.
Perd. Buelvo para el païz mio.
Univ. Nò digas tal, que es baxeza,
Eng. Nò intentes tal, que es vileza,
Dam. 2. Nò pienſes tal, que es deſvio.
Perd. Eſte ſucceſſo a mi intento
Habló por me deſpertar.
Univ. Olà, bolved a cantar,
Divertid ſu penſamiento.
Muſ. Ay, Margarita hermoſa,
Que de toſca te has hecho precioſa!
Dentro Paſtor canta.
Ay, oveja querida,
Que de Perla te has hecho perdida!
Perd. Del Gran Paſtor eſta voz
Es, que amoroſo me llama,
Nò quiero huyr a ſu llama.
Paſtor, yà parto veloz.
Univ. Que dizes, muger ingrata?
Perd. Nò ſé que digo, ay de mi!
Eng. Buelva la muſica ſi.
Perd. Nueva confuſion me ata.
Muſ. Ay, Margarita hermoſa!
Paſt. Ay, oveja perdida!
Muſ. Que de toſca te has hecho precioſa!

Paſt.

Paſt. Que de Perla te has hecho perdida!
Univ. Atrevida voz, que intentas?
Perd. Paſtor querido, yà voy.
Univ. Como, ſi remora ſoy
A tus paſſos?
Perd. Màs me afrentas.
Eng. Aqui tu poder ſe vea,
Señor, en nò la dexar.
Univ. Nò la puedo violentar,
Por màs que mi poder ſea;
Que quando de ſu querer
Nò buſque el Alma el profundo,
Bien la podrá todo el mundo
Contraſtar, mas nò vencer.
Toda mi fuerça, y mi ley
Sin ſu alvedrio eſtá vana,
Tan Reyna es, aun que ſerrana,
Y yo tan eſclavo, aun que Rey.
Eng. Tu altivez aqui proſtrada,
La obligue en eſta partida,
Rinda-ſe de perſuadida,
Yà que nò de violentada.
Univ. Dizes bien, ſi ſe enagena,
Sea por mayor blazon
Mi rendimiento prizion,
Y mis diſcurſos cadena.
O' tu, que en eſta eſfera

Llegaſte a diſcurrir,
Pues de feliz la hallaſte,
Nò la dexes, ſirena, de infeliz;
Aqui verás alegre,
Si te quedas aqui,
Los dias de zafiras,
Las luzes de la noche de rubi.
Tendrás para el olfato
En zefiro ſutil
A ſoplos de claveles
El ayre con alientos de jaſmin.
Para el guſto hallarás,
Y ſin lo prevenir,
Los nectares de perlas,
Que ſon proprios a labios de carmin,
Lograrás al oydo,
Que tanto has de advertir,
Sirenas ciento a ciento,
Y inſtrumentos de Ninfas mil a mil,
Tus manos palparán
Las riquezas de Ofir,
Y entre piedras precioſas
Serás, la piedra nò, precioſa ſi.
Amor a tus gracias
Será fiel gentil,
Tu vivirás por el,
El, ò Precioſa, morirá por ti.

Si

Si del Cielo las luzes
Quizieres repartir
Al criſtal de las fuentes
Baxaran los luzeros del zafir.
La Aurora, el Sol, y el Alba
Mirarás a luzir,
Ninguno ha de llorar,
Que haſta la Aurora aqui ſe hade reir.
Cantando a tu beldad,
En amoroſa lid
Ha de morir el Ciſne,
Y el Ruyſeñor, ſerrana, ha de vivir.
A la luz de tus ojos,
Que tan claros los vi,
Ha de el Aguila beber,
Y gyraſol amante ha de ſeguir.
A tus plantas las flores
Verás oy revivir,
Que han de bolver de tuyas,
Quando de flores tienen de morir.
Al brazero del Sol
Holocauſto feliz
Se han de quemar las roſas,
Que te hará ſacrificios el Abril.
Las deidades del agua,
Que ſaben eligir,
Te han de mentir en Thetis,

Y por ser Thetis, poco han de mentir.
El sentir nò podrás
Conocer a sentir,
Que es en esta region
Estraño el idioma del gemir.
Un Monarca a tus plantas
Tendrás, sin resistir,
Porque menos corona
A tus plantas seria suelo vil.
Y finalmente al mundo
Todo tienes en mi,
Se te quedas a ser
Desta Ciudad el Idolo gentil.
Pero si desdichada
Te arrojas a salir,
Si de ti nò te dueles,
Quien, infeliz, se dolerá de ti?
Todos, y musica.
Si de ti nò te dueles,
Quien, infeliz, se dolerá de ti?
Eng. Porque a la sierra quieres
Bolver, sin discurrir,
Quando sabes, ò Perla,
Que eres muger allà, deidad aqui.
En Babylonia tienes
El culto, que feliz
A pezar de la embidia,

Te ha de hazer señalar una entre mil.
Dama. 1. En tu paiz te aguarda
Sola la xerga vil,
Y aqui arraſtrando el oro,
La purpura ha de ſer tu faldelin.
A tus doradas trenſas
Se cogerá ſutil
La corona con Perla,
Nò la pobre grinalda con jaſmin.
Dam. 2. Aqui en regios ſalones
Uno, y otro feſtin,
La lira cortezana
Te daran por la flauta paſtoril.
Donde el pincel del metro,
Quando ſe atreva a ſi,
Siendo el Orfeo el Apeles,
Te llegue a debuxar, nò a definir.
Chiſt. Aqui en la mañanita,
Que es lo màs para mi,
Tendrás el chocolate
En chicara de plata, ò de marfin.
Luego el lindo torreſno,
A que ſe ha de ſeguir
El capon regalado,
La ſalchiça, el conejo, y la perdiz.
Todos. Pero ſi deſdichada,
Te atreves a ſalir,

Ellos,

Ellos, y muſ. Si de ti nò te dueles,
Quien de tu infeliz ſe dolerá de ti?
Perd. A tan noble, y ſuave
Modo de perſuadir,
Ni me atrevo a negar,
Ni me atrebo tambien a conſentir.
Por aora me quedo
Haſta ſaber de mi
Lo que mejor me eſtá,
Al tiempo daré tiempo a diſcurrir.
Univ. Pues todos la conduzan
Al palacio, y dezid:
Todos. Mejor que de ſus muros
Oy Babylonia ſe gloria en ti.
Eng. Venid, todos, venid,
Cerquela el rendimiento,
Que es ſiempre la cadena màs ſutil.
Univ. Dezid todos acordes,
Los que ſu luz ſeguis:
Todos. Mejor que de ſus muros
Oy Babylonia ſe gloria en ti. *vanſe.*

Sale Precioſa, y el Gran Paſtor.

Paſt. Sali, como te digo, deſdeñado,
Preferida la caña a mi cayado,
Y la bengala vana
A competencias de mi Cruz ufana,
Adonde en tal deſayre

Mi

Mi fineza se troca por el ayre,
Y al fin en Babylonia se ha quedado.
Prec. Su obstinacion mi pecho ha lasti-
Saquela tu poder. (mado.
Past. Ay que este encanto
Cadena a su razon, y a mi llanto.
Aun que se mire imperio mio,
En mi poder nò està, que en su alvedrio,
Podré con mis finezas obligarla,
Mas nò podré con ellas violentarla;
Pues con ella tan fino me he portado,
Que siendo mia, suya la hé dexado;
Y nó es justo le quite mi fineza
Lo mismo, que le ha dado mi grandeza.
Prec. Un medio a mi discurso soberano
Se offrece, y me parece que nò es vano.
Yà sabido està, que te prevengo,
De como en Babylonia un Rosal tẽgo.
Past. Y sé tambien q̃ son sus Rosas bellas
Toda mi estimacion, pizando estrellas.
Prec. Sabes que la primera planta amada
Truxe de Nazareth Rosa encarnada?
Past. Y la segunda, porque aqui se vea,
Vino de las montañas de Judea.
Prec. Y la tercera, que es la màs subida,
De campos de Belen me soy trayda.
Past. Quarta, y quinta, que aqui tam-
bien se vieron, Des-

Desde Jerusalen te las truxeron;
Prec. La sexta planta en aquel huerto estuvo,
Que de Jesemaní el nombre tuvo.
Past. La setima en un atrio antes estava,
Adonde una coluna se acostava.
Prec. La otava de carmines rubricada,
De entre espinos aqui fue trãsplantada.
Past. La nona planta truxo su ventura
De una calle, que llaman de amargura.
Prec. La decima de un monte de gran nombre,
Que Calvario se tiene por renombre.
Past. La undecima, q̃ estrella la mirastе,
Antes en un Calvario la encontrastе.
Prec. La doze q̃ azul, siendo encarnada,
Del Olivete aqui fue trasladada.
Past. Crió Jerusalen a las dos luego,
La una de desmayo, otra de fuego.
Prec. La quinze, que corona tal fortuna,
Valle de Jozafá le dió la cuna.
Traydas pues las plantas, y nò en vano,
Un Rosal hize de ellas soberano,
Domingo lo plantó, Pastor amado,
Entre los que apacientan tu ganado,
Con orden repartido en tres decadas,
Rosas blancas, sangrientas, y doradas;

Que-

Quedando opueſto eſte Roſal Divino
A'quel, que a Babylonia haze camino;
Cuyas roſas impuras
Fueron laço de tantas hermoſuras,
Quantas bebiẽdo el ayre en ſus olores,
Dexaron tus caminos por ſus flores,
Y enamoradas de beldad mentida
Hallaron muerte, ſi buſcaron vida.
Quedando, por ſeguir la ſenda erronea
Eſclavas de Univerſo en Babylonia;
De cuyas vanidades, por ſer tales,
Geroglyficos ſon eſtes roſales.
Plantado el mio por Domingo juſto,
Quedó tan de mi guſto,
Que en ſus hermoſas Roſas me recreo,
Tengo alli mi ſolar, y mi paſſeo,
Donde vozes ſuaves
Entonan dulces, quando cantan graves.
Y en repetido metro, que nò mudan,
Con nombre de Maria me ſaludan,
Sin que mi antonomaſia dexe hermoſa,
Que yà quando fuy Maria, fuy Preci-
Y en eſta alegoria (oſa;
Es lo miſmo Precioſa que Maria.
Las muſicas, y flores de improviſo
Hizieron del Roſal un Paraiſo,
De tantos guſtos lleno,

Que

Que el, q̃ pone la planta en su terreno,
Su flor contempla, entona sus canciones,
De Babylonia rompe las priziones,
Su encanto dexa, su rumor olvida,
Y se buelve en ganada de perdida,
Conociendo por fuerças poderosas
Lo que vá de unas rosas a otras rosas,
Y a mi se buelve, que por tal destino,
Luego les endereço a tu camino.
Lo que nos resta aora
Es, quando tu Perla por la Aurora
Baxe al rosal contrario a mis olores,
A coger vanidades en sus flores
De mis Rosales las musicas la llamen,
Los olores la inflamen;
Y por serle sus glorias manifiestas,
La abrirá del Rosal las quinze puertas,
Donde en laminas de oro debuxadas
Hallará de tu vida las pizadas;
Y alli despues de tanto lance adverso
La hallarás olvidada de Universo,
Y a tu planicie sin violencia alguna
La bolverás dichosa en tal fortuna,
Haziendo en un instante,
Que llore Babylonia, y Sion cante.

Past. Nò en vano electa subes

Sobre

Sobre mis mayorales, ò Cherubes,
Pues es siempre tu intento,
Duplicar de mis glorias el aumento,
Siendo tus ojos de Paloma hermosos
Linces en mi favor.

Prec. Quedan glorioſos,
Quando deſcubren, Paſtor, tu guſto.
Mas vamos, porque es juſto
A mirar nò diſtantes el ſucceſſo.

Paſt. Ah Perla, quanto deves a mi exceſſo! *vanſe.*

Sale Perdida, deſcubierto primero un Roſal.

Perd. Vengo a coger en las flores,
Que deſte Roſal ſon hijas,
A mi belleza retratos,
A mis vanidades cifra.
Que hermoſas que eſtan las roſas!
Nò en vano ſon las delicias
De Babylonia buſcadas,
Qual dolor ſeran perdidas?
Mas ay que dize el diſcurſo
Siempre guerrero en ſu lidia,
Que ſi a la Aurora ſon brazas,
A la tarde ſon cenizas!
Calla, penſamiento vano,
Y nò intentes con porfias

A quien busca lo que alegra
Responder con lo que avisa.
Esta vez. Pero que acorde,
Que dulce, suave lira
Haze a mansiones humanas
Trasladar gracias divinas?

Mus. Saludete el Alva, la Aurora, el dia,
Ave Maria.

Perd. Que cancion tan soberana!
Del passo opuesto combida
Mi atencion! Quiero llegarme
Engolfada en su armonia
A dulçuras de sirena,
Sin los peligros de Scila. *llega-se al puesto contrario.*

Mus. La America, Europa, el Africa, el Asia
Llena de gracia.

Sale Universo por el primero rosal.

Univ. Adonde vas, Perla? Tente,
Mira que has hecho salida
Del Rosal de Babylonia,
Camino de tus delicias.

Perd. Voy oyr esta cancion
Màs cerca.

Univ. Dexa, podrias
Escucharla.

Perd.

Perd. Nò, que corro
Al golfo de ſu armonia
A quedarme en ſu dulçura.
Univ. Al ſon de citara herida,
La llaman en voz contraria
De Babylonia las hijas.
Dentro muſica por la otra parte.
Muſ. Al Babel, al Babel de alegria.
Otra. Al Roſal, al Roſal de Maria.
Perd. Ay de mi! Donde me llevan,
Que entre dos vozes diſtintas,
Una es violencia, que arraſtra,
Otra es imperio, que obliga?
Babylonia con ſus ecos
Me llama, el Ave Maria
Con ſus myſterios me buſca;
Y he de ſer en eſte dia
O' ingrata a tanta fineza,
O' eſtraña a tanta delicia?
Univ. Buelvete al Roſal primero,
Que en el puedes una miſma
Lograr ambos.
Perd. Nò podré,
Porque el contrario me aviſa
La confuſion de tu Corte.
Univ. O' là, las vozes proſigan,
Y remora de ſus paſſos,

Sean laços a su fatiga.
Muſ. Al Babel, al Babel de alegria.
Otra. Al Roſal, al Roſal de Maria.
Perd. Yà voy, Divino Roſal
A penetrar de tus cifras
Los myſterios, que el olor
De tus aromas ſubidas
Me lleva traz ti.
Univ. Nò intentes
Alexarte de viſta,
Quando nò ignoras que dexas
Un alma con media vida.
Perd. Nò es poſſible detenerme,
Tu hueſpeda fuy eſtes dias,
Y buelvo a mi centro.
Univ. Aguarda,
O' aprizionarte mis iras
Podran.
Perd. Nò podran, y ſabes
Que del mundo la conquiſta
Puede al Alma perſuadir,
Mas nò violentar.
Univ. Tu eſquiva
Reſolucion pare aqui
Al iman de mis porfias.
Perd. Nò que voy a mejor luz
Segura, y nò fugitiva. *à parte.*

Univ. Si deſte Roſal ſe pára
A contemplar ſus enigmas,
Retratos del Buen Paſtor,
Con el ſe reconcilia,
Y a ſu planicie ſe buelve,
Que es paſſo, que facilita
El perdon, como el camino.
Aſſi me importa la vida
Detenerla en el eſpanto,
Que nò puedo en la porfia.
Pues yà que tu crueldad
Nò cede a mis lamentos,
Cubra el Cielo ſus luzes,
Que ver tu ingratitud nò quiere el Cielo.
A mi magica rara
Riñan los elementos,
Porque la tierra trague,
Sorba el mar, gima el ayre, queme el fuego.
Tempeſtad pavoroſa
Forme horrores funeſtos,
Y en peñas las furias,
Sean los rayos el menor eſtruendo.
Recitado. A las lluvias mis lagrimas formen,
Mis ſuſpiros cançados los vientos,
Mis rabioſas paſſiones los rayos,
Mis gemidos ruydoſos los truenos.

Mis

Mis confuſos aſſombros las nubes,
Mi affligido ſemblante los ceños,
Mis mortales triſtezas las ſombras,
Mi eſperança perdida los rieſgos.
Mis vozes impacientes los ſylvos,
Mis lamentos ſentidos los ecos,
Mis deſpechos crueles las furias,
Mis bramidos rabioſos los euros,
Truenos, rayos, y lluvias,
Nubes, ſombras, y ceños,
Ecos, vientos, y ſylvos,
Euros, furias, y rieſgos,
A ſus ojos formad una noche,
Infundid un horror a ſu pecho,
Componed un temblor a ſus vozes,
Arrojad a ſus plantas un yelo.

Ruydo de tempeſtad, y queda ſola la Perdida.

Perd. Ay de mi! Que pavoroſo
Horror! parece que el Cielo
Quiere acabar con la tierra,
Siendo los verdugos los truenos!
Fenecidas ſon las luzes,
Y parece que los vientos
De un ſoplo las apagaron.
Adonde iré, ſi nò veo
Màs que el rieſgo, y nò el camino?

Por

Por donde pueda huyr el rieſgo?
Montes las ſombras ofrecen,
El temor finge deſpeños;
Con que en dos peligros pizo,
Uno el fracaſo, otro el miedo.
De quien me valdré? Pero
Yo nò eſtava en el terreno
Deſte Roſal prodigioſo?
Clame mi voz a ſu ameno
Vergel, y ſus quinze puertas
Penetren mis triſtes ecos.
Canta. Hà del ameno Roſal,
Y del Paraiſo bello,
A donde las flores viven
A competencias del tiempo,
Soccorro, ſoccorro
Contra los elementos,
Que el fuego me abraza,
La tierra me traga,
El agua me anega,
Me deſpeña el viento.
Dentro muſica.
Muſ. Nò temas, nò temas,
Porque aqui yà perdieron
La tierra ſus tragos,
El viento ſus furias,
El agua ſus iras,
Su braveza el fuego. *Abren-*

Abrenſe las puertas, y deſcubre-ſe el Roſal con luzes furtadas, y en el accommodados, como mejor puedan, los Myſterios del Roſario.

Perd. Reſtituidas las luzes,
Miro que del Roſal bello
Salen a lumbrar mis ojos
Con tan iluſtres reflexos,
Que ſolo por lo que ven
Dieron todo lo que vieron.
Que hermoſas Roſas! Que claro
Roſal, pues yà por el cuento
A las gracias por las Roſas,
Las flores por los Myſterios!
Del Gran Paſtor ſon retratos
Quanto miro. Duro pecho!
Bien es te hiera la ſombra,
Pues te atreviſte al objecto.
Quien me truxo a Babylonia?
Ay Dios! Que impulſo groſſero
Me hizo olvidar las finezas,
De que aqui eſtan los recuerdos?
Qual ingratitud me lleva
A tan infeliz deſpeño?
Que voluntaria cahi,
Iba a dezir, que del Cielo!
Quien podrá de mis deslizes

Al-

Alcançarme el perdon? Pero
Tu, Deidad deſte Roſal,
Que eres todo el valimiento
Del Gran Paſtor, aqui ſeas
De mis fortunas el medio.

Va ſaliendo Precioſa, y cantan dentro.

Muſ. Todo el mundo te ſalve - Ave
De la tierra alegria - Maria,
Que eſtás de gracia plena - llena,
Y nos traes tu gracia - de gracia,
Diga America, Europa, Africa, y Azia:
Ave Maria llena de gracia.

Perd. Señora.

Prec. Nada me digas,
Que deſpues del canto excelſo,
Que has ayudado a entonar,
Todo lo demàs es menos.
Aqui nò temas, y advierte,
Que por eſtar eſte ameno
Paraiſo en Babylonia,
Has de acautelarte, pueſto
Que aun han de buſcarte en el
Los engaños de Univerſo.
Contempla en eſtos enigmas,
Medita en eſtos Myſterios,
Que eſta es la mejor valia
Para alcançar de tu dueño

El

El perdon, y en el camino
Eſtás, que es eſte terreno,
De ſu planicie la buſca
Buelve, Perdida, a tu centro. *va-ſe.*

Perd. Aguarda, muger Divina,
Aguarda, porque bien creo
Que he devido a tus piedades
De mis fortunas el puerto,
Por màs que de Babylonia
El viento me trayga en ecos.
Dentro muſica.

Muſ. Al Roſal, a ellos,
En el buſquen los lobos a los corderos.

Perd. Ay de mi! vozes eſcucho,
Y aun que me ſuenan de lexos,
Nò las oygo como aviſos,
Que amenaçan como rieſgos.
Yà el eſtruendo de màs cerca
Me buſcan, y van repitiendo.

Dentr. Al Roſal, a ellos,
A las aves ſe abatan todos los buelos.

Perd. Hombres, y fieras me buſcan,
Y eſtan demàs al empeño;
Porque un hombre apaſſionado
Es màs que las fieras fiero.
Quien me podrá ſegurar,
Aun que en ſagrado me veo,

De

De tanto peligro?

Sale el Gran Pastor.

Past Yo,
Perdida oveja, que vengo
A buscarte en el Rosal,
Para llevarte al desierto,
Que sin ti desierto está,
Hasta lo que llamé Cielo.
Gracias a las Rosas bellas,
Que aprizionarte pudieron,
Quando huyendo mis fatigas,
Burlando de mis excessos,
Ibas en tus vanidades
Màs ligera, que en los vientos,
A despeñarte en las Rosas,
A perderte en los despeños.

Perd. A vuestras plantas, Señor,
Al dolor de tantos hierros
Al llanto, que anega.

Past. Basta,
De ahi nò passe tu exceſſo,
Perla, que al arrepentido
Basta el arrepentimiento.
Que ha de dezir màs quien llora,
De que llora?

Perd. Este terreno
Tiene brotado màs flores

De

De mis lagrimas al riego,
Mirando en el retratadas
Tus finezas.
Paſt. El conſejo
Siempre ſabio de Precioſa
Eſte Roſal plante dentro
De Babylonia, y en ſus flores
Geroglyficos eternos
De mis finezas dexó,
Para que fueſſe recuerdo
A los que en tal corte eſtavan
De mis planicies agenos
En ſu olvido, como tu,
Que dexaſtes los extremos
De mi manſion, en la qual
Deſde tus años primeros
Havias eſtado, quedando
Por tan altos privilegios
Hija de Sion, que aſſi
En alegoricos terminos
A los que me ſierven llamo,
Mas tambien ſerá remedio
De Babylonia a las hijas,
Que ſon las que en los exceſſos
De ſu confuſo Babel
Se han creado, nò entendiendo
Nunca, ſino a los delirios,

Que forman a ſu compueſto
Bebiendo deſde ſu infancia
La leche con el veneno.
Y porque mejor lo entiendas,
Eſparſe por eſſe opueſto
Roſal, que llaman de culpa,
La viſta, y a los lamentos
De triſte ſirena voz
Atiende, que aun miſmo tiempo
Darás laſtima a los ojos,
Y al oydo ſentimientos.

Deſcubren en el Roſal opueſto a las dos Damas, como deſmayadas, y dentro muſica.

Muſ. Llore Sion el veros tan proſtradas,
Hijas de Babylonia deſdichadas.

Paſt. Que miras?

Perd. Miro a dos hijas
De Babylonia, pizadas
Flores de ſu enfermedad,
Tan macilentas, y ajadas,
Que ſolo tienen de vida
La deſpedida del alma.
Qual es ſu dolencia?

Paſt. Ardiente
Sed de avaricia tyrana,
La inchacion de la ſoberyia,

De amor fementido el ancia,
De la vanidad delirios,
De ſus miſerias las llagas,
El haſtio a la razon,
La toz contra la templança,
Las baſcas de los enojos,
Enfermedades, que cauſan
El clima de Babylonia,
Que con ſus hijos tyrana
Nò es vibora, que los ſufra,
Y es Saturno, que los traga,
Y a tal extremo los trae,
A tal rigor los arraſtra,
Que las luzes de Sion
Al verlos quedan nubladas,
Deziendo en triſte lamento,
Quando gimen, lo que cantan.

Muſ. Llore Sion el veros tan proſtradas,
Hijas de Babylonia deſdichadas.

Paſt. Y porque veas qual es
De nueſtras Roſas la gracia,
Quando las ſopla divina
De mi eſpiracion el aura,
Reſpira eſta vez en ellas,
Porque a la parte contraria
Lleve el olor ſoberano,
A cuyas dulces fragrancias

Las

Las que yazen semivivas,
Se llevanten animadas.

Vanse llevantando a espacio las dos Damas al compas de los versos.

Dam. 1. Que suave olor!
2. Que raro aroma esparsen las auras!
1. Que traz si me lleva!
2. Que a buscarle desalada
Corro!
1. Yà con nuevo aliento.
2. Yà con vida.
1. Yà con alma
A ayudar la voz, que dize.
2. A ser del metro, que canta.

Passan al Rosal de Maria.

Musf. Saludete el Alva, la Aurora, y el dia,
Las dos. Ave Maria.
Musf. La America, Europa, Africa, y Azia
Los dos. Llena de gracia.
Perd. Si deste Rosal Divino
Tantos favores nos sacas,
Bien le podremos llamar
El Tesoro de tus gracias.
Past. Dizes bien, y aun màs verás,
Porque a todo el mundo abraçan
Sus piedades. Aquel risco
Sobervio, los ojos alça,

Y di que miras en el.

Perd. A Universo, que de caça
Con el Engaño se está
En su cumbre de esmeralda,
Parece que mal seguro,
Como quien del se acompaña,
Deziendo:

Apparece en lo alto de un risco Universo, y el Engaño.

Univ. Adonde me llevas,
Engaño? tras tus pizadas
Parece me precipito.

Eng. Siguiendo fieras con alas
Voy por darlas a tu gusto.

Univ. Del engaño tus palabras
Parecen, pues me despeñas
En lo mismo, que me halagas.
Valedme, Cielos, valedme.

Cae despeñado, para onde empieça el Rosal de Maria.

Mas deste Rosal las plantas
Sean remoras, que paren
Mi vida precipitada,
Pues empieçan en el risco,
Y en el terreno se arman.
O' Divinas Rosas bellas,
Que pudisteis sober anas

Ser

Ser de mi vida el azilo
Cortando al rieſgo las Alas
Yà vueſtro valor conozco.
Paſt. Univerſo.
Univ. Quien me llama?
Paſt. El gran Paſtor.
Univ. Pues aqui
Lexos del engaño me hallas,
A tus plantas reconozco
Tu mayoria.
Paſt. Llebanta.
Que bien ſé, que quando el mundo
Libre del engaño habla,
A ſu Dios luego confieſſa.
Univ. Y pido perdon de tanta
Occaſion, quanta te di
En tu Perla, que es tu Alma.
A que, Señor, me has llamado?
Paſt. A que digas en voz alta
Lo que a eſte Roſal Divino
De Precioſa, màs, que humana
Deve el mundo.
Univ. Yà lo digo.
Plebeos, Nobles, Monarcas,
Sabed que contra los rieſgos,
Que el engaño al mundo cauſa
Yà en precipitados riſcos,

Yà en fatalidades tantas,
A que ſu traicion le traye,
Eſtas eſtrellas, ò Aſcuas,
Que por Roſas de Maria
Se appellidan en el Mapa,
Son ſu amparo, ſon ſu azilo,
Y por ellas nò ſe acaba.
Y pues a Precioſa bella,
Que es Maria ſoberana
Tanto deven la ſaluden
En metricas conſonancias. (Azia.

Muſ. La America, Europa, el Africa, el
Ave Maria, llena de gracia.

Paſt. Hijas de Babel.

Llegan dos Damas apreſſuradas.

1. Que ordenas
Gran Paſtor, que dezaladas,
Al olor de tus unguentos,
Corremos?

Paſt. Que digaes cáras
Lo que deven a las Roſas,
Que con Maria ſe exaltan
Las hijas de Babylonia.

2. Deven a las flores ſacras
De Babylonia las hijas,
Que eſtas ſon, las que criadas
En vicios, las abraſaron

Tan-

Tanto de ſu edad temprana,
Que flor en botón, yà entonces
Fueron del Aſpid la cama.
Digo, pues, que tanto deven
A eſtas Roſas, que ſus gracias
La vida le han dado, pues
De la dolencia inhumana
De la culpa, las dan libres,
Cuya enfermedad tyrana,
Aun que el Alma es inmortal,
Quita la vida del Alma.
Alma, y vida pues le deven,
Con circunſtancias tan raras,
Que de hijas de Babylonia,
A hijas de Sion ſe paſſan.

Paſt. Tu Perla que dizes?

Perd. Digo
Que oveja deſcarriada
de tu rebaño ſali,
Y por virtud ſoberana
De las Roſas del Roſario
Flores de piedades manas,
Lo que he dexado perdida,
Buelvo a recobrar ganada.

Paſt. Con que todos concluis,
Que las Roſas eſtremadas,
Son del mundo azilo?

Todos. Si.
Paſt. Pues dad a ſu dueño gracias,
Yo con Perla, que es mi eſpoſa
Subo a mis planicies altas
Donde ſu hallazgo celebren
Las Jerarquias aladas.
Sean muſicas los vivas
De màs ſubida ſubſtancia,
Sea brindes el cordero,
Que es ſacrificio en el ara;
Haré plato la pureza
Que en fuente de leche mana;
Los rios de miel, que corren,
En las ſuavidades raras;
Daré al guſto las fuentes,
Que llamaren Divinas aguas;
A donde mi amor ſe bibe
Conviden a la montada
El dia, que entrò por ella
En gloria tan ſublimada
La oveja perdida al hombro;
Que buen Paſtor me declara,
Pues es ſu timbre el bolverla.
Vós, las que de Babylonia
Fuyſteis hijas, yà nombradas,
Quedaes hijas de Sion,
Y a mi manſion de eſmeralda

Os

Os llevo. Tu Universo
Esparse por todo el mapa
Las flores deste Rosal,
Pues a su favor, nò acabas.
Perd. Y todos, Señor, postrados
A vuestras Divinas plantas
Confessamos, que os devemos.
Todos. El ser, la vida, y el Alma.

Sale Preciosa.

Prec. Y yo por todos tambien
Os vengo a render las gracias
Por los honores, que os deven.
Past. Por ti tanto bien alcançan,
Y assi en canticos sonoros
Repitan en tu alabança.
Mus. Todo el mundo te alabe - Ave
De la tierra alegria - Maria,
Que estás de gracia plena - llena,
Y nos traes tu gracia - de gracia,
Diga America, Europa, Africa, y Azia:
Ave Maria llena de gracia.

LAS ROSAS CON LAS ESPIGAS.

Auto alegorico

DEL ROSARIO.

Perſonas, que hablan en el.

Rey.
Gomindo Caballero.
El Amor.
El Mundo.
La Locura.
Deya.
Flor.
Criados.
Muſicos.

Sale el Rey, y dize para el veſtuario.

Rey. PRecipitalde, arrojalde,
A ver ſi en el eſcarmientan,
Deſde el emporio màs alto,
Al centro de las tinieblas
Sin veſtidura villano
Su vida victima ſea
A mi enojo, ſi una vida
A tanto enojo es ofrenda
Echalde.

Dentro. Yà, gran Señor,
Se executa la ſentencia.

Den-

Dentro. Ay infelice de mi.
Rey. Su mismo temor le sea
Verdugo, y muera en el Ayre
Antes de medir la esfera.
Sale Flor.
Flor. Señor, que enojo, que ira
En tu Magestad serena
Transmuta la luz en rayo,
El arco de paz en flecha,
Quando el banquete supremo
Enpeña toda la tierra
A blanda voz con el tono
A dulce amor con la empreza?
Fiero vós?
Rey. Un atrebido.
Flor. Quien ay, Señor, que se atreba
Como se porta el que agrabia
Si el mismo, que adora, tembla?
Rey. Hermosa flor, que flor es
El Alma pura assucena,
Que entre espinas de la culpa
Nò se hiere aun que la cercan.
Hermosa flor a dezir
Buelvo, a ver se me templa
En lo agro del enojo
Lo dulce de la belleza.
Rey. Un barbaro.

Flor.

Flor. Quien ozado.
Rey. Un villano.
Flor. A tu grandeza.
Rey. Se resuelve.
Flor. Se atreviò.
Rey. A turbar del Sol la esfera.
Yà la pluma de Matheo,
Y la de Lucas te enseñan
Añadiendo a esta lecion
La que te dà la experiencia,
Que soy aquel Rey, que aun tiempo
Sobre la faz de la tierra
Reynava en pan, y justicia,
Y como en mi firme essencia
Establecer nò ay mudança,
Justo soy, se justo era.
Tanbien sabes, que pedi
A' humana naturaleza
Las Damas de su linaje
Para passarlas a Reynas,
Dandole nombre de esposas,
A cuyas nupcias supremas
Dispuze un banquete, y tal,
Tan regio, que del se cuenta
Valer toda mi Corona,
Màs dizen, val mi essencia,
Y de la dicha familia

A la ſoberana meza
Mandé ſe ſentaſſem todos,
Tanta eſtimacion granjea
Su valimiento conmigo;
Pero de muerte con pena
Al que ſe atrevieſſe a entrar
Al banquete ſin la nueva
Veſtidura, y adornado
De ſus nupciales riquezas.
En eſto bramo de enojo
Un traydor, la ira me ciega
Ozó, de colera tiemblo
Llegar la paſſion me yela
Un traydor billano, oza
Tocar las comidas Regias
Sin veſtia nupcial, ſabiendo,
Que queda reo de leza
Mageſtad, y que a mi enojo,
Aun quando más leve ſea,
Los exes ſe dezencaxan
En las azules eſferas,
Los abiſmos ſe alborotan,
Y las miſmas furias tiemblan,
Que haſta el infierno ſe teme,
De que más infierno ſea,
Aſſi que lo vi al inſtante
Ardiendo en iras ſangrientas

Le arrojé luego al profundo
A la más honda caberna,
A cuyo golpe reſponden
Solo las ſombras funeſtas,
Para que la culpa huya
Aquel, que el caſtigo ſepa,
El banquete continuó,
Dando zelos de la tierra
Al Cielo, que el beneficio
En la duracion ſe aprecia
Tu flor de las de linaje
De la yà naturaleza,
Nombrada hermoſa a mis ojos,
Más que la niña perfecta,
Que en las entrañas de nacar
Naſce gracia, y vive Perla,
Más que la Roſa, que pura
Con tanta beldad ſe oſtenta,
Que la esfera la conbida
Con titulo de Planeta,
Más que la eſtrella brillante,
Quando en la noche ſerena
Sin dependencias del Sol,
Tanto alumbra, y nada quema,
Tu pues de mi combidada
Deſde oy a las honras meſmas,
Pues para eſpoſa querida

Te deſtina mi fineza,
Advierte, que ſin advertirlo,
Que ay coſas, que tanto pezan,
Que para hazerlas a punto
Es deſaire la advertencia.
Sabes yà que haſde llegar
Con la veſtidura nueva,
Tan clara, que al Sol deſdeñe,
Pues yà te dio mi grandeza
Para ſu precio el caudal,
Y aun màs que pida de impenſas
Su valor, que es conſiderablé
En tu mano la riqueza,
Puze, que baſta a angeſiarla,
Trata pues de diſponerla
En quanto llega tu dia,
Pero ſi ingrata, ò grocera,
Gaſtas el caudal precioſo
En mugeriles enprezas,
Y en mi banquete appareces
Sin la devida decencia,
Nó te fies, nó te fies,
Porque aun que tu amor me quema;
Para que pagues las culpas,
Tengo de tragar las penas,
Si a mis vinos, y a mi pan,
Sin la veſtidura regia

Ozas a entrar atrebida,
Ozas a tocar ligera
Esta mano, que a tus plantas,
Puzo el poder de su diestra,
Este braço, que a tu vista
Toda su fuerça sugeta,
Este coraçon, que amante
Por si muere, y ati alienta,
Estos ojos, que a tus ojos
Sus esplendores acendran,
Este pecho, que aun cabello
Tuyo le sirve de flecha
Todo convertido en rayos
Para bolverte en pabeza
Será.

Flor. Señor.

Rey. Nó te assustes,
Que mi colera me lleva
A suposicion indigna
De tu ser, nò ay, porque temas
Si en tu mano está tu dicha.

Flor. Para merecer la excelsa
Me basta hazerme vos digna,
Gran Señor de merecerla.

Rey. Mira que el mundo es traidor,
Nò te emplees en su feria,
Nò te engañen sus alajas,

Las

Las trez preciosas monedas,
Que mi grandeza te dio
Por otro nombre potencias
Cuyo infinito valor
Conoces tu las emplea
En los adornos del dia,
Que llegares a mi meza,
Serás la luz de mis ojos.
Flor. Tu el Sol entre mis tinieblas
En mi adoracion por Dios.
Rey. En mi estimacion por Reyna.
Flor. Todo tu compuesto es gracias.
Rey. Todo tu ser es belleza;
Mas mira.
Flor. Señor.
Rey. Advierte que.
Flor. Dezid.
Rey. Que en mi prezencia
Pues me has parecido bien,
Nò, hagas que te mire sea. *va-se.*
Flor. Oh quanto del Rey asfustan
Las palabras, pues son flechas,
Que amenaçando a la culpa
Hazen temblar la innocencia. *va-se.*
Salen Mundo, Amor, y Locura.
Mund. Pues como te cuento Amor,
El Rey, que tanto se humana

A' naturaleza humana
Buſcò para darle honor,
Los de ſu linaje fiel
Combida en eſta occaſion
Con que en tanta obligacion
Rezelo queden por el,
Yo temiendo eſte deſizo
Por muchos lances arguyo,
Que aquel, que llega a ſer mio
Luego dexa de ſer ſuyo,
Y en eſta ſienda nò en vano,
Me pongo para encontrar
Los que tienen de paſſar
Al banquete ſoberano,
De mercador he venido
Contigo, y en eſto quedas;
Porque ſus finas monedas
Pueda coger advertido,
De que prevenidos van
Para comprar las precioſas
Veſtiduras prodigioſas
Nupciales, y quedaran
En mi mano, y ſu caudal
Una vez en mi poder
Mi Imperio llega a tener
Quanto valen.

Amor. Mi fatal arco yà ſabes, ò mundo

Quan-

Quantas vitorias te ha dado
Pues te has visto coronado
De su valor sin segundo,
Y nesta presente empreza
En que ganas tanto honor
Te hade assistir mi valor.
Mund. Lo fio de tu nobleza,
Tu, locura, nò te alexes
De mi.
Locur. La riza me apura,
Dime, quando la locura
Se aparta del mundo?
Mund. Ansi es.
Locur. Ni puedo apartarme,
Quando de monedas hablas,
Mas la burlilla, que entablas
Por màs que tu astucia la arme,
Pienso que por derradero
Eche a perder tu valor.
Mund. Sabes quien soy?
Locur. Si Señor.
Eres un gran enbustero.
Mund. Aun por esso hede entablar
La meyor; mas una muger
O' una Diosa al parecer
Piza esta senda.
Amor. A encontrarla lleguemos,

Por-

Porque ſin duda
De las que al banquete van
Serà.
Mund. Sus ſeñas nos dan
A entender eſſo.
Sale Flor.
Amor. Saluda
En vueſtra beldad el Sol,
Quien deſpues del Alva os mir.
Flor. Vueſtra ozadia me admira
Apartad.
Mund. Tanto farol de luz
Nò bolbaes en rayos
Contra humildes mercadores,
Que a vueſtros pès ſus haveres
Ponen felices enſayos
De ſu ganancia.
Flor. Y traeis mucho caudal?
Locur. De mentiras.
Mund. Pois deponeis vueſtras iras
Algo en mi pecho hallareis
Eſta cadena os enſeñò
De todo lo màs precioſo.
Flor. Su labor es primoroſo,
Su valor de grande enpeño,
Yà la moneda, que llevo
Para una gala es propueſta.

Mund.

Mund. Que mejor gala que eſtá?
Flor. Nò ſé ſe emplearla devo
En otra.
Mund. Pues del caudal
Su parte emplear podreis,
Y la otra parte dexeis.
Flor. Parece nò dezis mal;
De la cadena me pago;
Tanto que reſuelvo aqui
Nò dexarla.
Mund. Nò la vi
Mejor.
Flor. Aun que arrieſgue algo;
Eſta moneda tomad
Por ella.
Mund. Su luz notoria.
Flor. Es moneda de memoria.
Mund. Recibo de voluntad
Os doy, bien mi engaño fundo,
Para que a mi Imperio ſirba,
Pues ſu memoria cautiba
A la cadena del mundo,
Yo con ella quedo ufano,
Y ella en mi prizion ſegura.
Flor. Y vós, que traeis?
Locur. Locura.
Flor. Y con ella ganaes?

Locur. Gano
Si por vós en lo queciere:
Dezidme en tal occaſion,
Nò eſtoy rica de opinion?
Flor. Gaſtaes buen humor
Se infiere:
Y que locuras traeis
Para vender?
Locur. Eſtas ſon,
Denme las Damas perdon.
Traigo, ſi es, que algo quereis
Donaires à maravilla,
Con que haſta el pueblo ſe entona,
Haziendo el traje perſona,
La que neſcio perſonilla,
Y es yà D. Patornilla figura,
Locura.
Tocados tengo, y nò eſcuſo
Moſtrar aqui ſus dislates,
Y aun que ſean diſparates,
Lo quieren, porque ſon uſo.
Traigo dixes, que nò acuſo
La pluma, que el apura
Locura.
Traigo boticas muy raras
Deſtas que las Damas precian,
Y adonde aprecian

Xa-

Xaraves para las caras,
Y las componen yà nò avaras
Contra achaques de hermoſura,
Locura.
Peines traigo, y de repiente
Por muchos me perſuaden,
Porque me dizen que caben
A cada cabeça vinte,
Sin tantos nò ſe conſiente,
Porque el uſo lo murmura,
Locura.
Traigo puntas, y puntillos,
Laços, abanicos, guantes,
Diamantes, que fueron de antes
De pedra tocar anillos
Por dineros amarillos
Antojos de poca dura,
Locura.
Eſto es lo que ſaber quieres,
Aqueſtos ſon mis caudales.
Flor. Pues aun que los miro tales,
Se me antojan ſus averes,
Una moneda emplearé
En ellos, otra me queda,
Para que emplearme pueda.
Locur. Pues yo mañana os traeré
Todo, que ſoy verdadera

Locura, y de mi fiad.
Flor. Esta moneda tomad.
Locur. Y nò fereis la primera,
Que en locuras segun siento,
Todo su caudal gastó.
Mund. La moneda que dexó
Es la del entendimiento,
Bien aya tu engaño aqui. *à parte.*
Amor, la voluntad suya
Nos falta hasta la hora tuya.
Amor. O' mundo fia de mi.
Flor. Y vós Joven, que traeis?
Amor. Un arco, y flechas.
Flor. Mostrad.
Amor. Contra mi pecho tira.
Flor. Será si en fiera os bolveis
Los que entienden nò se alaban
Servirme ni por despojos.
Amor. Pues venid con vuestros ojos,
Que herir racionales saben.
Flor. Vuestro arco con suspensiones
Loo a vós nó puede ser,
Porque sois vós mercader
Para dar tantas razones.
Yo solo conmigo tengo
De trez monedas, la una,
Y es de voluntad.

Amor.

Amor. Ninguna
Como essa, por ella vengo.
Flor. Dexola, que temo el fuego
Si quien la quiere empleada
En una gala extremada.
Amor. Pues bolvedme el arco luego.
Flor. El arco nò lo conceda
Mi pundunor soberano
Despues de tocar mi mano.
Amor. Pues dadme a cà la moneda.
Flor. Temo.
Mund. Nò rezeleis, nò,
Porque cobrarla podreis
Aun que aora la deis.
Flor. Y quien lo assegura?
Mund. Yo.
Amor. Y de bolverla os prometo
En haziendo màs caudales.
Mund. Talentos teneis iguales
Para en tanto.
Flor. Me prometo
A vuestro consejo humano.
Veeis a la moneda?
Amor. Profundo,
Es su valor todo un mundo,
Merece por vuestra mano.
Locur. La bolsa en tal trabessura

Se

Se alegra, y es lo meior,
Que sin dexar de ser flor,
Yà conmigo està locura.

Flor. Contra la maleza esgrimo,
El arco pruebo, ay de mi!
En la saeta me heri,
Y en su ardiente fuego gimo,
Que destino, y que desdicha
Fue para mi tan fatal,
Que haziendo a una fiera el tiro,
Sale de mi pecho el ay.

Amor. Es porque el amor lo dexa,
Que en las saetas està,
Quizo herir a lo Divino,
Desdeñando lo mortal.

Flor. Aparta, Joven, aparta,
Que en ti nò sé pronunciar,
Muero, toda soy de susto,
Advierto, respiro afan,
Siendo el yelo, que me abraza,
Fuego, que me haze temblar.
En ti advierto, miro en ti
Por mayor fatalidad
De aquesta herida el dolor,
Siendo mi mano el puñal.

Amor. Aun yo de ti mas quexoso
Vivo.

Flor.

Flor. Porque dizes tal?
Amor. Me mataſtes, ſin ſaber,
Que me querias matar.
Flor. Siendo aſſi, nò fuy cruel.
Amor. Antes màs cruel eſtás,
Pues el morir por tu guſto
Quitaſte a mi vanidad.
Flor. Si, mas yà tu mal me debe,
Nò me pezar de tu mal.
Amor. Siendo aſſi ni por la vida
Trocára la enfermedad,
Porque en ti.
Flor. Dexame Joven,
Pues ni me puede vengar,
Ni la muerte, que te doy
De la herida, que me dás.
Amor. Yà nò me podrás huyr.
Flor. Porque peze a mi deidad
Si me miente.
Amor. Porque digo
En tanta ſeveridad,
Tu rigor a dividir,
Y mi flecha a vincular.
Flor. Verásla, pues yà me augmento.
Amor. Mas dexas la voluntad.
Flor. Al entendimiento apello.
Locur. Eſſo em mi mano eſtá
Por la moneda.

Flor.

Flor. Aun con todo,
La memoria me dexaes
Para acordarme de mi.
Mund. Essa aprizionada está
A la cadena del mundo.
Flor. Todos los passos tomais
A mi salida, y nò sé,
Que fuerça, ò violencia tal,
Me inclina a seguiros, que
En tanta fatalidad
Por màs que quiero dexarlo
Nò lo quiziera dexar.
Y pues ni gente de escolta
Por aquesta soledad
Dexe discurrir conmigo
Por ella, y divirtirás
Con las noticias del mundo
Tu mi venatorio afan a el,
Tu loco en los desvarios,
Tambien ayudar podrás
Mis dezaojos.
Amor. Yo en que podré serviros?
Flor. Podrás
Si eres fiera, siendo el blanco
De mis tiros.
Amor. Me hallaran,
Quando a recibirlos fiera,

A es-

A esperarlos racional.
Flor. Valgate el Cielo por Joven.
Amor. Valgate Dios por beldad.
Mund. Yà llevo un contrario menos,
Llevando una flor de màs.
Locur. Yà me ha rendido este dia
Una loca a mi hospital.
Van-se, y sale Gomindo.
Gom. Por estas soledades,
Habitacion de flores, y verdades,
Pues quando yà dezechos
Sus primores,
Las fuentes dezengañan a las flores,
Siendo por mayor daño,
Un dia espejo, otro dezengaño
Por estas soledades,
Pues dizia
A mi me buscó la querida mia,
Que en riguroso fallo,
Perdido vá, si en ella nò
Me hallo
A su mente Divina
Consultar vengo
En todo peregrina,
Importancias delRey,
Aun que mi pecho
Roto de flechas, y de amor deshecho

A su

A su affecto exprimir
Queria con ancia,
Mas ceda la fineza a la importancia,
Y pues dichoso pizo
El verde suelo, que azul Cielo pizo,
Que en soledad amada
Vive perla en la concha
Retirada,
Mi voz la invoque,
Baxe a mis clamores
A pizar las estrellas en las flores.
O' Tu Divina Deya,
Elevacion suave de la idea,
Tu, que en dulce sossiego,
Qual luz abrazas,
Quando alumbras fuego,
Tu, porque màs assombre,
La que dexas en uno Dios, y hombre,
Quando con tu amor lucho,
Atiende, que te llamo.

Sale la Deya.

Deya. Yà te escucho,
Gomindo generoso, y tan constante,
Que el nombre has merecido
De mi amante.

Gom. Hermosa Deya.

Deya. De campion valiente.

Gom.

Gom. Amantiſſimo objecto de la mente.
Deya. Adalid prodigioſo,
Adonis bello, Marte valeroſo.
Gom. Sábia Deidad, oraculo Divino,
Que bebes en la ſciencia de Uno, y Tri-
Deya. Hombre exaltado. (no.
Gom. Gracia peregrina,
Yman, que atrae.
Deya. Brio que domina.
Gom. Rara hermoſura.
Deya. Singular ſugeto, que me quieres.
Gom. Que atiendas mi conceto.
Yà ſabes que Gomindo me apellido
Amante tuyo, ſi del Rey valido,
Que en dicha tan conſtante,
Lo miſmo es ſer ſu amigo, q̃ tu amante,
Sabes tambien q̃ el Rey, porq̃ ſe humana
A' naturaleza humana, (do
Honrando, q̃ en extremo, ſi, la ha ama-
A los de ſu linaje ha combidado
A un banquete ſupremo, y de tal arte,
Que haſta ſu miſmo ſer, en el reparte
Entre las bellas Damas
Del Cielo amores, y del mũdo llamas,
Que el banquete han ſubido,
Una llamada flor, y flor ha ſido
Pues inclinó ſu gala primoroſa

Al

Al primer cierço, qual la vana roſa
A penas ſu coturno hizo camino,
Quando bolviendo el paſſo en deſca-
Amor, Mundo, Locura (mino
Pudieron engañar a ſu hermoſura
Sin ſer otro ninguno,
Que Amor, Mundo, y Locura, todo es
Y el caudal le llevaron
Donde tantos honores le robaron,
Dexandola ſu error por abatida,
Compueſta de fealdad de fé deſpida,
Yo, que a mi Regio dueño
Siento el diſguſto, porq̃ el juſto ſueño,
Viendo que eſta flor bella
Es de ſus ojos la mejor eſtrella,
Y enamorado de ſu viſta hermoſa,
Deſtinada la tiene para eſpoſa,
Y que ella yà perdió por ſus errores
El veſtido nupcial de ſus honores,
Dexandola infiel, y lizonjera
En las monedas, que entregó ligera,
Y ſin el al banquete, caſo fuerte,
Nò puede aparecer pena de muerte
Quedando detenida,
Del mundo preza, y del amor herida,
Viendo pues, quanto el Rey hade llo-
rarla,

A

A su banquete intento restaurarla,
Mas faltame una gala a mis primores,
Que supran del vestido los candores;
Tambien un medio luego,
Con que se libre de su engaño ciego.
Y como tu ò Oracion Divina
Por otro nombre Deya Peregrina,
Sin que por esso mudes de renombre,
Que es un quasi Divino aqueste nombre
Oraculo descubres las verdades,
Haziendo templo destas soledades
Donde mi amor constante,
Lince te busca, que nò ciego amante,
Que el que te avassalla
Hermosa flor en soledad te halla,
Y ansi con tan dulcissimo zonido
Le hieres la Alma, hablandole al oydo,
Te vengo a consultar a ver que haga,
Sabia solicitud, Divina Maga
Dadme un arbitrio, ò Dea, con q̃ alcan-
Salir mi Rey gustoso deste lance, (ce
Que se tal me previenes,
Coronaré de rayos a tus sienes,
Y tus plantas hermosas,
Estrellas pizaran, que yà nò Rosas,
Darete honores, glorias, poco arguyo,
Darete el coraçon, mas esse es tuyo.

Deya.

Deya. Pendiente de tu voz, eſcucho el brio,
De tu imperio, q̃ yà por tuyo es mio,
Pues en firmes verdades,
En un lance nò ay dós voluntades,
El lance es apretado,
Y tanto, que haſta a mi me dá cuidado,
El Rey amante, la beldad ligera,
Mundo, amor, y Locura, en ſu quimera,
Las doblas dadas, al intento opueſtas,
Ella ſin galas, y las mezas pueſtas,
Un medio ſolo aqui ſe me ha offrecido,
Conveniente al remedio.

Gom. Qual ha ſido?

Deya. Ay un huerto, que ſe nombra,
Concluſo, digo, ſellado,
De quien otro anſi nombrado
En Paleſtina fue ſombra.
Eſte, en quien ſe dezaſſombra
La tierra de ſus horrores,
Tantas gracias, y primores
Dan ſus perfeciones bellas,
Que el Cielo le offrece eſtrellas,
Para que las pague en flores.
Eſte pues, cuyo valor,
De tierra virgen ſe hizo

Tan

Tan extremado ſer quizo,
Que dio por fruto al amor
El qual creyo ſuperior,
Mas de olor màs ſubido,
Y entre todas dividido
Sus extremos dá veloz,
Siendo cada Roſa un Dios,
Y cada flor un Cupido.
Eſtas Roſas ſoberanas,
Yà es tiempo, que las reparta
Por las miſerias humanas;
Porque fueron deshumanas.
Sus grandezas deſmedidas,
Si nò ſiendo divirtidas
Contra las adverſidades;
Naſcendo para piedades,
Quedaran para eſcondidas.
Deſtas Roſas adornada,
Dexé la ingràta querida,
La veſtidura perdida,
Con tal gala reſtaurada,
Puede la Roſa preciada
Hazerla bella, y flamante;
Porque ſin duda es conſtante
En tan luzido farol,
Que ni veſtida de Sol
Ha de ſalir màs brillante.

Eſte medio celebrado
Dà mi ſciencia peregrina,
Halla en la mente Divina
Por tantos ſiglos guardada;
Y puedes ir ſin cuidado,
Pues por dicha màs ſegura
En virtud de ſu hermoſura,
En viendo las roſas bellas,
Tienen de pizar ſus huellas
El Mundo, Amor, y Locura.

Gom. Nò en vano, ò ſabio aſſombro
Con mis males
A las puertas llegué
De tus umbrales;
Pues en tan dulce medio
Al pedirte conſejo
Halle remedio;
Y ſi poſſible fuera,
Siendo tan mio, yà màs tuyo era.

Deya. Pues Gomindo, conmigo
Ven a coger las Roſas.

Gom. Yà te ſigo. (tento,

Deya. Ciento y ſincoenta baſtan a tu in-
Roſas por maravillas aqui cuento,
Ven al horto Divino, que cerrado
Manifieſta ſus gracias, ſi es buſcado
Vos-otras montarezas hermoſuras,

Que

Que me ſervis en eſtas eſpeſuras,
Cantad al huerto, porq̃ a ſus cõpaſſos.

Cantan dentro, y recogen-ſe con la muſica.

Muſ. Flores del huerto cerrado,
Aguas de fuente preclara,
Yà es tiempo, que los mortales
Participen vueſtras gracias,
Huerto cerrado,
Fuente ſellada,
Roſas eſparſe,
Perlas derrama.

Sale Flor.

Flor. En la falda deſte monte
Al gran Palacio cercana,
Vengo a vengar en las fieras
Lo que en los hombres me agravia,
Que un Joven, q̃ un Aſpid, un monſtro,
Monſtro de hermoſura, y gracias,
Que lo que juran mis ojos,
Nò puede negar mi rabia,
Rompa de mi pecho el fuerte,
Como es poſſible ſe abra
Una fuerça de diamante
Solo a una flecha contraria,
Huyr de ſu viſta intento;
Mas intentarlo nò baſta,

Porque dezanda el cariño,
Quanto avantajan las plantas.
Dentro musica.
Al banquete, al banquete supremo,
Que el Rey te llama,
A que vas con la veste brillante
Gustar sus gracias,
Las mezas francas,
Imolado el cordero,
Solo tu faltas.
Flor. Ay de mi, que voz es esta,
Lizonja quando amenaça,
Pues me halla sin prevencion,
Y me procura con alas,
Que hede hazer, q̃ hede hazer, Cielos,
Quando un Monarca me llama
Con el honor de sus nupcias,
Con el ardor de sus ancias?
Escusarme es villania,
Pues su respecto me arrastra
A pezar de affecto vil,
Que averguença, quando hallaga,
Llegar sin la veste regia,
Reo de muerte me hallan
A prevenirla nò ay tiempo
Ni candal, que he dado incauta,
Su precio, valedme Cielos
En tan apertada instancia.

Sale el Rey a lo lexos.

Rey. Deſte lexos a eſte cerca,
Vengo a ver los que llevantan
Sus plantas hazia el banquete.
O ſi con la viſta amada
Pudieſſe en la poſſeſſion
Dexarme de la eſperança.
Pero que miro? Nò es flor
Aquella, que de la eſtrada
Me haze roſtro, y que ſe atrebe
Miſeramente adornada,
Profanamente veſtida
Sin la veſte ſoberana;
El cabello ſuelto al viento,
Que en ſus penſamientos vaga
A la cadena del mundo
Aprizionada por gala,
El arco del amor loco,
En ſu mano anſi villana
Se atrebe a hazer frente al pueſto
Donde de mi meza ſacra,
El pan es todo mi ſer,
Los vinos ſon mi ſuſtancia.

Flor. Ay de mi, que el Rey me mira;
A las puertas del alcaçar
Ha baxado.

Rey. Antes que mas

Se acerque ſu alebe planta,
Muera a mi enojo, mas lucha
El amor con la vengança,
Llamo, nò llamo, ſi llamo:
O' là.

Salen Criados.

Criad. Gran Señor, que mandas?
Rey. Que arrojeis.
Flor. Ay infelice.
Rey. De la eminencia màs alta.
Criad. Aquien Señor?
Rey. A ninguno,
Todo mi valor me valga;
Pues buſcando lo que offende,
Encuentra con lo que ama.
Flor. Huyr de ſu enojo quiero,
Aun que mis plantas turbadas
Nò aciertan. *va-ſe.*
Rey. O' là ſeguidla,
Pues ſe ha atrebido,
Que la traten como fiera,
Pues como fiera me trata.
Criad. Yà prevenimos las flechas.
Rey. Tened.
Criad. Que ordenas Monarca?
Rey. Nò la mateis, que es mi vida.
Criad. Yà ſuſpendemos las armas.

Rey.

Rey. Mas muera, pues me dá zelos,
Y con zelos nò ay templança.
Criad. Aguarda.
Rey. Ay amor como me arraſtras!
Oyd.
Criad. Que reſuelves Rey?
Rey. Nò la mateis, que es mi alma;
Y eſta herida, que le quito,
Es el dolor, que me falta.
Van-ſe, y ſale Flor.
Flor. Huyendo del Rey las iras
Contra mi delicto armadas,
Nò ſé, ay de mi, que hede hazerme;
Ni es poſſible en tal diſgracia,
Que encuentre quien me defienda,
Huyendo de quien me ama;
Su enojo templar dezeo,
O' quien una gala hallara,
De tal decencia compueſta,
De tal reſplendor formada,
Que por la veſte nupcial
Suplieſſe, y anſi me hallara
A recibir los honores,
Que arrieſgué.
Sale el Mundo con una purpura en la mano.
Mund. Supla eſta gala

La

La que procuras, y en ella
El mundo pone a tus plantas
Su purpura.

Flor. Yò la eſtimo,
Que ſiendo tan extremada,
Y regia tendrá valor
Para verme coronada.

Mund. Anſi, quedará por mia. *à parte.*

Flor. La purpura ſoberana,
Quiero ponerme, y con ella
En el banque la entrada,
Tendré, mas Cielos, que es eſto
Toda en humo, toda en nada
Se reſolvió, y es ſin duda
Del mundo la pompa vana.
Hombre, que me has dado aqui?

Mund. Te he dado.

Flor. Adelante paſſa.

Mund. Toda la gloria del mundo.

Flor. Pues de confeſſar acaba.

Mund. Aun que forçado confieſſo.

Flor. Tambien confieſſo, aun que errada.

Los dos. Que las purpuras del mundo
Son humo, que luego paſſa.

Sale la Locura.

Locur. Aqui tienes un veſtido,

Que

Que à fé, que la gran Sultana
Nò se lo tiendrá mas rico.
Flor. Dizes bien, nò miré gala,
Mas brillante, y me parece
Hecha de luzes hiladas.
Locur. Todo es oro su compuesto;
Desta vez mueren las Damas
De embidia al verte salir.
Flor. Parece que al Sol retrata,
Que mejor gala llevar
Puedo al banquete?
Locur. Probadla
A ver se la viene estrecha,
Mas la vanidad es ancha.
Al vestirla irá cayendo tierra, y dezapareseula.
Flor. Ay de mi, tierra se buelve,
Y quando el Sol retratava,
Lodo está quien topo Cielos,
Invenciones màs estrañas.
Que dizes hombre?
Locur. Memento.
Flor. Responde, qual fue la causa;
Mas yà contigo la digo.
Locur. Aun que locura me llaman.
Flor. Aun que perdida me nombran.
Locur. Digo.

Flor. Confieſſan mis ancias.
Locur. Que la locura del mundo.
Flor. De los hombres la ignorancia;
Locur. La tierra adora en el oro.
Flor. La liga adora en la plata:
Todo es horror, todo es fuſto;
A culpas de mi inconſtancia
Para bolver a la dicha
Primera, que en una gala
Me dará con que entrar pueda
En el banquete.

Sale Amor.

Amor. Mis llamas,
Que el incendio de un amante,
Es la gala de una Dama.
Flor. Joven, que me quieres? vete;
Buelvete luego a tu alcaçar,
Que me pierdes la razon,
Y perdida nò ſe hàlla,
Nò me aſſuſtes, nò me enojes;
Que mal mis alientos hallan
Palabras, con que poder
Caſtigar ſu accion leviana,
Quando atrahidos del affecto
Se abre la puerta en el Alma.
Amor. Deſpues de herida a mis flechas;
Será reſolucion vana,

Huyr

Huyr mi incendio, pues veo,
Que las flechas son las brazas
Si mal herida estubiste.
Flor. Y si estoy yà bien curada
Miento que enfermo de amor;
Y enfermo de amor nò sana.
Amor. Como tus ojos en mi
Anſi en tu pecho mis armas.
Flor. Mi pecho es nieve, y nò pudo
Prehender en nieve la llama.
Amor. Bien puede abrazar la nieve
El que las piedras ablanda.
Flor. Con que porfias?
Amor. Porfio.
Flor. Que rendida?
Amor. Que inclinada,
Flor. A pezar de mi desden.
Amor. A pezar de tu inconstancia;
Eres blanco de mis flechas.
Flor. Soy despojo de tu aljava.
Muſ. Al banquete, al banquete supremo,
Que el Rey te llama,
A que vas con la gala brillante
Gustar sus gracias
Las mezas francas.
Imolado el cordero,
Solo tu faltas.

Flor.

Flor. Otra vez buelves ò voz
A llamarme, ſolo falta
Mi perſona, aqui me dizes,
Como puedo yo ingrata
Dexar de acudir adonde
Un Rey, y un amante guardan
Con la fé de quien eſpera,
Y el imperio de quien llama?
Mas ay, que ſin gala eſtoy.

Sale Gomindo con un hilo de Roſas.

Gom. Aqui tienes una gala,
Que las Roſas deſte hilo
Son la veſtidura rara,
Y ſi con ellas te adornas,
Que en ellas van del amor
Contemplando tan preclara
Entrarás en el banquete,
Que verás ſi bien reparas
Como ay flores, que ſon luzes,
Como ay Roſas, que ſon llamas.

Flor. Gomindo generoſo,
Tanto el jubilo es,
Es tanto el gozo,
Que en eſtas Roſas para mi ſe encierra
Hijas del Cielo dadas en la tierra,
Que de ellas adornada,
Pienſo recuperar a la endiozada

Veſ-

Veſtidura, pues ſon ſus flores bellas
Roſas al nombre, y al luzir eſtrellas.
Gom. Pues conmigo venid
De ellas compueſta
A la meza Real.
Mund. Accion opueſta
A nueſtro naſcimiento,
Es la que oymos,
Pues la llevais de donde
La aſſiſtimos.
Amor. Nò he de ſufrir yo.
Locur. Ni yo tan poco,
Que en los duelos del mundo
Siempre ay loco.
Gom. Villanos, en mi azero hallareis parca
Si os atreveis a vueſtro gran Monarca.
La Dama es ſuya.
Amor. Es mia. *rien.*
Gom. Oyd traydores. *retiralos haſta el veſtuario.*
Mund. Marte ayrado ſe mueſtra en ſus rigores.
Locur. Huyr por nò reñir, es lo que apprecebo.
Flor. Los venciſtes Gomindo.
Gom. Pues es nuevo,
O lo duda ninguno,

Que

Que Gomindo, ò Domingo, todo es uno,
Quando en el se apura,
Vience el mundo, el amor, y la locura,
Y en su valor, en su tezon constante
A su dueño, a su Rey dexa triunfante.
Flor. Assi el orbe lo sabe, y yo lo estimo,
Aun que preza de amor, y mundo gimo,
Pero las bellas flores, que aparecen,
Pienso que mis passiones adormecen,
Passalas a mi mano.
Gom. Yà son tuyas. *dasselas.*
Flor. Pero que es esto?
Gom. Maravillas suyas,
La cadena del mundo se ha rompido,
Y el arco se ha quebrado de Cupido,
Que alli si bien mirabas,
Aprizionada quando herida estabas,
Y alto que destas Rosas, que recibes
De amor, y mundo libertada consigue,
Que el Divino Rosario
Es ruina fatal del adversario;
Sus conquistas mayores (res.
Son rendir armas, quando esgrime flo-
Flor. Yà de ellas adornada, y nò profana
A la meza me acerco soberana.
Gom. Donde vas tan hermosa,
Que nasciendo muger, pareces dioza,

Y eſtas flores te han buelto, ſegun ſiento,
Memoria, voluntad, y entendimiento;
Memorias, en q̃ el Rey te dió primores,
Y entregaſte infiel.

Flor. O' raras flores.

Sale el Rey.

Rey. Yà a la meza ſoberana,
Los que de ſu honor excelſo
Participan, ſe ſentaron,
Yo que de enboſo los veo
A mirar ſe llegan màs,
Buelvo otra vez a eſte pueſto,
Mas flor en el, y tan bella,
Que ſus hermoſos reflexos
Exceden al Sol, y naſcen
Eſtos primores ſupremos
De las Roſas, que la adornan,
Cuyos ſubidos myſterios
La veſtidura nupcial
Le han dado ſin duda el huerto,
Cerrado tierra Divina,
Pues le es inferior el Cielo.
Ha repartido ſus flores
Por gloria del Univerſo
En mi mente ſoberana,
Guardadas ab eterno.

Den-

Dentro muſica.

Albricias, Albricias, ò mundo,
Que a tu remedio
Oy manifieſta el Huerto cerrado,
Sus flores de amores,
De amores myſterios,
Y ſe encuentran eſpigas, y Roſas,
Luzes, y incendios.

Flor. A vueſtras plantas, Señor,
Yà recogido el cabello,
Que libre en mis vanidades
Perdido doraba el viento
Buelvo el adorno profano,
Que ha ſido eſcandalo vueſtro
En la purpura de Roſa,
Que ſiendo flor vale imperio;
El arco de amor quebrado,
Y a vueſtros pés por trofeo,
Para que pizeis en el
Mi inconſtancia, y vueſtros zelos
La cadena, que del mundo
Ha ſido laço a mi pecho
Rota, porque rompa en ella
La liga del univerſo.
Los ojos, en cuyas luzes
Ateaſtes vueſtro incendio,
Yà con ſeguros de linces

Si

Si antes con baldon de ciegos;
Reſtituido el ſentido,
Cobrado todo el aliento,
Deſtruidas las paſſiones,
Pizados los devaneos
Muy en ſu Zenit lo puro
En ſu punto lo perfecto
Capaz de rendir un Dios,
Que es màs que imitar un Cielo;
En vueſtra preſencia digo,
Que eſtoy, y os buſca mi affecto
Con las dulçuras de amante,
Nò con las iras de dueño;
Porque eſta purpurea gala,
Que traye en adornos regios,
En cada flor un emblema,
Cuya Divina fragrancia
Es olor, que ſube al Cielo,
Desde la tierra me ha dado
Tan generoſo ardimento,
Y en virtude de tales flores,
A vueſtras plantas me atrebo a llegar.

Rey. Llevanta flor,
Que veſtida de hombre nuevo
Te han dexado aqueſtas Roſas,
Y es eſte cerrado un huerto,
Que las produzió tan mio

De

De mis fabores a augmentos,
Que nò ſin razon me tienen
Por hijo de ſu terreno,
Aun que de màs alta esfera
Fué mi ſer Divino, y Regio.
Dom. Y yo, gran Señor, aplaudo
Las grandezas, que oy devemos
A aquel terreno Divino,
Pues yà ſus flores nos dieron
Galas nupciales, que ſirven
En tu meza de feſtejo.
Rey. Los honores deſte dia
A ti Gomindo los devo,
Y porque a todos notorios,
Sean por el univerſo
Publicad, cantad, dezid
Con vozes, hymnos, y ecos,
Como yà el huerto cerrado
A ſus Roſas manifieſto
La trombeta de la fama
El pregon de los affectos,
Suene.
Dentro trombeta, y caxas, y ſale el Mundo coronado de Roſas.
Mund. Yà ſuena Monarca,
Porque yà tudo eſtá lleno
Deſtas flores ſoberanas,

Y aqui viene el Universo
En virtud de sus olores
Pedir perdon de sus yerros,
Porque a tu meza nò llegue
Sin el arrepentimiento.

Rey. Pues estas Rosas Divinas
Has admitido a tu imperio,
Y por corona las traes
Yo perdono tus excessos,
Aun que de zelos me hiristes,
Tanto debo a aquel terreno,
Que las ha dado, mesclando
Sus gracias con mis mysterios.

Gom. Pues yà que Rosas, y espigas
Celebra la tierra aun tiempo,
Tambien el mar las aplauda
Con sus marinos festejos,
Que tales demonstraciones
Nò caben solo en un centro.

Sale Amor coronado de Espigas.

Amor. Dizes bien, y porque sepás
Me adelanto a tu dezeño,
Aqui està el amor.

Flor. Me assusta oyr tu nombre.

Amor. Tus miedos
Son inuteis, porque
Yà soy amor verdadero,

Si haſta aqui lo fuy mentido,
Que la viſta deſte cordero,
Que en la meza ſe reparte,
Quedando a todos inteiro
Para mayor maravilla,
Y de los finos myſterios,
Que en las Roſas ſe repiten
Para bien del Univerſo,
Yà no ay Cupido del ayre,
Que nò ſea amor de fuego.
Aqui eſtoy, amor dizia,
Que yà de los mares vengo
A incitar ſus regozijos,
Para que veyan los Cielos
Como en tal dia ſe unen
Las agoas con los incendios,
Pues en ſu primera infancia
De amor han ſido paſſeyo,
Y aqui feſtejan de gracia,
Fuente, y de amores exceſſo,
Y para que lo ſepais
Todos unidos aun tiempo
Nayades, Ninfas, Sirenas
En racionales conceptos,
Nercidas, Tritones, peces,
Mudos de ſu naſcimiento:
Dizen en diſtintas vozes,
Gritan en formados ecos.

Dentro muchas vozes.
Viva la Rosa, y la Espiga,
Que es Rosario, y Sacramento.
Rey. Y Sacramento, y Rosario,
Con razon unidos vemos;
Porque estas Rosas Divinas
Unem en si los mysterios;
Que el pan de mi meza enfierra,
Y el pan si bien atendemos
Tambien es flor, porque admite
En su Divino compuesto,
Aquel, que fue flor del campo,
Y lyrio del valle ameno,
Y yà que a mares, y tierra
Las noticias se extienden,
Lleguen tambien al abismo,
Tiemble la tierra, y sus seños
Habran, porque à los profundos
Pueden penetrar los ecos,
Y seran para su embidia,
Que nò para su remedio.
Ruido como de temblor de tierra, y sale Locura.
Locur. Ay de mi, donde me iré.
Flor. De quien huyes?
Locur. Del infierno,
Que la locura del mundo,

Pienſo nò eſtá del muy lexos,
Mas en tan regios umbrales
Buelvo el temblor en reſpecto.
Mund. Tu aqui?
Locur. Yo aqui ſeñor mundo,
Que ſi huſté eſtá manigrepo,
Oy tambien lo eſtoy, porque
Ando con el uno miſmo,
Y al olor de aqueſtas Roſas
A' cercas deſte myſterio,
Aquel, que llega locura,
Se buelve entendimiento.
Flor. Rompa la eſtrellada esfera
Su celeſte pavimiento,
Para que ſone en la tierra
Lo que la feſteja el Cielo.
Muſ. Albricias, albricias ò mundo,
Que á tu remedio
Oy manifeſta el huerto cerrado,
Sus flores de amores,
De amores myſterios;
Y ſe encontran eſpigas, y Roſas,
Luzes, y incendios.

Sale Deya.

Deya. Con las celeſtiales vozes
Aquien ajudan mis metros,
Vengo a tus pies gran Señor

A ſegurarte el contento
De las dichas deſte dia.
Rey. Nunca tu Deya a tal tiempo
Quiero que a mi meza faltes,
Y màs quando a ſus myſterios
ſe juntan Roſas, y Eſpigas,
Y Roſas, a quien oy devo
La reſtauracion de flor,
Que ſi Yman de mis affectos,
Yà ſi la mano de eſpoſo
Le doy.
Flor. A tan alto empeño,
Gran Señor, nò ay voz, que baſte,
Sirba de lengua el ſilencio.
Rey. Eres la luz de mis ojos.
Flor. Tu el coraçon de mi pecho.
Gom. Tuyo ſoy hermoſa Deya.
Deya. Admito tu rendimiento.
Rey. Venid todos a mi meza,
Pues veſtidos de hombre nuevo,
Yà vueſtra mania os dexa,
Y os dio el arrepentimiento,
La veſtidura nupcial,
Que os quitava el devaneo,
Y dizid todos,
Todos dizimos.

Rey.

Rey. Con jubilos.
Todos. Con affectos.
Rey. En màs que festivas vozes.
Tod. En màs que sonoros ecos
Viva la Rosa, y la Espiga,
Que es Rosario, y Sacramiento.

Recoge-se la representacion con las caxas, y trombetas.

TREZ REDENCIONES DEL HOMBRE,

Auto alegorico

DEL ROSARIO.

Perſonas, que hablan en el.

El Hombre.
El Engaño.
El Olvido.
El Plazer.
La Gracia.
La Culpa.
La Delicia.
La Lizonja.
La Oliva.
La Tierra.
La Roſa.
Muſicos.

PRIMERA REDENCION.

Canta dentro la Culpa, y vá ſaliendo el Hombre como eſcuchando.

Muſ. PAſſageros del mundo venid,
Que os eſpera eſte mar
Con gracias de perlas, mareas de Roſas,
Selvas de coral.
Homb. Divina voz eſpera,

An-

Angel del mar, ſirena de la esfera,
Que tan dulce me tratas,
Que a los mares, y Cielos me arrebatas;
Sin que cierto preſuma
Si quedo a ſer eſtrella, ò a ſer eſpuma;
Porq̃ quãdo me abrazo en fuego, y yelo
Miro tu centro mar, me arroubo Cielo;
Mas pues la cryſtalina
Esfera habitas, qual deidad marina,
Adonde en dulce calma
Vives perlas con voz, Ninfa con alma;
A eſſe pielago undoſo
A buſcarte me entrego affectuoſo:
A embarcar marineros, ò la gente
Sinò llegais, me arrojo.

Sale la Gracia.

Grac. Tente, tente,
Que eſſa, que te enagena
Es Caribdes cruel, falſa ſirena,
Que a eſſa mar te combida,
Para que a ſu rigor pierdas la vida;
Y en deſdichada ſuerte
Scila, y Caribdes te den muerte,
Y en ellas hallarás por màs malicia,
La lizonja, la culpa, y la dilicia.

Homb. Nò impido tu ſoſſiego,
Con remora de nieve, accion de fuego,
Que deſte mar intento Ser

Ser del fin racional, aun que violento
Contra mi ser presuma
Mauzoleo de crystal, urna de espuma.
Grac. Nò eres el hombre?
Homb. Si.
Grac. Pues como intentas,
Dando a tu ser, y a mi deidad afrentas,
Buscar la culpa impura,
Inimiga mortal de mi hermosura,
Quando en tan alto estado,
Para mi esposo, el Rey te ha destinado;
Y en el cáos, que me assombra,
Hues la luz, para seguir la sombra?
Homb. Pues nò sabes de nantes gracia bella, (estrella
Que quando el hombre a influxos de su
Llega a buscar la culpa,
De la gracia se aparta?
Grac. Tu desculpa será.
Homb. Calla, que buelve
La voz, y ansi mi affecto se resuelve,
Voy al mar.
Grac. Tente, aguarda. (tarda.
Homb. Remora nò hade serme tu accion
En quanto dentro se repite la musica, van representando a fuera.
Grac. Pues en guerra me veyo,

Ar-

Armas los Cielos den, a mi deſeyo,
Gran Dios de los exercitos potente,
Poco, digo, gran Dios Omnipotente
Con eſtruendos fatales,
De horridas caxas, pifanos marciales
Eſtes ayres inquieta,
Suene el ſon de la belica trombeta;
Porque el rumor armado
Confunda la ſierena.
Suenen inſtrumientos de guerra.
Homb. Nò ha baſtado,
Que a pèzar deſte belico ruydo
La ſigue el coraçon, ſi nò el oydo,
Voy a buſcarla a nado.
Grac. O' como el peccador es porfiado,
Mas con todo nò obſtante
La gracia en perſuadirle es màs conſtante.
Tu Tonante Divino, (no,
Nò como el falſo Dios, mas Uno, y Tri-
Dando a la luz deſmayo, (yo,
Suelta el trueno la voz, y oprime el ra-
Y al horroroſo eſtruendo, q̃ derramen.
Tiemble la tierra ſi, los mares bramen;
Porque a offenderme aqui nò ozado intente
El atrebido racional vivente.

Ruy-

Ruydo de tempestad.

Homb. Tempestad pavorosa
Mi accion impide, quando altiva oza;
Y el mar en tal desbelo,
Gigante del crystal se atrebe al Cielo,
Adonde la qual màs bella,
Se equivoca la perla con la estrella.

Buelve la musica, y cessa la tempestad.

Mus. Passageros del mundo venid,
Que os espera este mar
Con gracias de perlas mareas de rosas,
Selvas del coral.

Homb. Yà luziente la esfera
Buelve luzes, voy a seguirla.

Grac. Espera,
Ois Ninfas Divinas,
Virtudes bellas, que en mis agoas dignas
Donde amor se recreya,
Y en senda de crystal fuego passeya,
Estais aqui velozes,
Vuestras vozes, confundan a sus vozes.
Al dulce metro, porque mas assombre
A las rocas, moved, parad al hombre.

Suenen en la parte contraria instrumientos, y musica.

Homb. A la sirena sigo,
Que primero me encanta.

Grac.

Grac. Nò conſigo detenerte.
Homb. Eya aparta (*ſe.*
Dulce gloria del mar averos parta. *va-*
Grac. Yà el hombre, que diſgracia!
Por la culpa ſe aparta de la gracia,
Ayrado mar, adonde ciego aſpira,
Deſengaño le dá, nò le deſpira. *va-ſe.*
La Culpa, el Olvido, la Lizonja, la Delicia, el Engaño, ſalen todos en traje marino.
Culp. Amigos.
Eng. Culpa, que quieres,
Que en eſta Isleta nos mandas
Hazer tarde para oyrte.
Culp. Coneceiſme?
Eng. Eres Monarca
De todo el orbe, porque
A todo el orbe avaſſallas
Tanto, que en una arca caben
Todos aquelles, que ſacan
De tu jugo la ſervis.
Delic. Y aun ſobrará de ſu eſtancia
Para el bruto, fiera, y ave,
Que vaga, que corre, y brama.
Lizonj. Eres la hueſte guerrera,
Que contra el Cielo ſe arma,
Y ſus banderas tremola
Sobre las esferas ſacras. *Eng.*

Eng. Eres la fuerte adalid,
Que en la primera batalla,
Que huyo, llevaſte el laurel
Aun que te nieguen la palma.
Apet. Eres la ſirena dulce,
Que en el mar del mundo blanda
Al incauto navegante
Con las delicias encantas.
Delic. Eres iman poderoſo,
Que con fuerça ſoberana,
A pezar de todo el Cielo,
Atraes a todo el mapa.
Culp. Se eſſa ſoy, como dezis
Como en las letras ſagradas
Tiene de nombrarme el hombre?
Eng. Si habla de mares, pirata,
Olv. Si de peces, cocodrilo.
Liz. Leteo, ſi habla de agoas.
Delic. Bazaliſco, ſi de fieras.
Eng. Arpia, ſi de aves habla.
Olv. Aſpid, ſi habla de flores.
Delic. Sicuta, ſi habla de plantas.
Eng. Si de arboles eſpino.
Oliv. Si de ſembrados, ſizania.
Delic. Dilirio, ſi de accidentes.
Liz. Peſte, ſi de deſtemplanças.
Culp. Siendo anſi, nò eſtrañareis

Esfor-

Esforçada de vos otras
Intente tomar vengança,
Tu engaño, con tus gracias,
Tu lizonja, con tus soplos,
Tu olvido, con tu inconstancia
Ajudareis su ruina;
Y porque muchas las causas
Son, que mi rabia provocan,
Por si quereis escucharlas,
Atendedme.

Eng. Eres iman,
Que la atencion arrebatas.

Culp. Yà sabeis como el gran Rey,
Que aun que altibo me quebranta,
Tengo de llamarle grande,
Pues fuera mayor infamia,
Que me ultrajára, y que fuera
Menos, el que me ultrajára.
Este Monarca, y tan grande,
Que en todo este verde Mapa
Nò cabe, y para que quepa
En las celestes moradas
Aun siendo raras, y inmensas
O' se estrecha, ò las ensancha.
Tan grande, mas nò es possible
Dezirlo, que en tal ventaja
Como hade poder la culpa,

Lo que ni puede la gracia?
Al hombre criyó, porque
Solo a ſu poder faltaba
Deſpues de dominar todo
El hazer algo de nada.
Criole, y tan parecido
A ſi, que en accion tan alta,
Aun viendoſe otro en el ſer,
Es uno en la ſemejança.
Luego por mayor honor
En eſta primera infancia
Con la gracia le deſpoſa
Princeza tan ſoberana,
Que le roça en las eſtrellas,
Quando conſigo le alça,
Y yo que del hombre queria
La voluntad contraſtada,
Mirandole de otro dueño,
Union, fue mi rabia tanta,
Que bazaliſcos vomita
Entre las mortales baſcas.
Deſte odio, con que le quiero,
Fueron las vorazes llamas
Engendradoras de ſierpes,
Adonde es por mayor ſaña
Mi pecho la libia ardiente,
Que las eſcupe, y las traga

Deſtes zelos, ò deſta embidia
Por todo el mundo mi rabia
Ponçoña palida vierte;
Y por mejor derramarla,
Al hombre buſco al inſtante,
Y en Corte de eſmeralda,
Palacio ſuyo le hallé,
Adonde por màs hazaña,
Dando a cada flor un aſpid,
Un toſigo a cada planta,
A cada fuente un murmuro,
Un incendio a cada aura.
De entre de ſus miſmos braços
Le arranqué ſu eſpoſa amada
De la gracia le aparté,
Dexando deſta accion rara
La memoria en un manſano,
Perdida la gracia bella,
Lloroſo buelve a buſcarla,
Que alli ſus azeros duros,
Fueron ſus lagrymas blandas,
Por el llanto pues le cobra,
Que en eſta fuerte batalla,
Quando la culpa la pierde,
Es el llanto quien la gana.
Paſſouſe tiempo traz tiempo,
En que la gracia ſe halla

Tan

Tan olvidada del hombre,
O' en virtude de ſu inconſtancia,
O' a fuerça de mis echiſos,
Que en tan injuſta mudança
Si racional la conoce,
Bruto parece la ultraja.
Y yo, celebrando eſte triunfo
De mi ſoberbia en las alas
Por todo el orbe eſparcida,
Corriendo en verde mapa
Topo en el, rábio al dezirlo;
Aun que en la tierra exaltadas;
Una eſpiga, Oliva, y Roſa,
Que una con boca de nacar,
Con letras de oro la otra,
Otra a luzes de eſmeralda,
Uniformes me dezian
Aqui de toda mi rabia,
Todos tus trofeos, culpa;
Seran en Cidades varias
De nueſtra virtud deſpojo.
Las formidables palavras
Eſcuché no ſin reparo,
De que en florida campaña
Para morder al oydo,
Dexaſſe el aſpid la planta.
De tanto preludio al ſuſto,

La tierra, que me amenaça,
Si la pizo, se estremece,
Si la contemplo, me traga:
Horror le tengo, que aun que
Congeturo, que es màs alta
Deidad, que en Rosa espiga,
Y Oliva mysterios habla,
Basta, bastame, ay de mi,
Mirar, que en terrenas plantas
Busqué inimiga para huyr
Este centro, adonde entabla
La sentencia de mi muerte,
Con letras de oro, y de grana;
Al mar pues, mi estancia mudo,
Que aun que abiertas sus entrañas
Me enseñe el marino monstro
Me muestre el dragon de escama,
El concavo, que sepulta,
El golfo, que sobresalta,
Menos horror le tendré,
Que nò aquella ardiente blaza
A aquella verde secuta
A aquella dorada lança,
Que en espiga, Rosa, Oliva
Contra mi vida se arma.
Aqui pues espero al hombre
Para alabarle por tantas

Cauſas, ſiendo la primera
Aquella zeloſa rabia,
Que contra ſu eſpoſa animó,
Que aun que la traye ultrajada,
Nò tanto, ay de mi, nò tanto,
Pues que miro en ſu inconſtancia,
Que ſi como humano la dexa,
Yà como otro la alaga.
Siguiendo pues las razones,
Tambien ſu muerte, me ataja
Los oprobrios, que el futuro,
Solo en ſu vida me guarda,
Pues ſegurandome eſtais
Las injurias, las infamias,
Que de ſu boca, ò ſu pluma
Seran lunar de mi fama.
Y eſtas plantas myſterioſas
Contra mi batiſinadas
Sin el, ſon cinizas muertas
Con el, ſon ardientes llamas.
Muera pues el hombre, muera,
Que aun que le quiero, me acaba,
Aun que me buſca, me huye,
Aun que me ama, me amenaça.
En eſta Isleta, que hermoſa
Mediando eſferas contrarias
De la tierra es margarita,

Siendo del mar esmeralda,
Tomando el marino traje,
En que me veis como gala
De sirena, cuya voz,
Soltando a los vientos vaga,
Será su dulce despeño,
Representando la farça
De trez escollos, que el mar
Ben açota, y mal ablanda,
Donde trez sirenas fingen,
Que son en su voz piratas,
Pues con ella al passagero
Para perderle le alagan.
Mejor los siglos futuros
Lo diran en las hazañas
De aquel griego, que las velas
Suelta, y el oydo tapa
Por nò escucharlas, y ansi,
Siendo yo Caribdes falsa,
Y tu lizonja la Scila
Delicia la sirtis vana
Al hombre, que del futuro
Ulizes aqui es metafora,
Y yà del mar de la culpa
Surca las tales fragoas
Para acabar de perderle
Con nuestras vozes, que blandas

A los ayres aprizionan,
Quando a las peñas dezatan,
Hasta a que le arrebatemos,
Adonde mi ardiente rabia,
Que al Cielo llamas escupe,
Y en la tierra aspides traga,
Le arroje al golfo horroroso,
Que en las vierdenegras agoas
Del leteo, açufre humeya
O' palidas sombras lança.
Y pues de mi voz trahido
Dulce nuncio à muerte amarga
En el miserable leño,
Yà toma puerto a mis plantas,
Canta, suspende su mente
A las vagas consonancias,
Arranquense los peñascos,
Quando los vivientes pasman.

Eng. Todos uniformes, culpa,
Aprobamos tus hazañas,
Muera el hombre.

Apel. El hombre muera.

Delic. Nuestras vozes soberanas
Sacrifiquen sus potencias
Al imperio de tus aras.

Canta la Culpa.

Ven hombre, ven,

A buf-

A buſcar el favor, ſin el deſden.
Todos. Ven hombre, ven.
Sale el Hombre.
Homb. Al yman de tus vozes,
O' Ninfa, aqui me vez,
Que ſe atrahe una piedra,
Como nò hade atrahir, dime, una fé?
Mas al mirarte dudo,
Ni puedo reſolver
Si le devo a la viſta
El alma, que al oydo dediqué,
Que atento me reſuelvo,
Sea a tus ojos hurto,
Lo que a tus ojos ſacrificio fué.
Yo mil vezes dichoſo,
Pues que quando fiel,
Tomo puerto a tus plantas,
Me dize de tu boca, el roſicler.
Canta.
Culp. Ven hombre, ven,
Hallarás el amor ſin el deſden.
Repreſ. A eſta marina eſfera
Te has venido bien,
Adonde hija del agoa,
Sacrificio del fuego te aguarde
A tu benigna ſuerte
Tienes que agradecer,

Pues

Pues el favor hallaſte,
Adonde era favor
Haſta el deſden.
Homb Y tanto anſi que pienſo,
Porque tu precio ſé,
Que à viſta del lograr,
Soledades me haze el padecer
Tu gracia.
Culp. Nò la nombres,
Que aunque en mi favor es
Por nò eſcuchar ſu nombre,
Haſta por mi decoro romperé,
Y ſi de ella te acuerdas
Traydor.
Homb. Nò acordaré,
Que toda mi memoria
Oy de tu voluntad deſpojo fué.
Culp. Por Rey del mar le aclamen.
Homb. Contigo reynaré.
Culp. El ceptro de Netuno
Le ſirva por alfombra
De ſus pies.
Homb. La corona de Tetis
En ſus cienes poned,
Y a competir con ella
La Dioza quedará para muger.
Culp. Dezid que viva el hombre.

Todos. Viva el grande heroe,
Y anſi como la tierra
A ſu imperio ſe rinde, el mar tambien.
Liz. Los vivientes marinos,
Todos vivas le den,
Solo por aclamarle
A ſu ſilencio rompa el mudo pes.
Homb. Adonde tu beldad
Reyna, nò ſerá bien
Que otro imperio ſe aclame.
Culp. Eſſe al amor por triunfo.
Aqui ſede,
Vamos al alto mar,
Porque quiero que en el
De la tierra te olvides
O' del Cielo, mejor dezir podré.
Homb. Deſpues de haverte viſto,
Nò es poſſible, a mi fé
De la tierra ſe acuerde,
Quando en ti todo el Cielo contemplé.
Culp. El cavallo marino
Prevenid, y traed,
Paſſiemos el golfo,
Y repitamos una, y otra vez.
Muſ. Ven hombre, ven
A buſcar el favor, ſin el deſden. *vanſe.*

Sale

Sale Gracia, y el Plazer.

Grac. Al hombre detengo en vano.
Plaz. Es villano, nò te aſſombre,
Di, que puede hazer un hombre
Con Aſſadon en la mano?
Grac. Que anſi mi beldad ſe vea!
Plaz. Por cierto que es tan donoſa,
Que importa ſeas hermoſa,
Quando le pareces fea?
Grac. Si bolvera?
Plaz. Qual bolver,
El dezengaño te entablo,
Quando ſe anda traz el diablo
Por huyrte.
Grac. Tu Plazer
Siempre comigo te eſtás,
Quiera en bien, quiera en diſgracia.
Plaz. Nuna el prazer de la gracia
Se aparta.
Grac. Ni apartarás.

Dentro el Hombre.

Homb. Valedme Cielos.
Grac. Que eſcucho?
Eſta voz es de mi eſpoſo,
Mira al mar.
Plaz. Apenas oyo.
Homb. En vano a librarme lucho.

Grac.

Grac. El hombre, ay dolor! conſtante
Con todo el mar a perder
Lucha.
Plaz. Como hade vencer,
Si lo ha con un gigante?
Dentro.
Homb. Que me ahogo.
Grac. Nò ay librarle
Del peligro adonde entró,
Que la culpa le llevo
Al golfo para acabarle.
Plaz. Y ſegun la alegoria,
En el todo el mundo và,
Aora la dicha eſtá
En ſi es Noe.
Grac. Quien deria
Hombre ingrato, que mi mano
Trueques por peligro tal,
Baſta ya fiero cryſtal,
A' hombre, à eſpoſo, à hermano.
Mas ay, que mi llanto fragua
A tu peligro otro mar,
Como el agoa hede aplacar,
Quando te duplico el agoa.
Homb. Que me ahogo.
Grac. Ay dolor fiero!
Cielos, que veis tal crueldade,

Soc-

Soccorra vueſtra piedad
Su vida.
Homb. Piedad, que muero.
Grac. Amoroſa piedad.
Plaz. Benigna virtud.
Grac. Salva pues eres virtud.
Plaz. Soccorre pues eres Dioza.

Saldrá la que haze la Oliva veſtida de verde, coronada de ſu rama. Canta.

Oliv. Sereneſe el mar,
Ablandeſe el viento,
Acalleſe el noto,
Soſſiegueſe el luro,
Salvenſe las reliquias
Del Univerſo.
Repreſ. Yo ſoy la Oliva eſpecioſa,
Inigma de aquel protento,
Que en el conceto Divino,
Antes de los ſiglos miſmos;
Creada fuy para dar
Al mundo al precioſo tiempo
El fruto de las piedades,
Y aſſi como piedad vengo
A dar al hombre, que eſtá
En tan miſerable extremo
La primera redencion.

Sal de esse humedo elemento
A ser fenis de las agoas,
Qual otro fué del incendio. *va-se.*
Buelve a repetir la Musica.

Mus. Sereneſe el mar, &c.
Dentro la culpa.

Culp. Marinos monſtros tragadle.
Grac. Piedoſas Ninfas traedlo.
Culp. Denle ſepulcro las agoas.
Grac. Denle los Cielos remedio.
Plaz. El es Noe en las veras,
Y es Ulizes en el cuento.
Sale el Hombre.

Homb. A tus plantas, ò prodigio,
Hermoſo por màs protento,
Quando penſé que en la tierra
Me arroja el mar en el Cielo,
Gracia hermoſa.
Grac. Ingrato hombre.
Homb. Bella eſpoſa.
Grac. Que al inmenſo
En mis deſprecios.
Homb. Yà tuyo
Eternamente proteſto
Ser.
Plaz. Ay, que eres de barro
Para tantos fundamientos.

Grac.

Grac. Fiandome en tu palabra,
Hombre, perdono tus yerros.
Plaz. Ay que es palabra, y es hombre,
Uno tierra, y otro viento. *vanse.*

SEGUNDA REDENCION.

Suena la Musica, y saldrá la Gracia, y el Plazer.

Mus. DEl echiso de la culpa,
Que enfermo, que el hombre está,
Como hade sanar, si es ella
Su paraciſmo fatal;
Como hade sanar,
Si amores le offrece,
Y heridas le dá?
Grac. Y como que herido vive,
Y tan enfermo está yà,
Que para espirar le falta
Solamente el espirar.
De mi, que su vida soy,
Se aparta en tanto desman,
El que de su vida huye,
Adonde la puede hallar?
Mus. En la gracia está su vida,

Y nò

Y nò la quiere buſcar,
Deſdichado del que vive
Por la propria voluntad,
Como hade ſanar,
Si Roſas le mueſtra,
Y eſpinos le dá?
Grac. Nò canteis, que mis oprobrios,
Nò quiero oyr.
Plaz. Pues tu yà nò lo ſabes?
Grac. Si lo ſé, que en eſſo duda nò ay,
Mas una coſa es ſaber,
Y otra coſa es eſcuchar,
Sufra afrentas el Amor
Pero nò la Mageſtad.
Plaz. Pues podeſme tu quitar,
Que yo te diga, que el hombre
Te dexa, ſi màs ni màs?
Por la culpa viega, y feya.
Tu miſma ſiendo deidad
Nò te lamientas?
Grac. Yo ſi,
Porque eſcuchar mi pezar
De agena voz es deſdoro,
Y el repitirlo mi afan,
Será deſaogo, y tanto,
Que te lo intento contar,
Aun viendo, que tu lo ſabes.

Plaz.

Plaz. Esta sabida verdad,
Vaya como cuento nuevo.
Grac. Con todo, attencion me dá.
Aogandose el hombre en el abismo
Del diluvio, ò del mar, que aqui es lo mesmo,
Quando la Oliva de piedades llena,
La paz le traye, y esta al mar serena,
Saliendo a la marina,
Milagro humano de attencion Divina,
Salvando en si para mayor exceso
Las reliquias de todo el Universo,
A mis ojos bolvio, que su disgracia
Huyò la culpa luego,
Estuvo en ausentarse de la gracia,
Dexandola en el agoa, ira de fuego;
Buelve a su vida, que sin ella estava,
Que sin mi nò vivia, aun que durava,
Y el amor por mas fuerte,
Saliendo a revivir, venció la muerte,
Siendo de aquel compuesto en dulce calma,
El hombre, el cuerpo, de quien soy el alma.
Poco duró a mis ojos,
Enseñado a eclypsarlos com enojos,
Que su condicion fragil mal segura,

En la

En la inconſtancia ſola tiene dura,
Porque la culpa fiera deſdeñada,
Aun que bibora ſiempre, aqui pizada
En tan ciegos diſvelos,
De aborrecido amor rabiando en zelos,
Cautelando el veneno como ſupe,
Que una vez traga, y otra vez eſcupe.
Buelve a echizar al hombre,
Y apartarlo de mi, mas nò te aſſombre
El ver que de mis ojos ſe deſtierra,
Que huye del Cielo, porq̃ al fin es tierra.
Eſte vidrio, ò cryſtal ſin fundamiento,
Capaz de ſe manchar con un aliento,
Tambien, que a ſi lo miro,
Puede quebrarſe al ſoplo de un ſuſpiro;
Eſta flor inconſtante,
Que de un Sol a otro Sol, muda ſemblante,
Y as vezes aun que el dia le haja ſalva,
La miſma nò es al Sol, que ha ſido al Alva.
Eſte arroyo violento,
Que a deſpeñarſe corre en un momẽto,
Por una Roſa impura,
Fealdad en ſer, y flor en hermoſura.
Eſte hombre, y yà le baſta eſte renombre,

Todo le he dicho con dizer, eſte hombre,
A la culpa ſe entrega ſin deſculpa;
Mas q̃ deſculpa puede hallar la culpa,
De ella enfermó, y herido
Al hoſpital del mundo le ha traydo,
Y alli que de ſus ojos nò haze auſencia
Viene a ſer ſu enfermera, y ſu dolencia
Y el tan de tierra eſtá pelo que yerra,
Que todo lo que toca, buelve tierra;
Que como ſu alimiento
Es vanidad, ſoberbia, atrevimento
La gula, la impudicia,
La ambicion, la baxeza, la codicia
Al tocarlo ſe adverte,
Que en tierra, como tierra ſe cõvierte,
Y con tal alimento
Tan miſero ſe vê, tan macilento,
Quando de ſi ſe olvida,
Que la vida es la ſombra de ſu vida.
Oyſte yà aquel cuento fabuloſo,
Simile aqui del caſo laſtimoſo,
Que queriendo los Diozes con grãdeza
Pagar de Midas Rey cierta fineza,
Hazen que quanto toca buelve en oro,
Porque en ſu mano tenga ſu teſoro,
Llega a la boca ambriento,

El manjar, y al momento
En oro ſe convierte,
Aun antes que le trague, y deſta ſuerte,
Quedandole impoſſible la comida,
A' mas oro, le dan menos de vida,
Falto de otro manjar ſe vê a la muerte
Dorada eſtatua, de ſu triſte ſuerte,
Pues a ſi el hombre aora
Por merce da culpa aquien adora
En tierra quanto toca lo deſirbe,
Que a ſi paga la culpa a quien le ſirve;
Y aqui la alegoria nò ſe yerra,
Pues lo miſmo es ſer oro, que ſer tierra,
Con que ſin que neguemos ſu teſoro,
Aqui la tierra es ſimile del oro.
Viendole pues la culpa tan cahido
Al hoſpital del mundo le ha trahido;
Pero ſi bien me fundo,
Un hoſpital parece todo el mundo,
Pues nò ay en el, ſi bien ſe conjetura,
Quien enfermo nò eſté de tu locura.
Alli la culpa ingrata,
Al hombre ſimple de enfermera trata,
Siendo contra ſu vida,
Cura engañoſa ſi, cierta homicida,
Y en ſu regaço con el aſpide fuerte
Reclina en flores, y peligra en muerte.

Yo

Yo pues, nò ay otro medio,
Reclamo al gran Rey por su remedio;
Que aun que con mi repudio le ha ofendido, (do,
El hombre ingrato, al fin fue su queri-
Y en tan ardiente llama,
Nunca dexa de amar aquel que ama.
Y aun que oprobrios le agravien; mas espera,
Que en essa de miserias corta esfera
Me parece que suena un instrumento,
Y va saliendo el hombre macilento,
Puertas de su hospital.

Plaz. Só me retiro, puesto que de ambre enferma.

Grac. Tu humor miro.

Plaz. Voyme con tu licencia.

Grac. Y nò entiendo, porque huyes su presencia.

Plaz. Porque soy el plazer, sin mas assuntos,
Y el hombre, y el plazer nò se hallen juntos. (xo,

Grac. Yo tambien me retiro, mas nò ale-
Que el coraçon en sus disdichas dexo.
va-se.

Sale el Hombre, la Culpa de enfermera, y cantan dentro.

Muſ. Uno de tierra, otro de oro,
El hombre un Midas eſtá,
Pero como es hombre es tierra,
Todo es uno, y nada màs.

Culp. Callad, que nò es para aqui
Eſſa letra.

Homb. Ay infelice,
Que ni lo que en mi ſe dize
Puede acordarme de mi.

Culp. Señor, que infelicidad
Supone vueſtro temor,
Si deveis a mi favor
La mayor felicidad.
Nò os ofreſco en dulce calma
Toda en vós conſtituida,
Un alma para la vida,
Una vida para el alma?
Si de mi amor en virtud
Adoleceis en verdad,
Nò os vale la enfermedad,
Mucho màs que la ſalud,
Aun que un hoſpital os trata,
Nò teneis para teſoro
En mis finezas el oro,
En mis verdades la plata,

Con-

Contra el tiempo, y su rigor,
Nò hallais en tanto disvelo,
Mis incendios para el yelo,
Mis flores para el calor,
Nò teneis a vuestro lado
Mi fineza, mi deseo?

Homb. Con todo, Ninfa, me veo
Bien herido, e mal curado.

Culp. Nò te miro, que se assombra;
Ay temor, que te desangre.

Homb. El cuerpo con poca sangre,
Los ojos con mucha sombra.

Culp. Nò son de tus cienes flores,
Mis tiros, que a si desechas?

Homb. Y por tirarme amor flechas
Me coronó de rigores.
O' lá de comer me deis,
Que es mucho mi desaliento.

Culp. Yà traer los platos siento.

Homb. Que es lo que aqui me ofreceis?

Sale el Engaño, el Olvido, la Lizonja, la Delicia con los platos.

Eng. Es un ave, en quien se encierra
Toda nuestra vanidad.

Homb. Yà yo la toco, llegad,
Que la vanidad del hombre
Es tierra, y ayre parece.

Olv.

Olv. Otro plato se te ofrece.
Homb. Dizeme qual es su nombre.
Delic. Una conserva, en que van,
Los gustos, que el mundo apura.
Homb. Yà yo toco su dulçura;
Mas ay, que tierra se estan,
Porque los gustos del mundo
Son tierra, que al fin son suyos.
Culp. Esses discursos son tuyos.
Homb. En mucha razon me fundo.
Culp. Es que tu malencolia
En filosofia dá:
O' là, otro plato llegad.
Homb. Ociosa es vuestra porfia:
Que me dais?
Eng. Una ensalada
De confusion; y en su misto
Tus pensamientos hé visto.
Pruevala.
Homb. Mas ay, que es tierra gustada,
Que pensamientos de tierra,
Tierra son, que horror, que ancia!
Oliv. Este plato de sustancia
Tu valor trae.
Homb. Que guerra,
Gustola sin embaraço.
Tierra es, porque me assombre,
Tier-

Tierra es el valor del hombre,
Porque es de tierra su braço.
Todo es tierra, quanto toco,
Porque tan de tierra estoy,
Que soy tierra, y tierra doy.

Culp. Señor, anima un poco.

Homb. Yà mi duracion declina,
Trémulo, y desanimado
Voy a caer de mi estado.

Culp. Inclinate.

Sale la Gracia.

Grac. A mi te inclina.

Culp. En mi pecho de jasmin.

Grac. En mi pecho de firmeza.

Culp. Bolverás de tu flaqueza.

Grac. Renascerás de tu fin.

Homb. Encanto, y belleza pura
Me llama en lances precisos,
La Culpa con sus echizes,
La Gracia con su hermosura:
Nò sé, que escogan mis penas,
Ni adonde inclinen forçosas.

Culp. En mi regaço de Rosas.

Grac. En mis braços de Açucenas.

Culp. Aparta, mas ay de mi!
Nò puede llegar mi ira,
Porque la Gracia se mira

Po-

Poderosa contra mi
Vicios.
Grac. Calla.
Eng. Que disgracia.
Culp. Usad de vuestros artificios.
Todos. Nò pueden llegar los vicios
Adonde assiste la gracia.
Homb. À resolver nò llegué,
Y tal estado he llegado,
Que yà caygo de mi estado,
Desta silla me valdré.
Sienta-se.
Todos. Mas junto a la gracia està,
Y an si venció su valor.
Culp. Buelve por mi honor.
Grac. Gran Rey, tu favor le dá,
Valgale el ver, que a mi sombra
Se llega en peligro tanto
Vença su valor su encanto,
Y a si la culpa se assombra.
Sale la tierra vestida de verde, coronada de Açucenas.
Canta. Hombre, que semivivo,
Y a tan misero estado
Por tu culpa llegaste,
Porque aqui tu alvedrio
Fue tu astro,

Ali-

Alienta, que te ofresco
El pan precioso, y santo,
Que aun que en tierra nascido,
En el Divino Cielo es creado,
Yo soy la tierra virgen,
Que para ti he guardado
En mis entrañas puras
El pan Divino, por amor de humano,
Y si te miras,
Languido, palido,
Gustale, pruevale,
Mystico, válido,
Que has de bolverte
Belico, candido.

Tendrá un manejo de espigas en la mano.

Repres. La segunda redencion
En esta espiga te traigo,
Que nò hade bolverse tierra,
Porque es del Cielo milagro,
Si en la primera a la Oliva,
Deviste la vida, claro
Está, que alma, y vida deves
A la segunda, este grano
Gusta, y assi vivifica,
Tus pensamientos viciados,
Pan, que en mis entrañas truxe,

Y aqui aora se te ha dado,
De gracia, hade ser vendido,
Aun que nò ay precio tan alto,
Que le meresca con el,
Vencerás deste desmayo
El desaliento, que nasce
En tu misero tresspasso
De pensamientos de tierra
En inconstancias de barro.

Homb. Cielos, que trigo, que pan
Es este, que en mi reparo,
Ofreces, hermosa Dea,
Que passa a ser soberano.

Tier. Es el pan de tierra virgen,
Que en Bellen su fruto ha dado.

Grac. Hombre.

Culp. Bazaliscos vierto.

Grac. A mi favor.

Culp. De ira rabio.

Grac. Deves este beneficio.

Homb. Yà Gracia a tus pies consagro
El coraçon de diamante,
Si ayer ha sido de barro.

Grac. Aun falta a tu redencion.

Homb. Que falta?

Grac. El mayor milagro,
Que a esse pan, siendo Divino

Se

Se le dé trato de humano.
Tier. Nò falta, porque yà voy viendo,
Que yà molido, y pizado
El ultimo aliento dá.
Terremoto.
Homb. Los exes desconjuntados.
Grac. Que el pan molido,
Tu redencion consumando,
A su hermosura quebranta
En el molino de un palo.
Tier. El Sol morió por nò verlo.
Grac. Las piedras se hazen pedaços.
Homb. La tierra en bocas se abre,
Que horror!
Grac. Que assombro!
Tier. Que pasmo!
Homb. O' es hijo de Dios este hombre,
O' el mundo se está acabando.
Grac. Dizes bien, porq̃ hombre, y Dios
Es este pan soberano.
Culp. Yà de la espiga, y la Oliva,
Miro complido el presaguio,
Aqui se acabó mi imperio.
Vicios. Tu cabeça han quebrantado.
Cessa el terremoto.
Homb. Yà por su virtud Divina,
Oy me miro limpo, y sano.

Grac.

Grac. Porque un bocado ha polido,
Curarte de otro bocado.
Culp. Por nò verlo me sepulto
En el màs obscuro cáos,
De las obscuras cabernas.
Vicios. Todos sus passos sigamos,
Cumplices en su disdicha. *Van-se.*
Tier. La culpa huyó.
Grac. Estava claro,
Pues oy acabó su imperio.
Homb. Tu gracia hermosa has quedado,
Mas bella.
Grac. Impieça mi ley,
Y adorno de tantos lauros
Me está bien.
Tier. Nò te desvies
Hombre otra vez de sus braços,
O' quedarás impunido,
Si buelves inmaculado.
Grac. Pues cumple
Si nò, vive el Rey sagrado,
Que la esfera vibre en fuego
La vengança de mi agravio.
Ruydo de truenos.
Homb. Que es esto Gracia Divina,
Que es esto?
Grac. Te causa espanto?

Esto

Eſto es que te aviſa el trueno,
Porque te guardes del rayo. *va-ſe.*
Tier. Pues nò deſprecies groſſèro.
Homb. Nò hede deſpreciar ingrato.
Los dos. La ſegunda Redencion,
Que a todo un Cielo ha empeñado.
van-ſe.

TERCERA REDENCION.

Salen la Lizonja, Delicia, Engaño, Olvido, y ſe deſcubre la fórma de una, que repreſienta el Laberinto.

Eng. COmo os relato amigos,
Aun que de ſu inconſtancia
ſois teſtigos,
El hombre vacilante,
De la culpa a favor camina errante,
Deſpues q̃ a reſtaurarle en tal deſvelo
Se empeña todo un Dios con todo un Cielo,
Su ſer dize ſu trato,
Que hombre nò fuera, ſi nò fuera ingrato.
Yò, que ſiendo el engaño,
Soy en ſu perdicion màs empeñado,
Oy tengo de llevarle ſin diſtinto
Al fiero de la culpa laberinto,

Mas

Mas intrincado ſi, mas horroſo,
Que el que Miños en Creta hizo eſpantoſo,
Adonde el raro Minotauro trahe
Prenda del bruto amor de Phaſifae,
Phaſifae diré, ſu eſpoſa bella,
Que vive ſombra, quãdo naſce eſtrella,
Y en infame deſdoro
Con alma racional allaga aun toro,
Siendo deſte protento
El fiero Minotauro hijo violento,
Y aqui en el laberinto por tributo,
Plato de racional, ſe le haze aun bruto;
Porque fue ſu comida
En deshumana muerte, humana vida,
Para bocado ſuyo por trofeo,
Plata real le trayen a Tezeo,
Y aſſi Miños tomó ſin mas templança
Del que mató a ſu hijo la vengança
El Langoveo fuerte,
Que a manos de Tezeo vió la muerte,
Mas la bella Arina
Hija del Rey, y del defunto hermana,
Viendo en Joven para màs dolores
En pocas primaveras, muchas flores.
El hilo de oro, le ofreció conſtante,
Porque en el laberinto nunca errante,
Se

Se vea, y del azido,
Pueda ſalir cobrado, y nò perdido;
Y logrando con ardid a ſu fineza,
Burló del monſtro, la brutal fiereza.
Eſta la hiſtoria es, el hombre errante,
Solo en ſus deſatinos, nò conſtante,
El Tezeo ha de hazer, al entrar digo,
Porque nò hade triunfar de ſu inimigo,
Que el Minotauro, que le eſpera fiera,
Es la culpa homicida, y anſi infiero,
Que hilo de oro nò havrá contra diſgracia,
Aun que Ariana quiera ſer la gracia,
Porque tan prezo eſtá de ſu paſſiones,
Que huye la libertad, por las priziones,
Con que en la hiſtoria, que es aqui ſu ſombra,
Tezeo el hombre, q̃ por tal ſe nombra,
Aqui hade hazer, y luego ſin deſculpa,
El Minotauro viene, a hazer la culpa,
Ariana nò ay, ſuerte tyrana,
Que hilo de oro le dé.

Saldrá la q̃ haze la Roſa, y el Hombre por otra parte, y el Plazer.

Roſ. Si ay Ariana,
Oy ſoy la Princeza bella,
Soy la Divina Ariana,

Que

Que del perdido Tezeo,
Vengo a encontrar la disgracia;
Hombre pues a su alvedrio,
Nò ay vencer, y ha sido tanto
Tu dureza, què al que libre,
Te le dió, buelvas las armas,
Sin que deste laberinto
Deziftas la horrible entrada;
Porque de tu entendimiento
Es tu voluntad esclava,
Y entras, quando te conviene
Huyr de su sombra opaca.

Eng. Hade entrar.

Liz. Hade entrar.

Homb. Si hede entrar, porque palavra
He dado, a estes cavalleros,
Y tambien a estas dós Damas;
Y aun que tu rara hermosura
A mis potencias arrastra,
Hede entristecer el Sol
Para nò eclypsar la fama.

Ros. Es un monstro el que te espera.

Eng. Un prodigio el que te aguarda.

Ros. Para matarte una fiera.

Eng. Para allagarte una Dama
Es un assombro.

Ros. Un horror.

Eng.

Eng. De perfeciones.
Roſ. De llamas.
Homb. O' ſea mal, o bien ſea,
Tengo de pizar la rara
Senda, deſte labarinto
Por màs que en el me amenaças,
Si es peligro, por vencerlo,
Si es fortuna, por lograrla.
Roſ. Pues yà que reſuelto eſtás,
Y que ſoberbia vana
Haze gala del oprobrio,
Y pondunor de la infamia
Previniendo tu peligro,
Yà que miſero lo ultrajas.
Vengo a ofrecerte el remedio
Mereciendo la vengança.
Yo ſoy la myſtica Roſa,
Aquella flor ſoberana,
Que toda un Dios dió por fruto;
Y todo un amor por gala.
Roſa ſoy de gracia llena
Aqui en eſta ſemejança
De Jericó por myſterio,
Y de Nazareth por patria.
De mi Roſal eſte hilo
Te doy, de Roſas nò vanas,
Que ſon finezas ſeguras

Adonde amor ſe retrata
En lamina de coral,
En lienço digo de grana
Aqui deſte labarinto
A la tenebroza entrada
Le atarás, porque à bolver
Aciertes, pero repara
Nò le dexes de la mano,
Porque à ſer tal tu diſgracia
Quedarás para eſcarmiento,
Si entraſte para arrogancia.

Homb. Palabra te doy, Divina
Dea, de a flores tan ſacras,
Nò ſoltar, quando a mi mano
Con tanto favor eſmaltan.

Roſ. Ciento y ſincoenta te doy
En el hilo.

Eng. A empreza tanta
Como prometes ſoberbia
Nò han de baſtarle.

Roſ. Si baſtan,
Porque eſtas Roſas produzen
De una gracia muchas gracias.

Canta.

Las Roſas del Roſario,
Flores tan raras,
Que aun con las maravillas

Son

Son flor màs alta
Por ellas dize,
Por ellas canta
Ave Maria llena de gracia.
Eng. Rompamos el hilo, pero
Un yelo tengo en las plantas.
Liz. Una remora en los paſſos.
Delic. Un cordel en la garganta.
Todos. Porque el olor deſtas Roſas
Todos los ſentidos paſma.
Eng. Huyamos, que ſon Divinas,
Y ligeros a dexarlas
Eſtaremos, ſi cobardes
El deſazerlas nos halla.
Y al hombre ſi nò en los ojos
Le quedamos en el alma. *van-ſe.*
Homb. Hilo Divino apriziona
A la entrada deſta eſtancia
Tu valor, para que ſeas
Contra mis erradas plantas
El Norte, que las conduza,
El Yman, que las atraya.
Entra-ſe en el labarinto.
Sale la Gracia, y el Plazer.
Plaz. Pues que oy es mio eſte dia.
Grac. Es tuyo, que a plazer llama
Por ſer un dia de Roſas,

Que empieça ſiglos de gracias.
Plaz. Que ay del hombre?
Grac. Vitorioſo
Hade ſalir de la opaca
Sombra, adonde entró.
Plaz. A ſi nò bolviera el a buſcarla,
Nò es un bellaco, que yà
Te toma, y te dexa.
Grac. Calla
Nò injuries ſu ſer, aun que
Lo merezca ſu inconſtancia.
Plaz. Si tu eres la tapa boca
Deſpues de ſer la dexada
Yà aqui nò eſtá quien habló.
Grac. A mi grandeza realça
El ſofrimiento.
Plaz. Eſtá bien,
Y a mi pequenês nò tanto
Pacencia; mas que ay de nuevo,
Que pienſo, que a todo el mapa
Hede ir eſte dia.
Grac. Atiende,
Y ſabraslo.
Plaz. El cuento vaya.
Grac. Viendo el gran Rey, que el hombre de improviſo
Olvida ſus finezas inconſtante,

Una memoria de ellas hazer quizo,
Nò en laminas de bronze, ni diamante
Eternizarlas en las flores hizo,
Que todo puede un Dios, todo un amante,
Acciones de su mente prodigiosas,
Eternizar firmezas entre Rosas.
El hombre pues, q̃ redencion primera
A' vista de Oliva, que feliz tiene,
Y la segunda, que es la verdadera
La espiga prodigiosa le previene,
Necessitando yà de la tercera,
Que a tal estado por sus culpas viene
En las Rosas la hallo, que peregrinas,
Se arman de gracias, si hasta aqui de espinas,
Viendole pues el Rey, de mi alexado,
Y por esso en sus males sumergido
De la culpa, aun que fea, enamorado
De mi amor, aun que hermosa, arrepentido,
Yà de su mismo ser tan olvidado,
Que en lo que es, ignora lo q̃ ha sido.
Trata de darle redencion tercera,
Ingrato a la segunda, y la primera,
Las Rosas, que en su mente soberanas
Del Archivo Divino estan guardadas,

Adon-

Adonde ſus finezas màs que humanas,
En quinze extremos mira debuxadas,
Y a pezar de incõſtancias deshumanas
En tabla de coral iluminadas,
Oy ſaca à luz de Archivo tan profundo,
Para que den olor a todo el mundo,
Y mirando que el hombre con diſtinto,
Que eſſo en ſu ingratitud le haze màs raro;
Entra yà de la culpa al labarinto,
Donde perdido queda ſin amparo,
Enxartando las Roſas como pinto,
Eſte hilo le dá para reparo,
Como el de oro, q̃ en ſuerte tan tyrana,
A Tezeo libró por Ariana,
De mano de ſu Madre perigrina,
Myſtica de mayor esfera,
La redencion recibe, que Divina,
En eſte hilo le dá de primavera,
Y con el bolará, que ſi adevina.
El Minotauro, que en la culpa eſpera,
Viviendo juſto, alegre, ufano,
En quanto nò le dexa de ſu mano.

Plaz. Pues ſalte, y brinque el plazer
Con novas tan dezeadas;
Pero dime el Minotauro,
Tambien ſale?

Grac.

Grac. Neſcio, calla,
Que el Minotauro es la culpa,
Que alli hade quedar pizada.
Plaz. Eſſo ſi, que de otra ſuerte,
Yo con ſer ſu ſemejança,
Antes fuera el Minotauro,
Que el cavallero.
Grac. En batalla
Le hade rendir, y a mis ojos
Bolver a adorar las gracias.
Plaz. Haſta que te dexe.
Grac. Yà tendrá firmeza, y conſtancia,
Porque aquel hilo Divino
Es prizion, con que ſe ata. *van-ſe.*

Sale el Hombre en el labarinto.

Homb. En eſte horror intrincado,
De palida ſombra obſcura,
Voy en tan nueva aventura,
Bien perdido, y mal hallado,
Mas el hilo de flor bella,
Nò ha dexar mi temor,
Que me llama como flor,
Y me guia como eſtrella,
Pero que brillantes flamas
En tantas luzes produzes.

Apa-

Apareceran las luzes, y va salien-
do la culpa de Dama.

Culp. El las mira como luzes,
Y ellas salen como llamas.
Homb. Pero que bello arrebol,
Estas luzes conduzieron:
Quien duda que siempre fueron
Las percursoras del Sol?
Un monstro en esta aventura,
Dizian que me esperaba,
Es verdad que un monstro estaba,
Mas un monstro de hermosura.
Culp. Deidad deste encanto, aqui
Me finjo en falsa belleza,
Y ocultando la fiereza,
Tengo de rendirle assi.
Cavallero aquien ignoro,
Que valiente, y temerario
Llegaste al oculto erario
Donde yo soy el tesoro,
Que intento pudo traerte,
Pizando la senda interna
A esta lobrega caberna?
Homb. El destino de quererte,
Este pudo en tal favor,
Por singular aventura,
Hazerme senda segura

De un labarinto de amor.
Eſte lugar mal diſtinto,
El barinto nò ha hecho,
Que tus ojos en mi pecho
Van haziendo el labarinto.
Culp. De una Roſa amenaçada, *à parte.*
De una eſpiga perſeguida,
De una oliva conſtrangida,
Yà de las dos, fuy pizada,
Y aora que a cautivarle
Buelvo otra vez riguroſa,
Miro en ſu mano la Roſa,
Ay de mi, ſe ha de librarle.
Pero vença mi temor,
Vença mi ſuſto cobarde
Por màs, que el coraçon arde
De mi hermoſura el valor. *para el repreſenta.*
Si a mis ojos por deſpojos
Votaſte tu idolatria,
O' miente tu alebozia,
O' has de quedar a mis ojos.
Aguardo tu deſengaño
Para ver en tal terneza,
Si llegas como fineza,
O' ſi llegas como engaño,
Quedate en eſte lugar

A vi-

A vivir ſiempre conſtante.
Homb. Pides mucho.
Culp. Eres amante.
Homb. Mirarelo.
Culp. Has de quedar.
Homb. A terrible empeño aqui *à parte.*
Su inſtancia me condenó,
Las Roſas dizen que nò,
El amor dize que ſi.
Culp. Aqui hallarás ſin çoçobra
Palacio con mageſtad.
Homb. Donde tu beldad eſtá
Todo lo de màs me çobra,
Y aſi yà reſuelto eſtoy
A quedarme a todo tranſe.
Culp. Te añades en eſte lance,
Lo que valgo, y lo que ſoy,
Pero que flores tyrano,
Tu mano aprizionan bellas?
Homb. Si las flores ſon eſtrellas,
Oy las tengo de mi mano.
Culp. Sueltame luego eſſas flores,
Que me enojan, por tu vida.
Homb. A tenerlas me combida
El mirar, que ſon amores,
Por inſignia del amor,
Oy con ellas me quedé.

Culp.

Culp. Sueltalas, que yo te daré
Insignia de màs honor.
Homb. Para que hazen tus rezelos
Estrañeza destas Rosas?
Culp. Nó miras, que son hermosas,
Y que tengo de ellas zelos.
Dadmelas.
Homb. Que solicita
Tu deidad, flor de otra esfera,
Quando quien es primavera
De flores nò necessita,
Ni me parece esta empreza
Competente a tu cordura.
Culp. Sabes que se me afigura,
Que me quiebran la cabeça,
Por fabor tu amor las ama
De otra dama.
Homb. Nò es verdad,
Que quien las dió fue deidad,
Y tu la tratas de dama.
Culp. Sueltalas luego villano,
O' seré aqui tu homicida.
Homb. Antes dexaré la vida,
Que las Rosas de mi mano.
Culp. Pues yà traidor fementido,
Que provocaste mi rabia,
Tiemble el Cielo de mis iras,

Quan-

Quando ſus luzes arranca,
Las Roſas, y el coraçon
Te hede quitar.
Homb. Nò deſmaya
Mi valor, aun que te miro,
Que prodigio transformada
En el màs horrible monſtro,
En la fiera mas eſtraña.
Irſe-ha transformando la Culpa.
Culp. Ay de mi! yà me conoce. *à parte.*
Monſtro ſoy, y aſſi me trata,
Que a quien nò dexa el Roſario,
Luego la culpa nò engaña,
Hede deſazerte el hilo.
Homb. Nò podrás, que à fuerça tanta
Como ſu valor promete,
Has de quedar deſarmada.
Luchan.
Rindete, tu ſervis ſea
El trofeo de mis plantas.
Caye la culpa.
Culp. Ay de mi vencida quedo,
Que eſtas Roſas ſoberanas
Toda la gracia conſiguen
Toda la culpa quebrantan.
Pero nò podrás ſalir
De la intrincada maraña

Deſte horrible labarinto.
Homb. Nò temo tus amenaças,
Que el hilo de Roſas bellas,
Será Norte de mis plantas.
Culp. Pues yo proſtrada, y vencida
Me acogo a la opaca eſtancia
De la mas honda caberna,
Por nò mirar, que las gracias
Deſtas Roſas, por el mundo
A todo mi imperio arraſtan,
Quien vio Cielos, que la flor
Tenga contra el Aſpid armas? *vaſſe.*
Homb. Ligero corro la ſenda
Por el hilo, a quien el alma
Devo, y la vida biendita,
La ſiempre dichoſa planta,
Que nos dá flores, que eſgrimen
Contra el infierno batallas.
Sale del labarinto.
Muſ. Las flores del Roſario,
Que en tal hazaña
Por el hombre a la culpa
Dexan proſtrada
Por ellas dize
Por ellas canta
Ave Maria
Llena de gracia,

Sale

Sale el Plazer, y la Gracia.

Plaz. Por todo el mũdo eſte dia es mio.
Grac. Eſta gloria alcanças por mi valor.
Homb. Gracia hermoſa
A tus belliſſimas plantas
Tienes el hombre rendido.
Plaz. Y es la tercera jornada
De ſu peque.
Grac. Todo el mundo,
Theatro de tu inconſtancia
Ha ſido haſta aqui.
Plaz. Y es poco
Todo eſſe ſoberbio mapa
Para recogerla, porque
Aun de ſus extremos paſſa.
Homb. Pues yo proteſto de ſer
Deſde oy a tus luzes clara
Tan otro, que me conozcas
En nò tener ſemejança.
Grac. Y quien lo fia?
Homb. Eſtas Roſas,
Porque debo a ſus hazañas
El ſaber rendir la culpa,
Bolviendo a buſcar la gracia,
Pues con ſu Divino hilo
Tezeo de mejor fama
Del labarinto ſali

De

De culpas, para que en alta
Fortuna quede tu esposo.
Grac. Pues Rosas tan soberanas,
Que de Maria Divina,
Que ha sido aqui la Ariana,
Son el hilo, y el Rosario
Para tus fiadores llamas;
Tu esposa, y tu amante soy.
Plaz. Por muchos siglos lo ayan,
Y la redencion tercera
En esta sombra nò vana
Del hombre por el Rosario
Aqui se vé retratada.
Grac. Y pues las Rosas Divinas.
Homb. Pues las flores màs, que humanas.
Grac. Han esparjido su olor,
Homb. Han dado tanta fragrancia.
Grac. Por ellas dize.
Homb. Por ellas canta.
Todos con la musica.
Ave Maria
Llena de gracia.

FIM.

FIN.